

A black and white photograph of a smooth, light-colored rock on a dark, textured surface. The rock is the central focus, with a soft shadow cast to its right. The background is a dark, grainy texture.

piritas  
siderais

romance cyberbarroco

guilherme  
kujawski

Milagres acontecem. *Piritas Siderais* foi, para mim, um presente, totalmente inesperado, da Internet, a grande rede planetária de computadores.

Guilherme Kujawski descobriu meu endereço eletrônico e, com toda polidez do mundo, me enviou uma cópia do seu livro. Comecei a ler a primeira página com enorme receio. Afinal, obras que aparecem assim não solicitadas (mesmo através de mídias tecnologicamente tão de ponta) são geralmente anúncios de pesadelos estéticos. Mas o receio logo se transformou num entusiasmo a cada frase maior. Li todo o livro de um só fôlego (desculpe-me o lugar-comum, mas eu me senti como que possuído por um *best-seller*) e ao dobrar a última página, de madrugada, não resisti e acordei vários amigos só para compartilhar a alegria daquela descoberta. *Piritas Siderais* passou por várias máquinas da Xerox e ganhou o status de *romance-cull* para quem bateu os olhos nas cópias que consegui fazer circular.

O leitor de *Piritas Siderais* fica arrebatado, inicialmente, pela originalidade do projeto literário de *gkramos* (a sigla pela qual seu autor é conhecido nos domínios da Internet). Não existe nada semelhante no panorama da literatura brasileira ou internacional. Pode-se pensar nas escrituras, também muito particulares e desgarradas, de um José Agripino ou de um Fausto Fawcett. Pode-se estabelecer comparações com as estrelas do *cyberpunk*, como William Gibson ou Bruce Sterling. Mas nenhum desses paralelos é exatamente esclarecedor (e, como fui saber depois, *gkramos* nunca leu *Santa Clara Poltergeist* e ficou decepcionado com *Neuromancer*). Mais interessante é citar logo o cubano Lezama Lima. *Piritas Siderais* pode muito bem ser propagandeado como o primeiro exemplar – e

enquadrado numa escola literária – de cyberbarroco. *Piritas Siderais* é talvez a experiência estilística mais rigorosa e mais caudalosa – à qual já foi submetido o imaginário da ficção científica contemporânea.

Produto de mais de cinco anos de um trabalho braçal, cada uma de suas palavras foi escolhida a dedo, como se fosse para testar os limites da etimologia passada e futura (já que qualquer raiz equivale a qualquer antena) da língua portuguesa. É, sem dúvida nenhuma, um tratamento de choque, impossível de ser encarado com indiferença. E melhor: esse rigor aparece aliado a uma enorme fluência narrativa, a uma criação de personagens e situações inesquecíveis, a um senso de humor afinadíssimo. Dei muitas gargalhadas ao ler *Piritas Siderais*. A consulta constante ao dicionário só aumenta a comicidade (ou a seriedade, tanto faz) da empreitada.

Então, que o leitor se prepare: este livro é o caminho mais divertido para o deslumbramento/desnorteamento lingüístico/literário. Guilherme Kujawski nos guia por um Brasil, terra do pós-tudo, onde o futuro é a apoteose da política-candomblé conjugada em regime de "hipertexto". Numa única página podemos nos deparar com Zapata e a Erva do Diabo, o Surfista Prateado e Ted Boy Marino, um CD-ROM e a *juju music*. O que mais podemos desejar? Ainda bem que inventaram a Internet.

Hermano Vianna

### O Autor

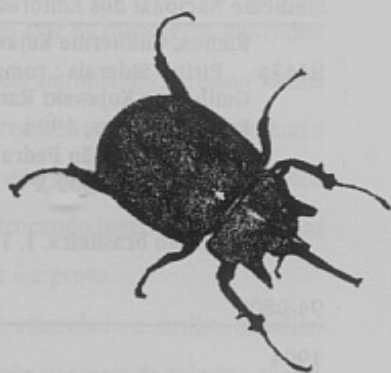
Guilherme Kujawski, descendente de poloneses e franceses, nasceu em 1964 na cidade de São Paulo. Teve uma infância marcada por escolas experimentais. Começou a escrever contos aos 10 anos de idade, influenciado por Edgar Allan Poe e o som do Pink Floyd. Trabalhou como fotocompositor e tradutor de histórias em quadrinhos. *Piritas Siderais* é o seu primeiro livro publicado.

# piritas siderais

romance cyberbarroco

sugestão editorial: carlos nader

guilherme  
kujawski



## APRESENTAÇÃO

### A ficção cyberbarroca

#### *Uma rede eletrônica planetária*

Um gigantesco esgoto público de informações, uma genial caixa de correspondência planetária, um imenso *shopping center* virtual, onde se pode comprar, consumir e trocar serviços, produtos, cultura, diversão e arte. Foi aí, na Internet, um conglomerado de redes de computadores (*bbs*) que não cessam de se expandir e multiplicar pelo mundo inteiro, que Guilherme Kujawski, autor do primeiro romance cyberbarroco brasileiro, jogou sua mensagem eletrônica de SOS procurando um leitor ideal para o seu *ouro de tolo*, suas preciosas *Pirritas Siderais*, título de sua obra de estréia. No mar de mensagens das redes, a garrafa eletrônica com o apelo foi vista pelo antropólogo Hermano Vianna que, pelo bom e velho correio tradicional, recebeu os originais e espalhou a boa nova para incrédulos amigos: existe vida inteligente no mundo dos *nerds* adolescentes que infestam as *bbs* trocando joguinhos, programas e fotografias pornôns. O livro de Kujawski é a prova.

As *Pirritas* (mineral de cor amarelada e brilho metálico usado na fabricação de ácido sulfúrico) não pararam de reluzir e foram levadas pelo *videomaker* Carlos Nader, outro usuário das *bbs* proprietário de um cérebro, para o poeta Waly Salomão, que prontamente

reconheceu o ouro sob o artificioso amarelo metálico da obra. Pondo pedra sobre pedra, Waly Salomão lança estas *Piritas Siderais* com pompa e circunstância, como livro de estréia da coleção Pedra de Toque, com a qual o próprio poeta inicia seu trabalho de editor na tradicional Francisco Alves.

O livro de Kujawski – paulista, 30 anos, três faculdades interrompidas (letras, direito e história), ex-tradutor de histórias em quadrinho dos heróis Marvel, programador visual que vinha esculpindo as suas *Piritas Siderais* há cinco longos anos – inventa uma linguagem e estilo originais. Combina termos vindos da informática com estrangeirismos, arcaísmos, classicismos, enciclopedismos, gíria de rua, numa salada filológica, etimológica e lexicográfica infernal.

Arte combinatória, barroca, que vem se configurando ao mesmo tempo em que produz uma ficção científica do próprio presente. Ficção literária em que a linguagem – truncada, telegráfica, icônica, com barbarismos hediondos como *uploadar* (transferir), *deletar* (apagar), *encriptar* (usar criptografia) – é o personagem principal.

A mutação da linguagem está no ar (a última *Time* faz um perfil dos bardos da Internet). Renovação contemporânea da escrita que vem sendo potencializada pela informática ao criar toda uma linguagem visual combinando palavras grafadas e ícones, e consagrando o estilo telegráfico, tipo bilhete de porta de geladeira, como estilo, no mais puro laconismo Dalton Trevisan. O teórico francês Pierre Levy chama a nova linguagem de *ideografia dinâmica*, uma escrita informática, que ainda não existe, mas poderia aparecer como uma língua lúdica, de ensino e formação. Exemplo de ideografia: você clica um ícone representando uma chama e, com a ajuda do *mouse*, aproxima o ideograma da chama, representando um cubo de gelo; num instante, os dois ideogramas se

metamorfoseiam num terceiro com três traços ondulados representando a água. *Hai-kais* cibernéticos?

O fato é que, fora o laconismo *nerd* tipo *bi*, *helô*, *oi*, *olá*, nunca se escreveu tanto quanto nas redes de informação sem fronteiras, como a Internet. Oeste eletrônico onde qualquer um pode entrar, via o *bbs* mais próximo, para trocar mensagens, participar de fóruns, debates, *encontrar* pessoas, *acessar* bibliotecas inteiras e até freqüentar grupo de estudos (no *e-mail deleuze.request.std.com*, pode-se discutir no momento o primeiro capítulo de *Mille plateaux*, de Deleuze e Guattari).

Ao invés de destruir a escrita, a informática estaria criando uma nova língua que o livro de Kujawski inventa e da qual faz a paródia, ao mesmo tempo. Nas suas “hipergazetas” ironiza o jornalismo do século 21, reduzido a manchetes oraculares e sonoras tipo: “Frankenstein faz tomografia em auto-elétrico e costura corte em overloque” ou “Cloaca de Callas crocita para busto de Pallas”, *info bai-kais* que condensam o máximo de informação numa única linha, como fazem os “hipertextos”, a base da navegação eletrônica. O “hipertexto” é a possibilidade de se navegar num texto através de palavras previamente marcadas, leitura acentrada, com múltiplas entradas – palavras que podem nos enviar a uma simples nota de rodapé ou a um livro inteiro, numa remissão infinita de um texto a outro.

As *Piritas* são um “hipertexto” sem notas de pé de página ou dicionário eletrônico, o leitor que “queime a mufa” e saia cruzando as informações, que o sentido não tarda. Usuários da Internet têm um verdadeiro vocabulário paralelo tipo IMO (*in my opinion*), IMHO (*in my humble opinion*), MOTOS (*member of the opposite sex*) que o livro parodia. A escrita de Kujawski, leitor de Guimarães Rosa, James Joyce,

Tristan Tzara, Lezama Lima, é pura criptografia. Em informática, a criptografia serve para tornar um texto temporariamente incompreensível pelo uso de cifras especiais que formam um código.

O autor de *Piratas Siderais* mostra-se um excelente criptógrafo, fazedor de linguagem cifrada. Em informática, com uma *password*, uma senha, você criptografa ou reverte o texto para a forma normal. Kujawski tem várias senhas de acesso: a cultura informática, a ficção científica, o gosto pelos dicionários e enciclopédias, a etimologia são algumas delas. É um fervoroso usuário do *Gopher* e do *Verônica*, poderosas ferramentas para a localização de arquivos por meio de palavras chaves, pelas quais se pode rastrear tudo sobre determinado assunto nas bibliotecas, universidades, empresas e com usuários conectados na rede. É a melhor forma de transformar pirita em ouro, transformar a mais incrível lata de lixo da cultura internacional, a Internet, na enciclopédia universal da era da multimídia e da informática.

Ficção científica burlesca a serviço do pensamento e da imortalidade é a definição de Guilherme Kujawski para seu livro. A atmosfera *cyber*, cruzando o imaginário dos contos de fadas (magos, guerreiros, deusas), com dilemas existenciais milenares, genética e física quântica, acaba falando de coisas seriíssimas. As novas tecnologias de informação fascinam e deslumbram pela possibilidade de simular o processo de pensamento humano: os caminhos da informação no cérebro, as sinapses, as elipses, os *cut ups*, sínteses, metonímias, metáforas. A questão crucial é como transferir ou simular o processo de pensamento no computador. Movimento de desencarnação no qual o computador torna-se o mais sofisticado "cavalo" do homem. Numa macumba

cyberbarroca, como na hilariante paródia de *Piratas* em que a *metafísica quântica* produz um genial comércio de corpos no qual qualquer ser vivo pode virar “cavalo” de deuses, espíritos e pensamentos desencarnados.

E o que aconteceria se pudéssemos plugar todo nosso banco de dados humano, memória, percepção, sensação, num computador, puro cérebro conectado à grande rede planetária de informações? A questão atormenta filósofos, engenheiros, físicos, leitores das revistas *Wired* e *Mundo 2000* e usuários da Internet.

A inteligência das redes, a possibilidade de se criar coletivamente textos, obras, programas, de autoria coletiva, já está em curso em singelas histórias e intrigas que rodam nas *bbs*. No Brasil, uma rede muito especial funciona há dois anos e se chama Art Net. Organizada pelo escocês Charles Watson (acesso pelos telefones 551-1356, 552-0244), Art Net é um museu virtual da arte contemporânea brasileira que pode ser acessado do mundo inteiro. A equipe de Watson produz até outubro um CD-ROM com as obras dos artistas plásticos brasileiros em que cabem de sete a oito quilos de cartões postais dos trabalhos de cada um. Watson quer fazer da rede um fórum de debates sobre estética, tecnologia, arte. O recente lançamento de *Ensaio sobre a contemporaneidade*, de Arlindo Machado, primeiro livro brasileiro de teoria em CD-ROM (versão para testes), usa a própria tecnologia (trechos de filmes, vídeos, desenhos e animações) para discutir a estética e o pensamento na era da informática.

A idéia de habitar a grande rede de informações já animava um filme como *Tron: uma odisséia eletrônica*, lá pelos anos 80, na pré-história da era da informática. Mas navegar no espaço virtual das redes, no *cyber space*, pode ser perigoso. A revista *Wired* é fórum de incríveis debates éticos envolvendo *hackers*, infomaniacos que usam os computa-

dores de forma lúdica e criativa, e *crackers*, os piratas que utilizam a informática de forma antiética para invadir bancos de dados do Estado e privados. Até estupro virtual já foi discutido.

Os xerifes do *cyber space* se digladiam na Eletronic Frontier Foundation, que quer regulamentar os limites de acesso aos bancos de dados e a livre navegação. A questão dos direitos autorais em informática é um problema seriíssimo. Recentemente, Bruce Sterling, autor de *Piratas de dados* e *The Hacker Crackdown: law and disorder on the eletronic frontier (A repressão ao hacker: lei e desordem na fronteira eletrônica)* jogou seu livro nas redes advertindo que seus leitores eletrônicos poderiam copiar, imprimir, passar adiante a obra desde que não ganhassem um centavo com isso, sob pena de serem *massacrados* pelos advogados da editora por violação de direito autoral.

O autor de *Piratas Siderais* ainda não sabe se vai jogar seu romance na grande rede, mas já começou a rastrear mais informações para o próximo livro. No momento, vasculha via Internet os arquivos da Biblioteca da Universidade de Pisa, para obter informações sobre um obscuro ministro de Napoleão. O próximo passo: combinar a estrutura dos RPGs, joguinhos interativos em que você inventa personagens e dá o rumo da história, com a saga dos bandeirantes paulistas.

**Ivana Bentes**

Texto publicado originalmente no Caderno Idéias/Livros do *Jornal do Brasil* em 2 de julho de 1994.

## PREFÁCIO DO AUTOR

### Pequeno ensaio sobre as "hipergazetas"

A linha narrativa de *Piratas Siderais* possui dois níveis de leitura: o nível do enredo principal e o subnível das "hipergazetas". O enredo principal é rematado, ao final de cada capítulo, por blocos de frases avulsas que, aparentemente, foram compostas baseadas em uma teoria de criação, pois há indícios de autoria (os criadores são *backers* autores de textos mutáveis por vírus especiais. Estes criminosos preferiram a carreira de escritores à de consultores de sistemas). Os prováveis reflexos da hipótese de que os meios de comunicação podem alterar o modo de pensar de um povo e de uma época são satirizados através das "hipergazetas" (referência aos livros interativos para serem lidos em um computador, feitos por programas do tipo *tool book*). Atualmente, o que mais se aproxima disso é conhecido pelo jargão de "hipertexto", isto é, um texto informatizado que não existe sem contexto em uma complexa rede de bancos de dados. Os enunciados inseridos no final de cada capítulo são uma sátira a esse avanço da microinformática no campo da biblioteconomia, pois a literatura multidisciplinar passaria a sofrer um processo de "revolução permanente". Nota-se que não há neologismos nos textos das "hipergazetas", pois todas as palavras são preexistentes e

formam uma espécie de "inventário memorioso". Esta modalidade de expressão futurista incita a proposição de que, com a microinformática, o armazenamento de conhecimento perde sua característica determinante, pois, diferente do registro tipográfico, os registros computadorizados têm acesso irrestrito e podem ser manipulados ao bel-prazer dos usuários de bancos de dados. Isso levaria nossos descendentes a desenvolverem novos processos mnemônicos para a manutenção do saber social. Com isso, podemos presumir que os leitores do futuro se utilizarão de duas técnicas para a retenção do saber: a primeira consiste na concordância de sons e associacionismo das palavras e a segunda, na compressão da mensagem escrita. Um dos inúmeros efeitos deste possível retorno à valorização da palavra seria a alteração da maneira de articular a fala dos usuários, pois a comunicação escrita veiculada por um meio participativo diminuiria a distância entre a palavra grafada e a palavra falada. O ícone do besouro que separa os enunciados e que, quando acionado pelo *mouse* do pregoeiro literato recombina o fraseado, remete a outro jargão da informática, o *bug* (isto é, um entrave de sistema). Neste caso, tal ícone é a própria imagem do vírus. Além da óbvia citação ao "hipertexto" (claro, em cadência linear tipográfica), há uma revisão distanciada das técnicas poéticas de Tristan Tzara, com a ressalva de os enunciados das "hipergazetas" não terem um caráter aleatório. Neste sentido, o texto do dadaísta denuncia mais o artifício do automatismo do que os enunciados das "hipergazetas", que foram manufaturados com a exaustão requerida por um soneto.

O que para os leitores atuais parece ser uma declamação aloucada e sem método, para os do futuro poderá ser um eficiente sistema de aprendizado.

## *Piratas Siderais é ficção científica "cyberpunk"?*

Nada mais justo que a novela tenha recebido a atribuição de uma corrente renovadora da ficção científica americana, que é conhecida por "movimento cyberpunk". Rudy Rucker, um dos arautos deste movimento literário, resume o estilo em dois itens: condensação de informação e reflexões sobre a revolução tecnológica dos computadores. As "hipergazetas" podem representar, não incondicionalmente, o primeiro item.

O esteticismo exacerbado da conduta narrativa resvala também no primeiro item, pois há abundância de estrangeirismos, classicismos e metáforas insólitas, supervalorizando o estilo em função do mote da história e transformando a linguagem em protagonista. Porém, estes elementos pendem mais para um culteranismo barroco revitalizado, pois a novela tem o esmero de um criptograma e não de um tratado científico envolvendo redes de bancos de dados.

Quanto ao segundo item, um dos argumentos secundários da novela funda-se no princípio básico de mediação de um meio de comunicação (neste caso, o computador). O computador, no decurso da narrativa, é visto como um emulador de mensagens que, ao mesmo tempo, credita ontologicamente um objeto através de sua imagem. A correlação proposta é feita pela justaposição da intermediação maquinal (mídia) e da intermediação humana (médium). Essa relação satiriza um tema caro à literatura *cyberpunk*, que é a agregação literal entre homem e máquina.

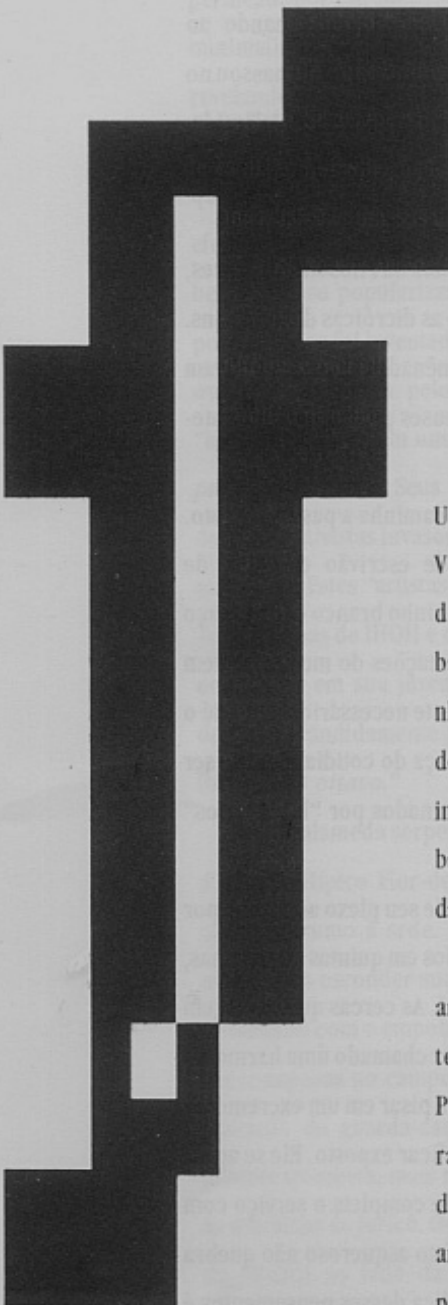
Outro argumento secundário baseia-se na Hipótese de Gaia, desenvolvida por James Lovelock, que afirma ser a Terra (e, por extensão, qualquer planeta) um organismo vivo, com períodos de desenvolvimento de "membros" (movimentos da crosta), febres

(mudanças climáticas) etc. A Hipótese de Gaia é nitidamente mais poética do que científica.

Contudo a estratégia utilizada na confecção da novela é discutir questões supostamente elevadas dentro de um cenário futurista. O argumento principal refere-se à impossibilidade de desumanização do Homem, seja pela eterna inclinação da humanidade em submeter a crença à ciência e, conseqüentemente, fazendo a ciência homologar a crença, seja pela realização de que os atos humanos não são ditados por moralidades humanistas abstratas, mas por um simples e acabado epicurismo egocêntrico.

As peripécias envolvendo reencarnações, o tema do "fantasma na máquina" (outro tema caro ao movimento *cyberpunk*), fábulas infantis travestidas, misticismo claustrofóbico, formam um conjunto que foi muito criticado por nosso ilustre Tobias Barreto, citado no último parágrafo, e que via no misticismo um retrocesso da Razão. O eminente jurista jamais se imaginaria, após sua morte, orquestrando uma horda de espíritos com tendência a contadores de casos.

*São Paulo, 6 de outubro de 1993*



UTURO, A FRONTEIRA FINAL. A TERRA DE Vera Cruz acompanha capenga o progresso do mundo, principalmente sua maior conurbação, São Paulo de Orunmilá. Entretanto, nenhum cidadão ignora que o país está na lista negra do conglomerado Koumei, com sua chusma de indolência insolúvel nos rios onde os índios se banham e com sua cor local dissolvida pela teoria das cores do *trust* açucareiro.

O século 21 diferencia-se do século anterior por sua extraordinária capacidade nanotecnológica. Os sectários do Clube Couch Potatoes continuam cultuando as televisões, agora chamadas de micro-HDTV. Os heróis dos desenhos animados assemelham-se muito aos antigos — sendo esta antigüidade inatingível pela perseverança de um Schliemann, com a

ressalva de serem um pouco mais complexos, proporcionando ao videota um pretense espetáculo pirotécnico. Um exemplo disto passou no canal 301 na última quinta-feira: o saudoso Namor, príncipe de Atlântida, arremessa um fogo-de-santelmo em um bivaque guardado por um personagem que se auto-intitula Jaspion de Ormuz.

Este é um século propício para a retomada da Filosofia das Luzes, pois o que mais atrai a atenção das pessoas são as dicróicas de pósitrons. As donas-de-casa, hoje mais irascíveis que as mênades tricoteiras, lavam suas roupas sujas a céu aberto, para que os deuses possam ver um bate-boca na primeira fila.

Em uma alameda da capital, um negro caminha a passos de gato. Os muros caídos ressaltam sua maneira de escrever clássico, de amanuense do sovina Ebenezer Scrooge. O colarinho branco cede espaço para o cafetã damasceno. Para ele, as representações do mundo podem ser analisadas *in silico*, pois não é absolutamente necessário viajar até o Nepal para saber o que é um três-em-um. A maçã do cotidiano pode ser resolvida com entretenimentos mentais patrocinados por "hipertextos" abundantes em morfemas morfinados.

O negro aperta o passo e a barrigueira de seu plexo ao passar por alguns terrenos baldios que foram transformados em quintas alentejanas, devido à penúria geral e à desvalorização venal. As cercas que protegem esses terrenos estão distantes do que poderia ser chamado uma harmonia preestabelecida. Mas a pressa leva o andarilho a pisar em um excremento humano, a pior matéria a que um pisante pode ficar exposto. Ele se apóia nas cercas para limpar a sola com um graveto e completa o serviço com algumas folhas de hera que estavam à mão. O fato asqueroso não quebra o ritmo de seu livre pensar, pois a linha melódica desses pensamentos é

permeada por estranhas sentenças que irrompem com a fúria de máximas minimalistas. Os enunciados são sem sentido à primeira vista, apenas revelando uma sonoridade paranomásica, mas uma análise mais acurada mostra seu poder de epítome deste *Zeitgeist*. Mas qual a origem deles, qual a finalidade, a intenção? Por que disquetes contendo frases sem efeitos circulam como periódicos em época de guerra? Pois os disquetes beletristas se popularizaram e se tornaram verdadeiras instituições; e porque o riso foi inventado por Aristóteles. Os disquetes, contendo textos que se rearranjam pelo “vírus do escarabeu”, são conhecidos por “hipergazetas” e têm uma aceitação popular só comparável aos antigos *pulps* americanos. Seus autores deixaram de ter a marca indelével de desconstrutivistas invasores de sistemas e hoje ostentam sossegados seus galardões. Estes “artistas” freqüentam obscuras seitas agnósticas como a Testemunhas de JHOH e citam Ripley nos lançamentos de suas obras. Um deles, que em sua juventude divertia-se como um verdadeiro *backer*, declarou candidamente para um repórter: “Às vezes tenho saudade do formato *in oitavo*.”

A alameda serpenteia como um estuário para uma avenida perto do Clube Hípico Flor-de-Lis, onde gigantescas espadóteas formam um corredor rumo à sede. Os sócios da Hípica não precisam se esforçar muito para esconder suas origens aristocráticas, pois o estilo *bas-fond* se alastrou com o empobrecimento geral de todas as classes. Quando vão caçar raposas no campo, o vira-lata do guarda-caça é um *foxbound*, o macacão do guarda-caça é um redingote e a língua-de-sogra é uma potente trombeta, mais reverberante e sibilosa que aquela que derrubou as muralhas de Jericó. Outro fato digno de nota é que, quando soa a sereia da fábrica ao lado da Hípica para a hora do almoço, os *playboys*

desmontam de seus cavalos, tiram um sanduíche de mortadela do bolso e, encostados nos jarretes, comungam junto com os trabalhadores braçais. A aristocracia decadente não vai mais à Sotheby's, mas à feira de artesanato da praça da República, faz guerrinha de *cbop suey* em restaurantes chineses e vê em seus humildes jardins de inverno uma galeria de vitrais.

O negro que passa pelo portal da Hípica é de ascendência banto, mas sua tez mais parece uma casca de kiwi. Sua militância pela impostura da negritude não dirime uma leve tendência para o gris. A perspectiva da avenida é ampla, o que o faz distinguir entre o espelho universal da multidão de transeuntes uma certa mulher, mais negra que a noite dos bororós, que surge de um carço de tucumã, um pedaço de negrume redivivo. Sua maior atitude é sua altitude, pois ela é sempre confundida com uma titânite pivô de basquete. Segundo os cálculos do negro, aquela sequóia é sua ex-esposa. A constatação dispara um alerta vermelho, pois lhe vem à memória a metáfora do pato selvagem que foge da pasmeceira invernal e imigra para o calor do colo tropical. A raiva de um elefante ferido não se equipara à raiva de uma mulher traída, e a traição do negro fez com que um coração fosse vendado e fuzilado sem direito ao último pedido. Este coração virou uma espécie de músculo entrópico, gerenciado por um insano signo passional. Não é à toa que seus encontros são sinônimo de tabefes. O negro automaticamente se esconde atrás da peanha de uma estátua do Conde D'Eu, o repugnante comedor de criancinhas, mas por certo um cura de excelsa caridade comparado àquele tenente americano que banhou o rio Mekong de sangue. A mulher passa ao largo da tocaia percutindo sua cabeça como uma galinha garnisé embevecida, com suas córneas de palmito abrigadas pelos agulhões de enormes cílios postiços. Sua vistosa túnica da Costa é um chamariz de içá,

e sua presença lembra fogos de artifício nas noites de lua nova de um planeta com um nodo imbricado. Após tanta violência, não é para menos que os caminhos de Swan foram parar nas selvas da SWAPO.

Depois de ficar alguns minutos de atalaia, o negro sai seguro para seu descampado primaveril e esbraveja ao ver uma mácula de fuligem em seu vestal terno de linho branco com a lapela debruada de seda. Mas seu bom humor volta ao normal com transportes calmantes providenciados por um final de dia de trabalho. Apesar da polimatia requerida para se sobreviver nestes dias, a especialização ainda é a voga do novo capitalismo, o que não impede a enorme proliferação de nefelibatas contraproducentes. Um exemplo típico desta horda desordeira é este operador de pregão, que berra lances de *krill* gordo — o camarão polar que substituiu a carne vermelha — enquanto tem pensamentos doídivanas granjeados pela praga dos disquetes viróticos.

Um caminhão que vende gás passa tocando a Bachiana nº 5. Os subtons emitidos são ajustados para ter função terapêutica. O negro, ao ouvir o clássico de Villa-Lobos, lembra-se de seu amigo imigrante de um enclave ao leste da Armênia, ex-ferroviário dos trilhos da transcaucasiana, naturalizado Terêncio Vale em homenagem a seu ator predileto, Terence Hill. No Brasil entrou para o comércio, fazendo valer eventuais raízes semíticas do caduceu — e não da usura pura e simples, pois seus olhos esmeraldados, mais verdes que um canavial, brilham nos esmerados balanços quinzenais. Nunca foi provado que tivesse um caixa dois, só sendo encontrada uma caixa-preta de avião pelos fiscais no fundo de sua loja. Em caso de concordata, a caixa-preta será a única detentora das falhas humanas que originaram a queda da bem-aventurança. Nem a caixa-preta de Tenerife possuía tal responsabilidade.

O negro abre um chiclete que, diz o invólucro, é feito de látex de seringueira e começa a mascá-lo com uma porfia desenfreada. Junto com o chiclete, vem um brinde de transfix com a figura do Mickey Mouse trepanado. O primeiro reflexo do aforrado é tatuar o brinde em um poste, e o segundo, perceber que sua bexiga está transbordando, uma questão de vontade e não de inclinação. Infamemente, o trigueiro apertado sobe no poste com a destreza de um marinheiro subindo para a gávea, mas não enxerga nenhum banheiro público, e sim uma panificadora cercada por um fosso de castelo medieval, precaução para evitar ratos de gleba.

O interior da padaria é preenchido por quadros de fotos retocadas de parentais bem ao estilo *Biedermeier*. O forro é constituído por placas de gesso requadradas por adornos de ramos de louro. A coifa de bronze tem bordas filigranadas e a parede ao fundo, grossa como uma parede de *dewar*, foi levantada por um estranho processo de alvenaria. Há uma prateleira repleta de garrafas de cachaça. O corredor do balcão engordurado leva a uma porta com um respiradouro. O negro pede licença a uma dupla de gendarmes realistas para seguir em direção ao mictório. Um dos policiais tem o nome "Miguel" bordado ao lado de sua alabarda; o outro fala algo sobre submarinos nazistas que invadiram as águas brasileiras na época da Segunda Guerra Mundial. A porta vai dar em um depósito sob um paiol. O panorama é preenchido por rebotalhos e garrafeiras amontoadas. Moscas-varejeiras em profusão cobrem um *freezer* enferrujado. Bocas de fogão de alta pressão empilhadas formam um totem retorcido de Manité. À direita, há uma porta de *saloon* com duas letras impressas que são as iniciais de um antigo cantor da Jovem Guarda, um mártir da *flaming youth* do patropi. O banheiro tem azulejos

de cor cobalto cobertos por ranço. A torneira da pia, em forma de cruz de Santo André, desperdiça um filete de água sobre o alabastro emplastado por material muscineo. O cromo do espelho está tão borrado que transformaria o mais convicto dos machistas narcisistas em um misógino. A tábua da privada está revestida por pedaços de papel higiênico tipo lixa. A imagem mais próxima do dejetos remanescente é a de uma magnetita ao *fungbi*, mas a ojeriza que inspira é mais potente que a coprofagia. Um camalote de teias cobre o vitrô que parece uma escotilha de brigue. Afixado ao vidro há uma flâmula do Corinthians com a âncora de Potenkim, os remos, e o pavilhão do departamento de São Paulo de Orunmilá, um estudo vexilográfico das cores do santo. O antro cheira a uma concupiscência biliar disfarçada com creosoto. O negro abre o fecho, retira o inominável de glande encerada que sobrecima um baiacu inchado e abre peristalticamente as comportas do esfíncter. O jato irrompe como champanhe de *réveillon*. O aliviado recolhe o guizo, funga com seu narigão sem septo e sai daquele sino de ar comprimido com o orgulho de um númida esclarecido.

A sarjeta da rua está repleta de tanajuras — cujos rabos podem servir de perretil antes de um prato de pombo grelhado — que foram praticamente domesticadas a tocar uma *tarantella* às cigarras possuídas da colônia penal de Sing-Sing. O negro atravessa um cruzamento, mas, ao passar pelas linhas paralelas que se fecundam no ônfalo de Judas, uma carreta de hórtil-frúti quase deixa sua passagem pela Terra *in memoriam*.

No outro lado da rua há um pequeno canteiro com bromélias cercadas por travinhas de *cricket*. A espera da condução é amenizada por uma lixada de unhas e um assovio de *muzak*. O táxi parece um *tuk-tuk* tailandês com motor V8. O carro faz a cabotagem do passageiro até uma das

pontes pênseis do rio Pinheiros. O responsável pela construção destas pontes foi um tataraneto de Eiffel, que sabiamente aproveitou os ferros de antigos reparadores de esteiros em sua empreitada. A garoa desse final de tarde dissipa o espesso *smog*, o que anima alguns jovens atletas a praticar saltos ornamentais nas límpidas águas que um dia propiciaram o nascimento do lótus-de-esgoto. O sol consegue passar por uma pequena fenda nas nuvens e faz surgir um arco-íris que tem, em um de seus pólos, as palafitas dos menos favorecidos e, no outro, a gigantografia do Baú da Felicidade repleto de dobrões. Os barrotes de ferro da ponte foram tão justamente entrelaçados que parecem as treliças de uma cesta de vime pintadas alternadamente de preto e amarelo. Quem passa em alta velocidade por aquele trecho tem a impressão de estar perfurando um disco de Dalton ou uma mandala estruturalista.

O brilho de couro de sáurio do mocassim do negro contrasta com o algodão-doce que alguma criança deixou cair. As microvilosidades gastas do solado e o doce perdido perfazem uma armadilha na qual Hefesto, visando auferir novos integrantes para o time dos coxos e cansado da técnica da casca de banana, põe em prática diariamente. Mas o andarilho, que tem o costume de andar com a cabeça baixa em busca de moedas, escapa do escorregão e entra por uma rua refilada por casas geminadas. Ludicamente, ele resvala o dedo indicador pelos *paredones* com os olhos fechados na tentativa de estimular seu tato e capta uma miríade de impressões digitais: buracos de projéteis, papéis de *daxibao* colados com goma-arábica, jaspe lavado por chuva ácida, pastilhas que formam mares de morros, pipocas demostênicas feitas de cimento e tijolo refratário. Mas a brincadeira chega a um *quid*, resultado de uma farpa de madeira. O negro encarna um magiar romeno com colmilhos de Christopher Lee e chupa o sangue com gosto de ferrugem.

Há muitas ladeiras alcantiladas neste ZIT, e os diferentes níveis das ruas são ligados por lances de escadarias. A prefeitura plantou, além das tradicionais tipuanas, alguns babaçus prenhes. Um pássaro de canto agudizado desbanca uma revoada e agora entra em um duelo de trinados com um sabiá metido a uirapuru. Uma dessas ruas vai dar em uma praça redonda com um coreto no meio, uma espécie de ágora com monóptero. As copas das árvores formam dosséis que deixam o parque envolto em uma penumbra úmida. As raízes que afloram das lajes são entraves de percurso. O negro senta em um banco com o anúncio do bacalhau da emulsão Scott, e finge tocar o prolongamento de um silêncio em uma harpa invisível. O arpejo o confina a um presente perfeito, livre das intermináveis oscilações dos devoradores de tempo, os homenzinhos que se comprazem com as ausências irreparáveis da memória.

A praça poderia ser circunavegável não fossem os entrepostos móveis de uma feira. De longe, as placas indicando os produtos parecem letras em cuneiforme de Biblos. O bazar é uma mistura de cheiro de arenque pasteurizado e mãos leves que fazem surgir níqueis *ex nihil*. Alguns feirantes reclamam lancinantemente do novo tratado de abertura dos portos que favorece os departamentos talássicos. Já os *cbargés d'affaires* dos fazendeiros de minifúndios reclamam da concorrência desleal dos novos caixeiros viajantes. O desaparecimento do Banco Central no final do século passado fez com que as instituições bancárias se subdividissem em milhares de pequenos postos, dando muito trabalho para a Thomas de la Rue & Company. Segundo alguns analistas, a queda do Banco Central foi um efeito das pirâmides milionárias.

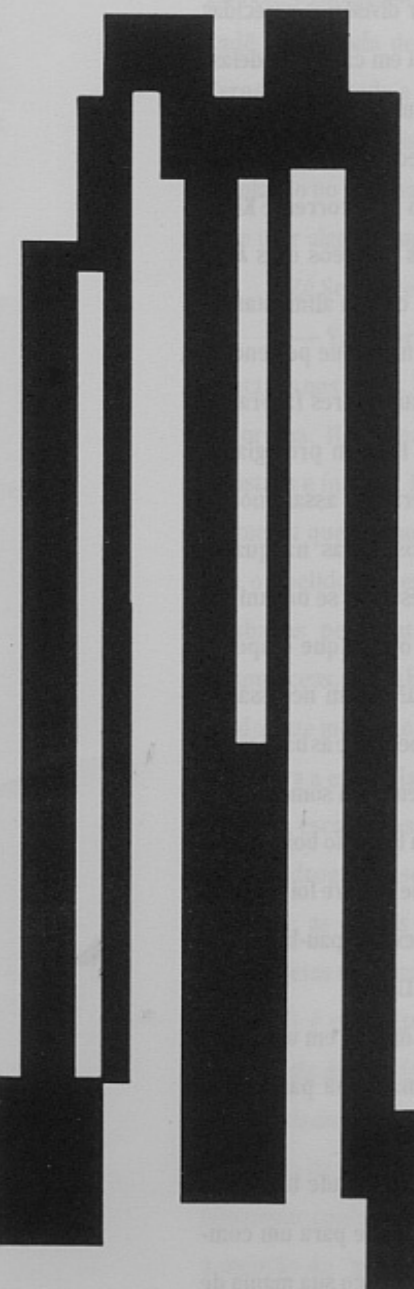
O negro se levanta e começa a andar pela feira. Ao passar pela barraca de couve-flor, ouve um comerciante ensinando uma freguesa a

adubar sem custos um terreno plantando feijão ao longo do sulco sagrado das hortaliças, pois a leguminosa é receptiva às bactérias nitrogenadoras. O maninho ficaria assim, falando de forma laica e histriônica, gaseificado. Outro feirante, mais dado a suas origens de *bürgerlich*, persuade um freguês a comprar feijões saltadores com o argumento de que seus filhos brincariam com a comida antes de irem comê-la. A piada provoca risos de pó-de-mico jogado em ar-condicionado. O cerne da feira está apinhado de velhotas carregando bolotas, galhofas de balofos com panças felpudas, encerados insuflados pelo vento, peixeiras de Toledo, *morcillas* suporadas e máquinas fotográficas de plástico que espirram água. O negro sente uma náusea ser futricada pela especulação e se afugenta entrando por uma rua adjacente, ávido por refestelar-se na *bappy bour*, pois andanças trasladadas em cruzadismos peripatéticos motivam a fome. Os olhos-de-boi das casas viram trifólios com a miragem do efeito estufa, e o negro, demonstrando uma capacidade inesgotável para trotar, volta a assobiar a torto e a direito canções esquecidas pelos tempos em nome da glória de refutar um paradoxo de Zenão com uma marcha lenta de revés.

O lugar combinado pelo bardo para o *rendez-vous* das glutes é um restaurante português chamado L'Iber Aux Meadows. Pelo nome, a tradição da terrinha não é imposta com a calçadeira da historicidade, apesar de o proprietário, proveniente da região do Dão, querer manter o velho ritual contratado do fado. A espera dos clientes seria amaciada com a constringedora integração das craviolas, e os comensais, embebidos por uma falsa idéia de corporativismo apátrida, veriam nesta espelunca bem-ambientada um bastião sebastianista. As bebidas entradeiras fariam o engolidor de fogo expelir um sol malabarista.

A fachada é composta por um frontão triangular sobre uma porta giratória. Um cardápio de madeira está exposto na entrada com especificações mais detalhadas que um decálogo e com desenhos do córtex de calamares salpicados com *berbes de Provence*. Aparentemente, uma empilhadeira alinhou uma fileira excessivamente geométrica de vasilhos de argila no beiral da janela à esquerda. No vestíbulo, um altaneiro aquário é o mais novo lar dos quatro peixes coloridos das Ilhas Negras. Uma empregada usando um barrete frígio sai com um regador em direção aos acônitos azuis dos vasos da entrada. As duas persianas semicerradas das janelas arcadas deixam entrever nervos saltados.

OS SILOS DOS SILFOS ARMAZENAM GRÃO-DUQUES SEM O JOIO  
 DE HAMNET \* A CALDEIRADA DE FRUTOS DO MAR COM MAIZENA  
 NA TERRINA DAS AUGUSTAS CALMARIAS DE MEZENA \* O LÍN-  
 GUA-PRESA DA ANTUÉRPIA DE SUÍÇAS E AÇAIMO HELVÉTICO  
 ACORDA COM O CUCO DA CRUZ VERMELHA \* OS SOLIDÁRIOS  
 SOLDOS DOS SÓLIDOS SOLDADOS QUE SAÚDAM O SOLO DE SIÃO  
 \* UMA CORRENTE ALTERNADA PALEOLÍTICA E MIL MACACOS  
 COMPLEMENTARES EMENDAM A MAGNA CARTA DE ALTHING \*  
 GIGOLÔ DE MACHETE CORTA XAVANTINHA E COME TUCUXI AO  
 TUCUPI \* EPIFENÔMENO É CONTAR O EPÍLOGO DE UM EPITÁFIO  
 A UM CURIOSO POR EXÓRDIO \* GREENPEACE FREIA O FRENÉ-  
 TICO FREON COM BODOQUE DE PISCIANO NA GRELHA \* OPERÁ-  
 RIO BOLCHEVIQUE DE BRONZE MARTELA BISCUIT DE BAILARI-  
 NO DE LOUÇA NO SMITHSONIAN \* FRADINHO FEIJÓ DE BURKINA  
 FASO NA FEIJOADA DE SARDINHA \* FILME DA HAMMER ACORDA  
 MITRA NA CAVERNA MARABAR E ATACA VÁLVULA MITRAL DE  
 PHIBES \* GALEOTE DO GÓLGOTA FUMANDO HAVANA PASSA  
 PELO CARIBDE E CAI NUMA CILADA \* EMBOABA BABA QUIABO  
 E ROMEU EMPOA GOIABADA CASCÃO \* DÓLMENES COM AKU-  
 AKU EM CAMPING DE STONEHENGE \* SETEIRAS DE CASTELOS  
 DE AREIA DESMORONAM COM TEMPORAL DE CLEPSIDRA \*  
 GUNGA DIN COMETE LENOCÍNIO A DOMICÍLIO NO NEJD E ATRAVES-  
 SA O WADI DA LEGIÃO ESTRANGEIRA \* AL JOHNSON EM BALNEÁRIO  
 DE AREIA MONAZÍTICA PROSPECTA MELANINA \* YOKOZUNA FAZ  
 RESTAURAÇÃO MEIJI NA YAKUZA COM POLAROID E YAKITORI \*  
 ROSEBUD NO BOLICHE FAZ STRIKE DE TIPOS PARA PULITZER \*  
 QORPO MAMBEMBE LAMBE LAMBE PAPEL FORTÉ \*



UNDO MIRABOLANTE. O NEGRO ENTRA NO restaurante e vê o roliço Terêncio Vale sentado em uma poltrona conjunta de napa vermelha vestindo um casaco de xantungue cáqui sobre uma camisa *kabanamoku* de Kamehameha e uma calça estilo Saint Tropez. As meias de seda preta são calçadas por pantufas. O homem parece o imperador Shin Hwang Thi, o mandarim que não queria falecer nem aqui nem na China, sofrendo sintomaticamente de licantropia, pois um orangotango seria considerado imberbe a seu lado. O exército de terracota do imperador embornala a lua cheia dos lobisomens em um gônil de prata. A pele leitosa e o bigode aparado dão o toque final a este Fu Manchu das estepes nevoentas. As maçãs verdes de suas bochechas são como pêssegos gretados.

As mesas de vidro redondo são separadas por divisórias parecidas com muxarabiês de *sikb* e há um candelabro de craca em cada uma delas.

Terêncio Vale faz de uma trivial cocção um acontecimento. A culinária deste século e alguns problemas de abastecimento soterraram a onipotência dos *fast-food*. O Brasil foi abençoado pela corrente Klink que traz toneladas de *krill* das regiões austrais. Os cetáceos e os *krill* proliferam como *hamsters*, pois pertencem a uma cadeia alimentar de duas escalas, diferente dos bovinos, hoje quase extintos, que pertencem a uma cadeia piramidal composta por indivíduos superiores favoravelmente aptos a serem onívoros. Na pré-história, o homem protegia da chuva a chama do fogo para sobreviver; hoje, na era dos assassinos, o Lloyd incendeia os mares. Há uma referência nos Vedas na qual o universo é soerguido por baleias e tartarugas. A questão é: se um animal declaradamente sagrado virou *barbecue*, por que outro, que é apenas citado remissivamente, não pode ser o prato do dia? Foram necessários magotes de diplomacia para impedir que o povo hindu pescasse as baleias por revanchismo. Por todos os meios, os bovinos não enfrentaram somente uma máquina de matança ao estilo de Buffalo Bill mas uma farra do boi mundial que acabou exterminando até o bumba-meu-boi. O que sempre foi ao deus-dará foi dado a Deus em holocaustos de rodízios. Se o extinto pau-brasil deu nome ao Brasil, por que o bisão não dá o nome aos EUA?

Terêncio Vale come um coquetel de *krill* flambado em uma taça. A afetação de seus gestos é mais pungente que uma dama parnasiana urinando debaixo de um *flamboyant* hecatônquiuro.

— Zé Seixas! Sempre abusando da sua pontualidade britânica! Você tem um metodismo irritante, e sai antecipadamente para um compromisso só para controlar a exatidão do *timing*! Conheço sua mania de

calcular a rotação da passada. E não me olha com essa cara de cão bravo. Cadê sua arcada de marfim? Cadê a eterna alegria do bom-mocismo? Terno amarrotado e cara amarrada para mim é fome. Que cara de filhote de cateto pelado! Estufa o peito e afinca a pose! Agora, não me venha rebolando no pedestal com passo de gato que você pode cair com salto alto! E, se tiver alguma impelência gasosa estanque no retão, o lavabo é logo ali!

Zé Seixas responde semi-aquiescente:

— Vai aporrinhar sua vó na Armênia! Tive um dia de chutes e pontapés nos bagos. Pedante para o cacete, com pulha enchendo o penico da orelha. Hoje apareceram uns fiscais na Bolsa perguntando sobre registros e índices. Eles queriam informações sobre a boateira da maré vermelha que, como você sabe, estourou a banca dos pregões. Tanto é que o apelido destes índices fraudados nos EUA é Dow Jonas! Baleias tombadas pelo patrimônio que comem *krill* magros, que comem diatomáceas. Daí, a baleia exaure o *krill* magro dando espaço para o *krill* gordo, que morre com a maré vermelha. O equilíbrio é fácil de desandar, e daí para a especulação é um passo. E tem mais. O diretor em pessoa foi fuçar os escaninhos dos operadores em busca das hipergazetas. Você sabe, as drogas do sertão foram proibidas na Bolsa. As drogas do sertão distraem, as drogas do sertão fazem isso e aquilo... Eu vou ler minhas hipergazetas em casa, sossegado, sem patrão buzinando na orelha. E que felicidade é-essa? Está feliz com suas culpas? Está com a *felix culpa* de ter que sair do paraíso legal para ir ao paraíso artificial? O que aconteceu com o paladino das dragas? Arranjou mocinha para se lambuzar ou é pura satisfação da vocação alimentar? Quem vai depressa ao pote come cru! Se não tomar cuidado, come até a porcelana, pois você pode se animar com a menção de "pratos frescos". — E senta para pedir de imediato uma

dose de Steinhäger (“a bebida que dá um *kaputt* em qualquer depressão de Weimar”), uma cerveja tipo *stout* e o menu de deliciosos cibos insólitos.

Os acepipes que os garçons levam aos fregueses parecem insetos em âmbar. Os rótulos dos vinhos têm desenhos de minaretes e almuadens louvando Alá por ter irrigado o deserto com *pipe lines*.

Terêncio Vale palra e balbucia destacando uma língua esponjosa formada por casulos sextavados e veias fulgentes. O panamá de aba alba, que não foi retirado da cabeça, vela sua testada. A boca cheia faz uma apologia do piracanjuba de cativoiro, que, em matéria de cozinha fina, pulula sem obstáculos a qualidade da truta e do tucunaré, um pescado com nome de almirante e comediante. Os alimentos remanescentes da terra devastada, e quase sem carne vermelha de bovino, só foram preservados pelo *logos* nutricionista da carne branca. O que ainda prevalece é a desprevenção das pobres alimárias do acirramento do gosto consensual, uma má fé da necessidade fisiológica mancomunada com a gula, pois o apetite impertinente é o denominador comum dos matadouros e a suculência, do alto de seu *Diktat*, salienta sua participação direta no ato de comer. Na verdade, o empapuçado é um faminto.

O programa preferido de Terêncio Vale é ver, além, claro, de todos os filmes do Trinity, os épicos italianos que passam nas micro-HDTV. Os épicos históricos e o *western-spaghetti* em que o forasteiro arrasta um caixão contendo uma metralhadora. Ele se compenetra mesmerizado ao ver o Jasão de topete e furinho no queixo enquanto fuma um Camel — sua marca favorita —, que é girado pelos dedos mais escorreitamente que uma baliza de parada sesquicentenária. O mais recente comercial desta marca

mostra um modelo com a cara do Lawrence da Arábia de *djelaba* e babuchas dirigindo uma *cbopper* com o tanque adornado por desenhos de cimitarras de vários tamanhos. A chamada é o seguinte fetichismo oriental: "EU ANDARIA ATÉ A LUA CRESCENTE POR UM CAMEL."

Terêncio Vale possui um armarinho ao lado do Kennel Club (na verdade, um mercado das pulgas), que vende lâ tosquada de iaque para urdume e outros briques. O comércio de *pedigrees* manipulados à base de genoma é semelhante à venda de títulos de nobreza aos novos-ricos anêmicos de Xiquexique, ou seja, uma cadela sarnenta pode gerar um *poodle*, onerando uma genealogia tão imoral como a ginecologia de piada suja.

— Você precisa desenvolver noções a respeito de manjares, manja, meu caro? Abasteça-se, bastardo! Você não sabe nem a diferença entre um ovo de codorna e um ovo de avestruz alimentada com mocotó! Uma noção *frou* para suflês e uma de *cordón bleu* para o feijão-de-corda. Por onde ananás, meu tiramissu? Se você é um regurgitador que vomita na mesa, pelo menos vomite algo passível de apreciação estética! Caminhe em direção ao rancho como um almofadinha que se alistou no Exército para esquecer uma paixão não correspondida. Arrote, mas arrote com solfejo. Guaca mole não é cocô mole! Olha-podrida não é podre! Queijo e quejandos! Ouça o *expert*: aprenda a fazer uma comilança com classe. Só a superstição faz com que as pessoas comam lesmas e ovas de esturjão por obrigação social. A cultura das mesas também é cultura das massas! Das massas caseiras, é claro!

Zé Seixas retruca com coice de chucro azul:

— Blefe! Sua gana é por quantidade! Eu prefiro o cardápio de gafanhotos e mel silvestre, que pelo menos é uma gororoba mais acessível. Como o que me convém! Além do mais, não sei por que esse falatório

de gastrônomo fino se seu prato principal é esse *krill* que não suporto mais nem ver pintado de ouro! Você come *krill* até no café da manhã! Seu estômago é blindado, ou o quê? — E saboreia uma entrada de bolinhos de bacalhau sem permitir que as chacotas do outro provoquem mais que um impulso no fio condutor de sua medula espinhal. O sal do bacalhau é a *secura*. — Garçom, chefinho, maninho! Traz uma cachaça! — O pedido é disseminado como uma calúnia ominosa.

O garçom desarrola as cachaças da casa feitas com especiarias livres de qualquer protecionismo:

— Vai querer de jurubeba, aloés, carqueja, abricó, cânhamo, catuaba, *frankincense*, quixaba, araçá azul, alcaparra, papoula, erva-doce, *blueberry*, hissopo ou cascavel?

Os itens deixam Zé Seixas à beira de um escolho, encurralado por uma nuvem de abelhas-africanas que tiveram suas asas arrancadas por uma criança que ouviu Zarathustra elogiar a falta de compaixão. Um vórtice de acrofobia etílica que vitupera as ilusões de um abstêmio.

— Esquece a cachaça e me traz uma água mineral com gás.

A água chega e o copo é enchido com poliedros de cristais inócuos. Terêncio Vale, após pigarrear como um cérbero engasgado com um fêmur, relata:

— Em cheio! A um momento você falou alguma coisa sobre mocinha e acertou. Hoje apareceu uma no armarinho bem diferente das velhotas de echarpe rota que estou acostumado a atender. Apareceu por encanto um docinho de coco. Nunca havia atendido uma mulher daquele porte naquela bodega. Belíssima! Foi tudo muito súbito, e quando me dei conta, já estava de joelhos me fazendo de rogado e amante eterno. Para uma deusa, sou súdito que come na mão. Ela estava usando uma saia justa

de rendas em cima de uma meia-calça ocre e, na parte de cima, um corpete de cambraia. Tudo muito erétil e durinho, mas com aquela delicadeza que desmancha na boca. Pele em meio-tom e glúteas erigidas pacientemente por uma normal de precisão pitagórica. Só uma alimentação algoz, de elementos mais refinados, produziria uma mulher assim. Quer saber dos peitinhos? Fartos sem serem transbordantes e crispados. A mulher foi programada pelos desejos mais ocultos. Faz castrado uivar!

— Retrato falado para mim é homem.

— Espere. Ela comprou uns cacarecos e passou um cheque. Eu peguei o nome e chamei na lista. Consegui o endereço. Se eu não tiver coragem, empunho meu tição em homenagem a ela. Se tiver coragem, vou florear minha presença pessoalmente.

— O cupido vai ler diários íntimos?

— Você é um recatado, um morrinha! Você só se preocupa com que raio de prefeito pai-de-santo assumirá que raio de pasta em que raio de departamento ou distrito. Afinal, quem governa, quem tem poderes reais neste país? Os corregedores, os regentes do Norte, os sátrapas da pesca, os capitães dos minifúndios, os prefeitos pais-de-santo ou o povão? O povão, que não sabe mais quem é quem, se sua voz ainda é audível. Esse tal de sistema de governo chamado teocracia parlamentar, que foi referendado pela maioria, é muito confuso! Tudo está de pernas para o ar! Estou perdendo a paciência de toda hora ir trocar debêntures por “vales” naqueles cubículos chamados de “postos bancários”! Muita manipulação e falsificação desde o descobrimento! Você esquenta a cachola com certas miudezas de estatismo e esquece que o individualismo já deixou de ter ligações com o corporativismo e que às vezes é preciso pensar em nós mesmos como um recém-nascido que necessita de

todos os cuidados do mundo. Mande às favas essa politicagem de Bórgia e se preocupe mais com a sua coisa privada. Siga o exemplo deste vosso magnificante e apalpe o que é palpável. Errata! Não mande às favas. Mande à merda mesmo, que favas eu uso como *bors-d'oeuvre*. Você ficou vedado para certos imprevistos que envolvem um dengue de anca, um suspiro de orgasmo com merengue e merendas escolares. Está cego para as improvisações que a Providência remete em forma de coincidências paralelas a fim de desenlutar nossos sentidos dopados. — E completa sua advertência com ares de anjo bêbado: — Para dizer a verdade, até que gostei da sua analogia.

Zé Seixas assume o rodeio e chama o garçom para que retire o antepasto. O garçom vem e pergunta os pedidos. Terêncio Vale toma a iniciativa.

— Vou comer um risoto de *krill* com *curry*. Meu amigo vai de sugestão.

— Ei! Peça por você!

— Se não quiser, eu como.

— Que negócio é esse? Você expele sua moral de boa-vida fatalista e depois impõe uma ordem com mão de ferro? Lugar de cavalo é na baía, tomando suco de capim. Mas voltando a sua provocação... Sim, eu me preocupo com a gana inelutável que esgana os possíveis anti-sociais. Eu me preocupo com o insustentável tecido social que vai servir de teia aos anti-sociais. Eu me preocupo com o nepotismo de tope para topo. Eu me preocupo com os miseráveis que trabalham como escravos da Trácia nos minifúndios e que lêem *Mecânica Popular* para saber como funciona a máquina estatal. Nosso país é o patinho feio do planeta e você pensa em saciar uma ânsia? Não tenho culpa se nossa antiga federação

virou uma escarrada de republiquetas autônomas sob a égide romana do *divide et impera!* Sesmária vai com as outras! Em meio a tanta anarquia, os ministérios são confundidos com falanstérios. Que me perdoem os representantes de Oxalá, não quero ser pragueado! Na capital, naquele esqueleto de jumento, não há mais oratória, há desmando *ad nutum* passado em bilhetinhos cheios de palavrões, *lettres de cacbet* que deixariam Saint-Just se sentindo um santo justiceiro! Ainda por cima os gendarmes... esses camaradas que se dizem justicialistas, aposto que são capazes de delatar a si mesmos! Nosso país foi o único que conseguiu a proeza de instaurar um mercado comum interno. Eu tenho razão de sobra para me preocupar, afinal meu ofício depende de certas garantias calvinistas. Eu bebo o suor do meu trabalho! A fome queima o abdômen dos revolucionários plantonistas. Só o fato de poder comer já é o suficiente, independentemente se é pão molhado e água em pó. O prato feito é um clássico! Bucho alimentado é um problema a menos. Nas horas vagas fico rebitando o trilho da História, imaginando futuros possíveis. Neste sentido, nós brasileiros somos tão impotentes quanto um monolito e no fundo queremos alçar vôo sobre um mar de lodo, mas os brasilianistas não compreendem nossa capacidade para a autogestão de ciclos destrutivos e chamam isso de xenofobia na acepção separatista. Isto, sim, é que é ser situacionista de uma situação limite! Vide aquela querela dos prefeitos pais-de-santo e seus fiéis que ocupam cargos estratégicos no planalto central. Esse pessoal sabe muito bem que a *virtú* maquiavélica não implica ajudar velhinhas a atravessar a rua. E aquelas atribuições desrespeitosas em nome de orixás abençoados? Que imbróglio! Por certo que este país é meu pé na terra, meu cantinho, mas você soube daquele projeto de lei do deputado Mariscal de incentivo ao monoteísmo? Uma

unificação de todos os orixás ou a centralização de Orixalá faria o país voltar a ter um único representante. Isso está a um passo dos interventores. Os departamentos dos outros orixás seriam simplesmente riscados do mapa. Isso não deu certo no Egito há cinco mil anos, por que daria certo agora? A superestrutura do país é muito frágil para tamanha reforma. Esse Mariscal é um mequetrefezinho querendo chamar a atenção. Os distritos menores aproveitariam a situação para se unir a mercenários e facilmente tomariam o poder central com um sopro. Os distritos que abarcam os parques industriais passariam a recolher o parco lastro de papéis primários. Os distritos talássicos entrariam em choque com os minifúndios em uma sangrenta competição por fatias de mercado. A reconversão dos diferentes valores de papel primário entre os diferentes distritos ficaria comprometida. Isso quebraria milhares de pessoas que hoje trabalham como intermediadores financeiros. Se essa estultice for aprovada pelas três casas, com que moral o orixá da nossa cidade ficaria, o nosso guarda-costas, o que faz girar minha roda da fortuna? Meu distrito natal teria papel secundário? Hoje, Orunmilá é forte como um touro. Nosso orgulho distrital iria para onde? Para o espaço? Enquanto você fica com as pernas abertas para as "improvisações da Providência", eu leio meus disquetes viróticos. Isso surte efeito no meu modo inconstante de ver o mundo, pois as leituras retiram o código de barras que usamos como lente de contato e dilapidam nossa memória parassimpática. A vida seria uma atividade acabrunhadora se não fossem as hipergazetas; não teria a mínima graça. Sabe o que eu faço com suas opiniões? Faço o mesmo que Catão recomendou com relação a Cartago. Se você quiser continuar contando suas técnicas de enfiar faca em bananeira em noite de Santo Antônio, eu ouço com atenção interesseira, mas, em permuta, vou acionar meu

falatório politizado e lamentar o estado de coisas. De mulherada estou até o gorgomilo. Minha separação foi um pouco traumática e quero ficar um tempo em vacância. Essa conversa de princesa que beija rã frita e aparece um bombeiro eu já conheço. Que diferença faz? Pode continuar falando nos manuais da nova cozinha, falar sobre comidas caseiras e lupanares. O que toca meu rabo assado hoje em dia são minhas leituras, que, além de divertir, fazem você passear pelas sobrançelas altas, médias e baixas. Quer falar de mulher? Fale da minha esposamante Oxum.

— Seu bestunto sempre destila birra. Eu só queria contar um fato que merece alguma auscultação. Não estou contestando seu coração idealista! O que me chamou a atenção é a pessoa certa no lugar certo e na hora certa. Parecia que a mulher planejou uma caçada!

— E justo quem ela foi topar...

— Você não está entendendo. O fato é que eu tenho tato suficiente para saber quando uma pessoa entra por acaso na minha loja ou quando premedita. E mais. Eu também sei detectar atitudes naturais e sub-reptícias e subsub-reptícias. Um outro fato digno de nota é que ela mora em um ZIT incrivelmente distante. Vila Excelsior. Isso tudo não soa um sino? Quer dizer, ela vem de longe e se incrusta em minha familiaridade em nome de um punhado de cacarecos? Não vá negar que isso não é muito corrente, pois você sabe o que é violência urbana. A mulher ficou exposta a criminosos que possuem goivas amoladas no meio das pernas. A gracinha percorreu uma via-crúcis através dos dejetos de renegados, párias psicopatas e a escória rapista das favelas projetadas pelos seguidores de Gropius. A trajetória é mais longa e árdua que as escadarias de calcário do frei Apolônio. Pelo jeito, ela fez curso de sobrevivência na

selva com Nicodemus. As botas de Judas foram achadas em uma seção de achados e perdidos de seu ZIT, ou seja, no cafundório do extremo. Por qual cabimento uma moça bonita arriscaria sua vida? Por uma causa de sangue quente ou pela provação do sangue frio? E mais. Esbanjou dotes na minha mesa, não dotes de aceitação mansa, e sim de atração insistente. Não queria chamá-la de descarada, que é um termo reservado, mas que ela tem competência para o avultamento da pistola, isso tem! Tudo me levou a crer que estávamos sendo dirigidos por alguém, gravados por alguém...

Zé Seixas, que está em um ponto nem tanto ao mar nem tanto à terra inundada pelo derretimento das calotas polares, sugere:

— Ora, ora. Onde está o elemento estranho desta crônica? Você atrai o que no fundo repele, Terêncio. Um cabra decididamente macho como você atrai mulheres que estão decididamente resolvidas a acabar com sua raça. Tudo é uma questão de desenvolvimento do períneo. Vivemos em uma época de transformações. E, quanto ao estranhamento, não vejo nada de errado em circular pela cidade aberta. Não sei por qual razão: visita de parente, despachos em algum terreiro fundamentalista específico, não sei. Não vem ao caso.

— Não convenceu. Não estou exagerando. Posso afirmar com clareza que nada me convenceu naquela mulher em matéria de naturalidade. Ela estava querendo. Você não viu, Zé, a mulher é uma Lilith que se alimenta de dalias negras. Seus olhares se insinuaram ao bruto com poderes de raios X. Olhares tácteis. Ela distribuiu lategaços enigmáticos no meu lombo, e eu pedia mais. Homens da minha idade não são jogados fora na lata de lixo. Eu ainda tenho tônus facial. Todas as suas partes eram indecifráveis, toda a sua envoltura era composta por material altamente inflamável. Sua intimação era quase policial. Um tesouro de

pavores, uma Pandora com cartola de mágico, uma carne feminina com tempero fescenino!

O noctífero da Bohemia, exalando um hálito picante, roça seu púbis rosicler e licenciosamente esculpe, no mármore pentélico das fadas, uma musa do Lib que sofre de dromomania e erra pelos sete mares na busca majestosa de um frenesi.

Zé Seixas enterra em seus pântanos internos o esboço de uma vociferação em ritmo de *Bebop* e desiste, por ora, de combater um rei Ham adornado com couro de leão. Em um éon sistáltico, o pedido aderna na tábua e o bolinho de bacalhau, comido na entrada, entra em ebulição em um ventre por onde trafegam, concomitantemente, o sal de frutas e a mandrágora frita regada com esperma de enforcado; tudo, claro, acompanhado por *ein gutes Bier*.

Uma das características da convivência é a aceitação pacífica dos prejuízos e simulações do convivente. Neste caso, o companheiro percebeu na inusitabilidade do destino um aceno do extravió tão irresistível que chega ao ponto de se lançar no abismo munido tão-somente com asas de cera. Abarcar considerações deste tipo é como remexer em dossiês de gângsteres da Cosa Nostra que se especializaram em assassinar cordeirinhos contadores de sono como uma forma de belas-artistas. Não se pode abrigar sadomasoquistas que praticam *spanker* no *nobile castello*; e não é permitido acusar um ás condecorado com a cruz de ferro de ocultar um ás na manga. A suportabilidade da banalização factual pode ser tolerada, por exemplo, com a valorização dos números imaginários que cometem o tiranicídio do convencional ou com um mero desamarrar de *bodbi*. Mas o perigo permeia tudo, e as zibelinas mortas, usando máscaras de teatro nô, rasgam os pescoços das madames.

— Zé, eu estou plenamente convencido que aquela amazona de terreno baldio me colocou em uma situação de...

— E você vai cair nesta situação usando um guarda-chuva no lugar de um pára-quadras?

— Eu me senti adequado para fazer qualquer coisa por ela. Tenho quase certeza de que a compra foi um pretexto. Que eu me lembre, não me cadastrei em nenhuma agência de matrimônios, mas, de alguma forma, me senti parte integrante, quase um apêndice, da sua multiplicidade. Pode ser invenção, pode ser que a falta de inocência que enxerguei não passasse de ataçamento, mas, você sabe, mulher assim vai de plaga a plaga rogando pragas e pragas e plagiando a coceira dos sete anos.

Zé Seixas, contra sua vontade, duela com alguns floretes de *krill* e, silenciosamente, critica a bancada dos cegos que ultrapassam os liames das aparências. A fragmentação do quadro vivo pode levar o espectador a singrar um mar de sangue ou a impetrar uma idéia fixa aos tribunais do júízo final.

— Calma, Terêncio. Você está alterado. Bebeu? Bebê que bebe é filho da Ma Baker. Qual a quantidade de neurônios que você desperdiça pensando em ganhar um concurso de Mister Universo? Você continua lendo aquelas revistas do Zéfiro? Penso que começa a se tornar necessário um banho purificador, um banho de arixé. Pelo visto, você está sob a influência de um mau-olhado de grande potência.

— Eu não preciso desses remédios. Você sabe que eu não acredito nessas coisas. Eu saberia detectar descaso de freguesa acidental com meu radar de comerciante calejado. Zé, a mulher tinha olhos diabólicos, olhos condóidos por uma febre malsã. E essa febre, meu amigo, digo com toda a experiência, só se cura com muita papaverina na veia!

Zé Seixas postula em meio a um mar de sargaços:

— Era a própria... Circe do Cerrado?

— Fare de brincar! Mais do que isso. Só há uma coisa no mundo comparável àquela potranca satânica: um poço.

Paulatinamente, o restaurante começa a ficar lotado de antropofágicos com instinto de caraíba. As janelas, mais parecendo vitrais de vidro fumê, filtram os desveladores feixes solares do crepúsculo assíduo. A avalanche da claridade corada invade o ambiente amorfo e colore as silhuetas furtivas de escarlata. Do lado de fora, o pára-raios de um prédio espeta os gomos cítricos do entardecer e a cidade, coberta por um glóbulo de vidro tratado com jato de areia, dá à luz uma explosão de refinaria de petróleo. *Toucbé!*

A calçada na frente do restaurante está acogulada por uma turba de súcubos encapotados que caminham por um plano euclidiano empenado, uma turba que entra em polvorosa de espoleta com a iminência da solitude noturna. A angústia sendo amortizada com angustura e a *affluenza* com tráfico de influências. A esperança do Holandês Voador fica encurralada no beco sem saída de uma eclusa. A finalidade sem fim nunca chega ao final da linha. A pressa é movida pelo desabafo de incertezas congestionadas pela lixívia negra das tramóias. As justas flechas de anseio que são lançadas tornam-se, por um erro de cálculo, tiros de culatra, pois o esforço para dobrar o arco da besta é inversamente proporcional ao quadrado da distância entre a frustração e o enleio. O papel da afeição ou dos apodícticos da boa vizinhança fica reduzido a um tímido raio de ação de aeromodelo a cabo. O tensor eletromagnético dos néscios inflexíveis se estriça em um alongamento disruptivo. A pulverização eleática é subentendida como pulverização do Enola Gay. A humanidade deve sua

existência à cobertura de caramelo de suas vergonhas e à vergonha de omitir o conhecimento de um escrúpulo. Os humanos exorcizam animais racionais de humanóides animalescos.

A cidade finalmente se rende à noite irradiante, mas o restaurante continua na penumbra pela falta de força elétrica. A ausência da luz e os círios de mel convidam os convivas a uma agradável inquietação colonial. A débil luz ressalta a natureza café com leite dos dois amigos e produz um contraste *chiaroscuro* digno de Artemisia Gentileschi.

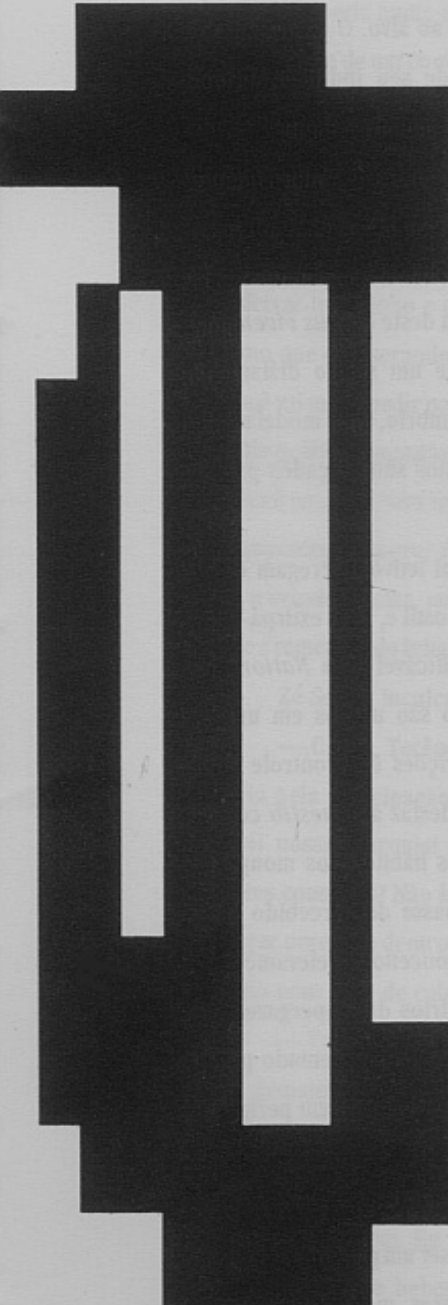
— Por mais assustadora que possa ser em matéria de maldade incutida, a mulher continua me agradando. Eu gostaria de confirmar se ela é uma chifruda ou uma madona mendaz. Tenho esse direito.

— Não coma nozes se não tiver dentes de sabre, Terêncio. Não disponha seu coração a uma língua viperina! Você pode decifrar uma rocha frígida pensando estar decifrando uma estela, ou melhor, o que seria de Perseu sem soro antiolífido?

— Meu caro, seu linguajar fica a cada dia mais influenciado pelas hipergazetas. E eu digo: se há algo de podre no reino da Dinamarca, há algo de sovaco putrefato subumano nas fuças do reino do Brasil!

O L'ber Aux Meadows liga o piloto automático da ruminação moto-perpétua. A condução estável desta arca da faina depende da estabilidade de seus guisados. O limite entre etiqueta e barbarismo é tão tênue que, se um biltre, nas cercanias do restaurante, ensaiar um passo de ganso, será o suficiente para que os bons modos dêem o seu canto de cisne.

TED BOY MARINO DE CANELEIRA VENCE MARINER COM  
CNÊMIDAS NO RINGUE DE CAESAR \* O EXÉRCITO DA SALVAÇÃO  
E A GRANDE ARMÉE APÓIAM COUP D'ÉTAT DOS HOMELESS NA  
MARTINICA \* LUMUMBA ARREMESSA LANÇA DE FOGO NO MAPA  
DA BELÍNDIA E DANÇA LAMBADA NA QUEIMADA \* TALIÃO AFETA  
GESTÃO DA GESTALT E CINTURA DA GESTANTE \* GALÕES DE  
GENERAIS GALÃS E GALÕES DE GROGUES ANIMAM GALETO DE  
RINHA \* BATHOS DE IANSÃ COM JET SKI E SURFISTA PRATEADO  
NAS ÁGUAS DE SILENO \* SACI-PERERÊ PITA ERVA DO DIABO E  
JOGA DIABOLÔ COM PERI \* HAGIOGRAFIA COM ÁGIO FAZ  
BIOGRAFIA DO SUMIÇO DA SUMMAE DE SÃO LONGUINHO \*  
ALLOPECOPITHICUM E GO-JIRO SUGAM ECTOPLASMA DE KING  
KONG \* HERMENÊUTICA DA FARMACOPÉIA FAZ PROPEDÊUTICA  
CONTRA A MORTALHA DA ORDÁLIA \* AMIGO DA ONÇA E KRAZY  
KAT DERRUBAM A ÁRVORE ETERNA DE GILGAMESH COM ACHA  
DE GUTIS E TIJOLOS \* SUNGA NENÊ TOCA JU JU DE IAIÁ E VAI AO  
PIPI ROOM COM UM CD-ROM \* ZAPATA ENFIA BANDARILHAS NO  
TOURO SENTADO EM PROTESTO ÀS BANDALHEIRAS DOS  
NAVARROS \* RASKOLNIKOV NA BANCA DE ANALISTAS ESPORTI-  
VOS DA INTERNACIONAL APAGA PIRA DE PINEL \* GIGANTE  
ADAMASTOR SE PERDE DE NEMRODE NA NEBLINA DE FATA  
MORGANA \* MINÓICA CAMARILHA DE CARRETILHA FISGA  
MÔNADAS DO FUNDO E ALMÔNDEGAS DO MUNDO \*  
FRANKENSTEIN FAZ TOMOGRAFIA EM AUTO-ELÉTRICO E  
COSTURA CORTE COM OVERLOQUE \*



ERÊNCIO VALE E ZÉ SEIXAS PAGAM A CONTA E saem do recinto redolente a maresia. A obscuridade abraça a cidade com braços leporinos. O *smog* em aeração permeia colunas em ornato e a cidade, envolta por um manto incerto, reafirma seu caráter de paul. Um vulcão adormecido que a qualquer hora pode explodir como um desajustado berro de Munch.

Zé Seixas, a fiel aia desditosa, sucumbe facilmente às resoluções do Chapeleiro Maluco e se resigna ao papel de cupincha. O servidor, na verdade, é uma espécie de vassalo fulô, um devedor de favores fiados, um mestre-sala da ala das canções de amigo, um escudeiro guarda-costas que acompanha seu amo como uma sombra mais extensa que a matriz. Certamente, tamanha devoção é originária dos madrigais do

bom selvagem, o silvícola que caça patos de tiro ao alvo. O mais forte, portanto, para dar mostras de liderança, faz de seu indicador um astrolábio irrefutável; e seu olfato, um prodigioso aparato de análises químicas, pressente nos maliciosos aromas trazidos pelos zéfiros o sinal de um caminho em dessuetude. Há investidas esparsas de desânimo da parte do subalterno, apesar de terem a veleidade da fumacinha branca da praça de São Pedro e da Promenadeplatz. A forma deste *modus vivendi* se ajusta perfeitamente à imagem recortada de um sonho diáfano. Terêncio Vale, em meio a seus delírios de Adão sombrio, sabe modelar o barro de sua vantagem, pois os contra-argumentos são lançados pela holografia de um Punchinello.

Os dois tropeiros, após um dia de capital letivo, carregam em seus aljôfares a amargura de um mundo alheio e hostil e, para extirpá-la, lançam megatons de lítio em um âmbito inverificável pela *National Geographic Magazine*. Os pólos da imaginação são unidos em uma perigosa ligação elétrica. A *quaestio* das instituições é o controle de pensamento em termos de metas. O populacho desfaz a *quaestio* com desarrazoados rifões cambiantes. Os verdadeiros hábitos dos monges não podem ser controlados, pois o onanismo passa despercebido ao estado de vigília. O interesse pelas catadupas de conceitos irrelevantes é causado pelos beneméritos do impacto. Os usuários das hipergazetas ingressam em uma espécie de programa de auditório apresentado por Iblis e suas chacetes de huris deletérias. Os leitores entram em peripécias como ir matar o leão de Judá em um safári na Abissínia.

— Estou pensando seriamente em tomar uma condução para a Vila Excelsior agora, Zé. Minhas resoluções podem ser um pouco aviltantes para os que estão avulsos da legião de reprodutores, mas meu nome é

legião. Não seria muito inteligente deixar uma zinha balzaquiana escapar pela tangente de um convento. Vou galantear. Você vai me acompanhar de paladino. Dois elementos afugentam os caçadores de cabeças. Não quero assunto com a espuma e só preciso de um braço direito. Você fica até a hora dos conformes e, na hora de ela retirar a mitene, você se retira. Sabe como é? Você me acompanha no percurso e me deixa no decurso. Se você me deixar ir sozinho e eu morrer, vou cutucar várias solas no estrado, mesmo que o miserando não tenha a nobreza de acreditar m fantasmas. Se você vai me impedir por um daqueles acessos de não-ação, então vou dar uma de político cooptador e declarar um mandado. Não é essa a linguagem que você entende? Nem tente me impedir, pois meu cadáver é um obstáculo intransponível. Vou procurar a dona com a desculpa de que ela esqueceu de levar o brinde da casa, ou qualquer coisa do gênero. Vou debaixo da terra, morto e remendando brita — diz Terêncio Vale com a face repleta de esgares.

Zé Seixas inculca:

— Calma, Terêncio. Minha opinião é que suas enzimas estão em euforia pela antecipação de uma aflição fantasmagórica. Sua proposta destrói nossa diarquia! Que negócio é esse de brincar de guia sem maiores consultas? Não bastou a escolha do meu prato? O seu venatório de caçar perereca dentro do túnel do amor é vexatório! Pescar peixe em aquário com rede de cabelo... Kamal, tampe os ouvidos!

— Você sabe que eu perco a paciência quando a brincadeira vai longe demais!

— Vamos precisar de uma camisa-de-força venusiana...

— Vou acertar!

— Está bem. Eu vou junto. Eu acompanho o mujique da *dasba* dos prazeres até o bebedouro da vaca brejeira! Você sabe que eu te

acompanho nas horas frias da madrugada onde quer que seu nariz meta o bedelho. Mas a catástrofe que o circunda...

— Não o mau-olhado! Não quero ouvir resmungo e praguejar. Preciso me concentrar para minha importante missão! A frouidão não tem precisão. Você borra o calção com a menor referência à fêmea! Trauma? Vai se tratar! Meu plano é perfeito!

As congeminações de Terêncio Vale remetem a um clichê fortuito. No final das contas, os dois acordam e se encaminham para uma estação de trolebus-bala, a condução que foi projetada para ser um *sbinkansen* controlado por cabos elétricos, mas que acabou adquirindo a puerilidade de um trenzinho elétrico. Zé Seixas, em um momentâneo ensimesmamento, tendo um achaque de estima com sua vaidade, esbarra num painel eletrônico, num colosso da Rodhia ao pé de uma passarela. O painel granulado mostra uma *cucaracha* paramentada em posição marcial segurando um tubo de aerossol. Ao chegarem à estação, os dois se aconchegam no banco de espera. Chapas de ferro no formato de peças de tanguan e pintadas rebuscadamente como se fossem miniaturas pintadas com mínio sustentam a grande abóbada de *fiberglas* da estação. Três marafonas usando brincos que são verdadeiras boleadeiras fazem um salamaleque às três erínias que, assustadas, voam asinhas em direção ao novelo da noite. Os saíotes de retalho das marafonas estão estampados com violetas, rosetas e nêsperas.

A visão das bruxas faz Zé Seixas se lembrar de sua preceptora, uma tia Anastácia fundamentalista. Havia um saldo de ingenuidade na ocasião em que ela oferecia pipocas ao orixá de segunda-feira, o dia mais cruento, avesso ao *Dies Domine* e ao *Sabbatb*. Sua candura ao pajear o filho único lhe proporcionava segurança de ação. Sua mobilidade, aliás,

não se restringia apenas ao deslocamento de sua presença aos recintos secretos da casa mas também ao espaço aéreo, através de ondas sonoras. Gritoterapia, falta de sapiência das artes do cochicho, medo do silêncio invasor, fossem quais fossem seus motivos, seu intuito final era que as paredes absorvessem sua vociferação, para que a nódoa de sua alminha ficasse instalada no reboco e fosse descoberta no futuro pela varinha rabdomântica de um parapsicólogo. Mas, ai, seu moralismo! O mesmo moralismo que suplantou o moral cristão e conquistou um *status* oficial. As gravuras *Sbunga* foram liminarmente banidas com a fúria de um *führerprinzip*.

A estação, atravancada de prestidigitadores que fazem ervilhas nascerem por geração espontânea de dentro de três fôrmas de empada, é úmida e fria. O cheiro é de humo volatizado e ácido úrico. A umidade, porém, é balanceada pela soalheira da inversão térmica. As pessoas da rua apresentam um *freak show* teratológico de Ararat. Um ancião com rabo-de-cavalo se escanha na porta de uma barbearia com o tradicional chamativo do pirulito torneante. O velho, que é uma versão plácida de Rip Van Winkle, observa inatacavelmente o ziriguidum com seu *pince-nez* engordurado. Sentado a seu lado, há um outro ancião com cãs e barba de flocos de neve vestindo uma calça de brim, um peitilho magenta e um colete de pelica. Na cabeça, uma cobertura de cabra nordestino. Zé Seixas comenta:

— Olhe, Terêncio! Um autêntico lêmure do Cariri!

O velho ouve e retruca não com a educação *ab origine*, mas com um donaire importado da Viena orgulhosa de seu A.E.I.O.U.:

— Eu ouvi isso. Meu nome é Conselheiro das Mortes.

— Quem...?

— Filho. A pessoa que escreveu o zendavesta já foi meu colega de quarto. Morei em Kapilavatsu e já vi gente chamar o grifo de mascote. E minha temporada no Cambaio então... O Haroun-Al-Rashid foi muito meu amigo.

O velho consegue atrair a atenção de Zé Seixas. O siso do homem remete a José de Arimatéia. Uma combinação de respeito, enteléquia e estarrecimento.

— O senhor falou do livro dedicado ao deus Ahura Mazda e de outras coisas com tanta naturalidade que eu...

— Sim. Sou um antigo profeta e tenho algo a dizer.

— Podemos saber?

— Como você faria para diferenciar uma pepita de ouro de uma pirita?

— Por algum processo químico especial?

— Não. Quebrando o dente.

Neste momento o vulto vulturino rompe uma enorme gargalhada desdentada. Terêncio Vale não consegue discernir a encomenda e puxa o amigo pelo braço para continuarem a excursão.

Mais à frente, algumas crianças andam em um jinriquixá e, para manter o *momentum*, revezam-se no cargo de auriga. Um descuidado entregador esbarra com seu patinete em um furgão e começa a discutir uma numerologia com o motorista. Em geral, a comunidade faz o possível para demonstrar serviço a seus pares e, sendo a especulação uma atividade para ensaístas, acabam atraindo a atenção pública com anotações em agendas e andares semi-erectos. O exército de *Lumpen* se camufla.

O trolebus-bala finalmente desponta das torrentes da maré humana e dos cortiços. O código secreto e arcano do aceno mímico funciona como um *arrêtez* da Sureté, o "Alto lá!" que virou *cult* dos

gendarmes. As chispas despejadas pelo veículo soldam com altruísmo os cintos de castidade dos fundamentalistas que, automaticamente, interrompem a saída de uma expressão vulgar. O condutor, usando um elmo de proteção parecido com uma escarradeira, boceja com a lassidão de um Xarife e, mais uma vez, consegue desprender os cabos.

Terêncio Vale e Zé Seixas sobem pelos degraus do plano inclinado feito de ensamblagens. O corredor do trolebus-bala é uma esteira estriada e os assentos estão dispostos como um tabuleiro de gamão. A carcaça do carro é uma caixa de sapatos para pés adestrados pelo Kuomintang. O motor é abastecido por um aditivo criogenizante. O tacógrafo faz a cesura dos estimulantes da transmissão. A paralisia intercepta os passageiros em posições de assanas.

Os dois estreantes ficam entalados na catraca de hastes azuis devido à imputação dos pingentes remanescentes e ao remanejamento das trilobitas. Uma manobra arrojada descarrilha pela enésima vez os giroscópios. As janelas corrediças estão vedadas. O calor do interior ascende e expande os juízos a um nível de livre-arbítrio de Loudum. Os ovos dos piolhos, os hóspedes manteados, são incubados. A guerra, o amor, o sal e a terra em uma lata de conservas. Os passageiros — na maioria homúnculos desnaturados — são o botulismo desta lata de compotas. A luta interna nunca é debelada. Os garranchos das luzes de magnésio do comércio surgem como quadras de Nostradamus e desimantam o magnetismo animal.

O condutor está usando sandálias franciscanas, pois seu dedão está com um curativo. Os outros dedos têm nós concêntricos, o que indica a idade da jacareúba. O diálogo entre homem e máquina é transformado em uma discussão birrenta. A velocidade de cruzeiro do trolebus-bala

ênfatiza a distância entre o recuo do ponto inicial e a renúncia do ponto final. A tamanha defectividade do itinerário invoca o adventício de um esculápio que tenha a panacéia para todos os males: a paciência. Os solavancos dão a impressão de o carro estar descendo as escadarias de um zigurate.

Zé Seixas fica comprimido atrás de uma moça, quase em posição *cbeek to cbeek* e, para seu regalo, é tacitamente admitido naquele setor, o que pode ser explicado pelo incentivo à refrega da lotação. Mas o trauma reaparece e a doce moça passa a possuir uma *yoni* de lábios dentados que mastiga seu *linga* com dentes de leite. Terêncio Vale, para não ficar em *bandicap* negativo, aposta em uma esfrega com a segurança de sua experiência. A vítima é uma nissei-panda. Mas, no momento em que ia bater as marimbas, um crioulo de laca, que vem pulando carniça para chegar à porta de saída, oblitera seus movimentos. A porta de saída é uma Neverland e os guardiões dos desertores estão postados como gárgulas nas barbacãs dos degraus.

Uma picada de guerrilha é aberta por entre os ramalhetes de chorão. No asfalto jaz estatelado um cultuado gato preto. O pelame deste circuiante dos séculos será esticado em atabaques e agogôs e o batuque aplicado servirá de encômio ao povo-gato.

Terêncio Vale divisa um mausoléu de um cemitério com santos cafres. O muro do cemitério da Vila Excelsior tem cornijas em estilo rococó, ou, para ser mais exato, em estilo cocorocó, pois servem de poleiro às galinhas do coveiro. O trolebus-bala atinge uma velocidade desuniformizadora dos objetos de Marinetti, em que as coisas se despem de sua nitidez por um simples desiderato da rapidez. Zé Seixas se debruça na corda bamba e solicita uma parada. Os dois círculos comunicantes da lâmpada vermelha no console piscam como Aldebarã, a *stella maris* dos

argonautas penitentes, os navegadores do segundo infinito — o oceano —, repositório de certas criaturas que fariam Plínio, o Velho, acostumado às dríades da imaginação de crisol adotar a teleologia para explicar a teoria do ovo e da galinha. O condutor freia o trolebus-bala pavlovianamente. Ao se aproximar da saída, Terêncio Vale observa uma pombinha de plástico pintado com esmalte de escarcha balançando no espelho retrovisor. O penduricalho deveria anunciar boas novas, mas uma plaqueta com a palavra EJETOR está afixada atrás do assento do Tonton Macoute que conduz o carro. Dizem que esses funcionários são obcecados pela velocidade mensurada em *parsecs* e seus efeitos no organismo. A grandiosidade desta grandeza faz a boca deles espumar, mas parte desta saliva também provém dos insultos prepotentes dos mestres da garagem central. O referencial hipostático destes explorados é lavrado a ferro e fogo, pois cada condutor é chamado de pai-d'égua, filho da puta ou espírito de porco. Por conseguinte, seus caracteres são divididos em três diferentes *ergo sum*, formulados pelas reiterações da tríplice desonra. Para completar, a maldosa trindade é reforçada pelos aparelhos do centro de treinamento de condutores, onde há simulação de situações dentro de ciberespaços. Portanto, ser um condutor de trolebus-bala é sinônimo de esquizofrenia e personalidade tripartida.

Zé Seixas e Terêncio Vale descem calmamente os degraus da porta automática e descambam na sarjeta.

— Que sufoco, Terêncio! Da próxima vez, vamos ser um pouco menos pães-duros e comprar o bilhete do carro-pullman!

A oscilação de seus modos os faz adquirir a qualidade de dois numes que estertoram com a aparição dos cinco dedos róseos da Aurora. O despojamento e o caipirismo destes modos se enquadram

em um cenário de *vaudeville* de Nashville. Zé Seixas quebra uma trégua silenciosa:

— Mr. Bond, esta região é uma quebrada e tanto! Esta ruela em que estamos andando lembra a Baker Street e, posso ter certeza, ela não tem ponto nem nó. Qual é o bendito número do bendito casebre desta maldita teoria de conjuntos?

— Setenta ou sessenta.

— Bem, meu amigo, eu não estou com disposição para tentar ou sentar, por isso deixo você com sua intemperança e espero de bom coração que a tabuada não seja dolorida. Passar bem — expele Zé Seixas, decidido a se exilar do regime draconiano do amigo.

— Você não vai escapar desta, seu zero à esquerda que nem consegue fazer o quatro sóbrio!

— Mas, Terêncio! Você não tem alarme? Esta região é barrapitada e quarenta séculos contemplam seus bandoleiros! Você quer correr o risco de ter que ficar de quatro para os estupradores? A vizinhança por aqui ainda está na época da corrida aos numerários! Nem ao menos temos uma nove milímetros!

Terêncio Vale absorve os algoritmos e resolve encerrar de uma vez por todas a sabatina com um numeral irreplicável. O epíteto das Apsalas.

— Para quem sofre de mal de amor, assenta o sessenta-e-nove, cunilíngua da felação. Você gostou do termo? Faz o seu tipo, não é? Parece uma expressão que encoberta um aó violento, mas as partes também têm sua parte, não é verdade? Os alquimistas tinham uma alcunha para isso... hermafroditismo completivo da díade, pelo que eu me lembro. O desenhista Vargas faria uma bela cobra que engole o próprio rabo, a oroborus...

a mulher-cobra que recicla o homem unitivo e faz o duplo dançar um *pas de deux* com a lua unissex...

— Você não está sendo muito claro nesta *cbemica* curiosa...

— Decisão no palito?

— Não precisa. Eu sempre perco. Bingo! Dois patinhos na lagoa!

Um *maelstrom* surge no estômago de Zé Seixas, que, se não resolve um impasse filosófico, muito menos um fisiológico. As ressumações de enjôo marinho predizem uma tragédia de farol apagado. Os ingênuos se transformam em dois marrecos indefesos. Mas estarão em um remanso de açude ou no inesquecível Lates, o rio das amnésias postergadas?

Zé Seixas, que de um lustroso nanquim muda para um morma-cento grafite, se contorce para apanhar uma safra numismática, o bônus dos atentos. A moeda tem a effigie do imperador que aplicava folhas de palmeiras-reais em sua barba. A moeda corrente, quando vista, pois as compras e vendas são feitas à base de papéis indiretos, é o novo real. No Vale de Lágrimas os louros dão mais tempero ao Vale dos Reis. O rei morreu? Então, que vivam o rei e os herdeiros do realismo fantástico e da consangüinidade da sangria. Viva o rei da corrida de ratos que, em uma *razzia*, rói a renda rasa dos restos mortais. A ostentação de um grande vazio. O rei e sua toga invisível no desfile da Capadócia é vítima do alfaiate que desfia o fio de prata. *Vive le roi* que sustenta a jurisprudência do jogo do bicho!

Finalmente, chegam à casa procurada e começam a subir os três lances de escada cercada por uma balaustrada ondulada. A sensação é de estar entrando na boca do labirinto de Maerótis. Terêncio Vale, como um mocho com tapa-olho, enxerga o número 60 iluminado apenas por um

candeeiro de azeite. A porta de entrada tem uma aldrava no formato de um Ganesha com a indumentária de uma *buena-dicba*. Um pedaço de lagarta de buldôzer serve de capacho. O bólido, tropeçando em sua própria curiosidade, bate na porta com o nó do dedo. TOC. Como ninguém atende, resolve usar a aldrava. PLAC. Como ninguém atende, bem, daí para a frente a onomatopéia vem com legenda. A princípio, o Zoltar não percebe que a porta é feita de dureza e, após fazer de seu ombro um arfete, passa a ser um contorcionista, ou seja, uma pessoa que se contorce de dor. O arrombador, que pensa ser um Sam Spade de capa e espada, utiliza um *tour de force* inconseqüente de poderes corrosivos para congelar seu plasma. A janela lateral tem barras de ferro de claustro. A casa está apagada e deserta. A força bruta se deslinda.

Zé Seixas percebe o roto intencional e intervém:

— Devagar, antiflope disputador! Você deveria inverter a tempestade e não aceitar ser sócio de um clube que o taxasse de *dignus est intrare*, pois a única linha que conheço do seu marxismo é a linha Groucho. Parecemos duas bandeiras desfraldadas aqui! Custo a acreditar que você tentou arrombar a porta. Agora quer inserir objetos pontiagudos na fechadura? Perdeu o bom senso? Se uma viatura da gendarmia nos pegar aqui, vamos sair do bem-estar de um berço quentinho para os fornos de Belsen!

Terêncio Vale ignora as súplicas do réu amordaçado e faz uma revisão crítica da personalidade bíblica de Daniel, no sentido de fazer o personagem agarrar leões com técnicas de peão boiadeiro. Um clipe desdobrado se torna uma clave universal. A fechadura, que tem a forma de um *ankb*, vira um repositório das mais variadas cadeiradas. Sucesso. A porta descobre seu umbral e o herói faz sua *overture* ao adentrar

estrepitosamente com o dedo apontado em riste. Um alarde alarmante em uníssonos unívocos rompe os tímpanos de Zé Seixas. Uma galinha voa assustada para cima de uma viga e lá fica dançando um maxixe.

— Veja o estardalhaço que fez, Terêncio! Agora a coisa é séria! Estamos invadindo uma propriedade privada e, se nos pegarem na botija, vão nos meter na moringa! Xilindró de dar dó! Aqui, meu amigo, o pecado mora ao lado e não dorme de roupão! As pessoas deste ZIT exercem-se pela execução!

Terêncio Vale sintoniza suas retinas para assistir à dança das sombras chinesas. Apesar de ciente de seu ato de *paparazzi*, ele continua pregando uma economia favorável para a balança da libido e mantém um vigoroso conchavo com *maya*. O medo provoca sinestesia. No ato do roubo, afirma o hidrocópio de Jean Genet, a centrifugação das sensibilidades provoca o despertar da primavera. Unamuno gritou “*Viva la muerte!*” sob os efeitos do pentotal.

A mão do invasor ascende ao permutador e um lume revela os interiores. Os olhos mortais que amamentarão os vermes maravilham-se com os fulgurantes *gadgets* e adereços *kitsch* ressaltados pelo *décor* dulçoroso. As coisas maravilhosas de Howard Carter perdem sua posição no *ranking*. O excesso fiscaliza a casa.

A sala de estar fica iluminada por um lustre de castiçais onde foi pendurado um móvel de corpos celestes do *primo mobile*. Uma estante à direita está atulhada de aves de barro de diversos tamanhos. Encimando a estante, há um gigantesco cocar peruano tingido de argentino, púrpura e verde de mesa de bilhar. O cocar se ajusta como uma luva na galinha. A casa é menor que uma *kitchenette* e tem poucos móveis. Ao lado da cama de casal há uma mesa. Ao lado de uma cômoda há um

prisma de cristal, uma garrafa de vinho tipo riesling no formato de uma cornucópia, uma lata de roscas de broa, uma lata de café torrado e uma carranca do rio Chico vestida por um parangolé. A mesa de fórmica está coberta por um mantel de flanela e é entulhada por uma peneira de fibra de cana-da-índia, uma *snuff bottle* de sais aromáticos, um baralho de tarô com arcanos da Marselha psicografados, búzios, pedras semipreciosas, uma taça do Yacht Club repleta de obis e olhos-de-cabra que parecem a versão tupiniquim do *yin-yang*, cequins de ciganos, um *agnus dei new age*, um trevo de quatro folhas embalsamado em resina, um dente de ouro, um dente de caititu, um patuá, uma lata de creolina, uma rosa branca e um terço com a imagem de Santa Bárbara. Nos cantos, vários rolos de fumo de corda e velas sete dias e sete noites. O chão de taco com linhaça é coberto por um tapete persa falsificado da era Tabacowmênida. Em cima da cômoda há um abajur cabisbaixo e um exemplar do *The Voice of the Mountain*. O inventário destes objetos serviria como uma arapuca de *élan* vital.

As paredes são inteiramente revestidas por um caótico papel de parede. Centenas de recortes de revistas foram coladas sem deixar um espaço esparso. As páginas, que foram retalhadas de revistas que investem em picuinhas do *show bizz* telenovelo e da música popular, são editos de artistas com rostos de bonecas infláveis insufladas com o sopro da vida. Desde a beatlemania, as fãs são encaradas como se fossem diapasões desafinados. Decididamente, a casa é o ideário wagneriano do *Gesamtkunstwerk*.

A casa possui uma lareira varrida das páginas amarelas do Papai Noel e suas renas sujas com a fuligem de Mary Poppins. Na cozinha de *squat* estão empilhados copos de requeijão e porcelana chinesa da era Mingau. Um quadro *cbefd'oeuvre*, que está acima da lareira, retrata em óleo

um negro nu com olhos de guarda pretoriano que esaldou seus bons costumes em um banho turco. O homem, que se chama Long Dong, está na pose do discóbolo com uma calota na mão. O espectador do quadro se sente interrogado compulsoriamente por este célebre versado em perversão. Terêncio Vale tem um *insight* vindo dos mananciais do coeficiente geral de suas pulsões tântricas, o principal maná da flor de ouro e carvão das caldeiras da paixão anódina. Zé Seixas tem um *insight* de fosfeno.

Há em cima da cômoda uma fotocópia de um antigo ônibus espacial e sua tripulação publicado em um periódico datado. O *shuttle*, que decolou em cima de um 747, chamava-se Challenger e teve um destino trágico. O aerostato de Bartolomeu de Gusmão foi considerado mais seguro e a NASA foi humilhada.

— Zé, este aqui não é aquele ônibus espacial que deu chabu no final do século passado, carregando um bando de astronautas civis que pagaram o pato? Realmente, não quero vender minha alma para o Mefisto, mas aquela gente que entrou qual um bando de cobaias naquela bomba arrasa-quarteirão nunca imaginou que literalmente iria para o céu. E ainda com o São Pedro de recepcionista!

— Eu penso que sim... A mulher não é uma devota normal! Vamos embora! Você viu aquele quadro? Ela não regula! E essa galinha de estimação? Eu não quero sentar em espigão de capacete de Hohenzollern! Vamos embora antes que seja tarde demais!

Terêncio Vale repara que uma pessoa da tripulação na fotocópia foi circundada com hidrográfica. O nome do negro com sorriso de campeão de peso-pesado é McNair. Seria sua missão promover a missão? O *gospel* abraçou a *tekné*?

— Eu não sabia que entre a tripulação do fiasco havia um negrito!

A pronúncia do engolir a seco cabriola pelo gogó do adjunto de visita de ocasião. A circum-ambiência é ríspida e crassa pelas contradições de câmara dos horrores.

— Deve ter mais coisas que falem da pessoa que mora aqui.

O bisbilhoteiro Terêncio Vale afasta o quadro do Long Dong em busca de um cofre. E, realmente, há um cofre de porquinho adulto, um cofre boca-de-lobo. Zé Seixas olha candidamente para a saída.

— Caixinha dentro de caixa maior! Curioso e pescoço de borracha! Agora que ajoelhou?... Você vai abrir essa joça para ver se cura sua solidão com um solitário? Pretende abrir, não é? Seus dedos finos formigam, não é? Todos os seus átomos clamam pelo saneamento da descoberta, não é? Vejo meu futuro com pijama listrado e picareta na mão quebrando pedras. Na minha singela opinião, digo que esta casa não é para invasores novatos. Este lugar tem jeito de ateísmo ou cristianismo ortodoxo. A Gendarmaria está cheia de cristãos, todo mundo sabe disso. Eles dão nomes de orixás aos santos deles para encobrir sua verdadeira crença. O Exército de Ogum Sete Espadas deveria acabar de uma vez com a Divisão dos Lanceiros de São Jorge. Mas este lugar está fora de qualquer padrão *mainstream*! Eu estou acostumado com o totalitarismo da totalidade cosmopolita, mas isso é ridículo! Não devemos nos acomodar à otomana nesta casa! Vamos embora, Terêncio, ou você está interessado em virar boneca de piche de gendarme?

— Uma pinóia na sua caçapa! Esta casa faz piruetas no meu passado! Vem à minha cabeça a protetora dos injustiçados... Nêmesis. Eu estou atraído pelo além, sim. Não saio daqui enquanto não abrir este cofre! Quero ir a fundo, pois a viagem não pode ser perdida. Você não está concatenando? O negrito circundado deixou um testamento para a mu-

lher pelo mérito de seus préstimos. O mérito foi ter guardado o testamento. O testamento vai ser roubado e achado por mim. Eu entro na jogada por um segundo préstimo. A mulher compra uma casa em Coney Island e casa com o segundo terceiro. O testamento está dentro do cofre, entendeu? Tudo aqui pode ser meio *camp*, macumbeiro, ou qualquer coisa que queira chamar. Que tal um cenário de rapsódia? E, no meu casamento, no altar do terreiro fundamentalista, o ramallete de salsinha... os presentes de casamento...

Terêncio Vale recria um vate estagirita descabelado pelos bafos do Hades. Zé Seixas grita:

— Rapsódia? Rapsódia? Isto é elogio! Isto está mais para um cordel marginal. Você está fantasiando demais... *lasciate ogni speranza*...

— Sua pororoca! Não está vendo o cofre? Isto fecha o cerco! Se quer ser ovacionado pela honra, não pode tirar o traseiro da seringa de insumos para os três colhões.

Terêncio Vale tem a autoridade de um contra-regra da Atlântida que se especializou na coreografia dos objetos. Zé Seixas deixa de se pronunciar, pois pressente que suas entidades protetoras estão desguarnecidas do poder de retórica. E o que valeria água mole em pedra dura protegida por um colete à prova de balas?

Um surto de apressamento por parte da moradora acabou não compensando a perfeição de escol, pois o cofre se encontra apenas escorado. A pesada portinhola é deslocada sem exigir uma chave universal esculpida em talo de sésamo. No interior há um pequeno escrínio com uma pedrinha de jade engastada na tampa. Terêncio Vale euforicamente abre a caixinha e encontra o resultado positivo de um teste de docimasia hidrostática e um *cbip*.

— O que temos aqui... uma plaquinha de circuito impresso e um daqueles testes que comprovam se o recém-nascido era natimorto ou se recebeu uma única golfada de ar... Deixa eu ver... o teste foi realizado em 28 de fevereiro de 1998... o nome da mãe foi omitido...

Zé Seixas diz com a boca em escâncaras:

— Mas esse é o dia do meu nascimento! E o que é esse *cbip*? A mulher é espiã com calcinhas de renda? Traição de Constituição? Espionagem industrial de orticons? A IBM vai trocar espectroscópios pelas *commodities* dos florais de Bach com as tráfades da máfia amarela que almeja detectar cheiro de *penne* com instrumentos da loja maçônica? Interpol interpolando? Tudo sob os auspícios de clones do J. Edgar Hoover? Uma nova ameaça dos marcianos contaminados com gripe e câncer por exposição às ondas hertzianas? Mega Drive hiper-realista? Quem é esse cara do xerox? Muita truta neste reduto avérnico.

— Não tenho respostas para suas perguntas. Talvez esta pecinha pudesse ter evitado a explosão do ônibus... Mas, por favor, Zé, não arregala tanto os olhos!

— Os meus olhos estão tentando fugir daqui, apenas isso. É um processo de injeção de adrenalina no cânnon. Eu assumo que sou um corajoso cagaceiro do sertão. Afasta de mim essa caixinha!

Terêncio Vale entra na caverna platônica com a destreza de um espeleólogo. Ele se movimenta com a ginga descomposturada de um menino da porteira aberta. Seus pés de salamandra pisam nas brasas e se tornam capazes de subir pelas paredes em uma passada de Fred Astaire com poderes antigravitacionais.

— Quem será o negrito que foi salientado como se fosse alguém a ser eliminado por um assassino profissional? Veja as

ilhargas do nariz, os dentes alvos e alinhados como uma cerca de haras. Parece complô da Geórgia, não a Geórgia vizinha do Usbequistão, mas a Geórgia que tem a péssima fama de assassinar criancinhas negras.

— Não quero nem ver.

— E esse guarda-jóias? Esse *cbip* deve ter algum valor, certo? Mas pode ser que seja uma bugiganga de valor sentimental, como uma peça que pertenceu a um ex-marido morto.

— Não quero nem ver.

— E o teste de docimasia? Que coincidência! A data é do dia do seu nascimento!

— Não quero nem ver.

Terêncio Vale, para se certificar que seu interlocutor não está respondendo mecanicamente a suas perguntas, faz um teste:

— Quem você pensa que é?

— Não quero nem ver.

O diálogo fugidio evidencia que os dois anti-heróis estão cada vez mais sedimentados no fundo do Loch Ness. A sensação de impropriedade é uma reação elementar para quem invade uma fábrica de chocolates para formigas diabéticas ou uma ucharia de cidade fantasma.

Uma corrente de deslumbramento afetado e de dignidade forada-lei enregela a glândula pineal de Terêncio Vale, que, com mãos trêmulas, penteia sua juba desgrenhada pelo panamá.

Zé Seixas acredita que uma confraria de despojados de parafusos utiliza esta casa para fins cabalmente abjetos. Há que discernir entre um doce lar de uma virgem perpétua que segura um raminho de Medjugorje e uma capela transformada em boate para membros da

Opus Dei altamente contidos. A avestruz na ameaça consegue salvar a cabeça, mas o resto fica tão vulnerável como um João-bobo. Terêncio Vale cede:

— Penso que estamos dando pano para a manga do periclitante. Já perdemos diminutos minutos aqui. Vou guardar esse guarda-jóias e desencantar. Vamos pegar nossas trouxas e zarpar com a bolina. Começo a me arrepender deste ato impensado e sem liquidez. Tenho quase certeza de que a mulher não virá hoje.

— Procrastinou, procrastinou, mas avençou-se! Eu já estava com todo o pé para trás! Oxalá cheguemos vivos em casa!

Terêncio Vale fecha o escrínio e o recoloca de volta ao cofre. Seu descrédito ainda não está completamente subjugado. No final das contas é contra seus princípios perder uma demão por causa de uma Penélope embusteira. Mas tudo o que sua vista treinada para captar verbetes gastronômicos ou vedetes astronômicas sorve são estrupícios animistas e miçangas desconexas, além de um dedo de demiurgo. Zé Seixas, ao ver um novo princípio de esgotamento de êxtase estático que brinca de esconde-esconde com a redenção, reforça:

— Terêncio, mercê, mercê! Deste mato, não sai coelho! Encaminhar aos fundilhos para não sermos vistos! *Gran finale!*

O estóico amolece:

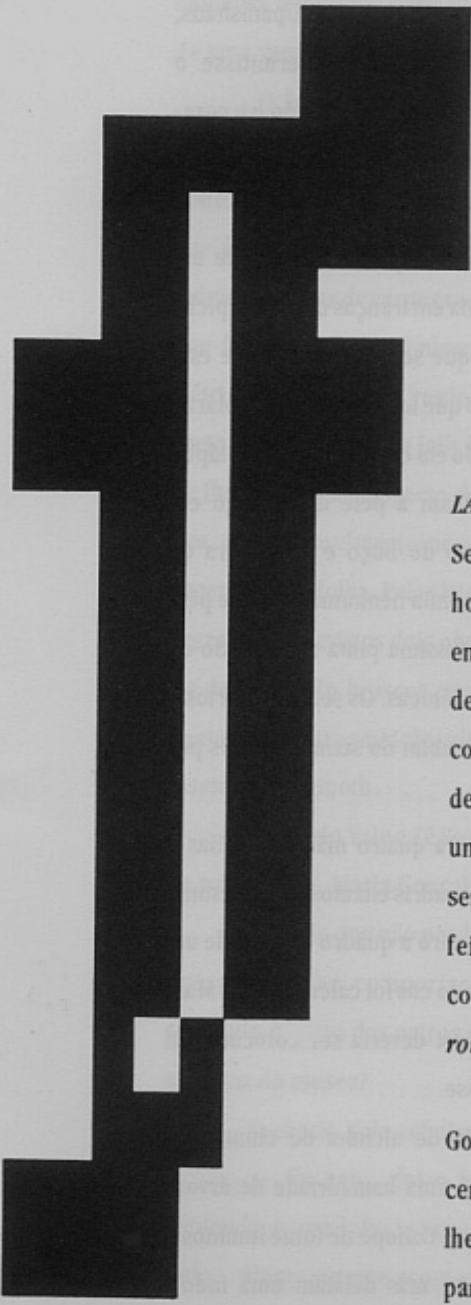
— Apoiado, apoiado! Vamos dar o fora deste ántro enquanto é tempo. Pode ser esconderijo de quadrilha ou pode ser uma... uma... cilada.

Terêncio Vale se comove gravemente com a inspiração de que os manequins da coxia invadiram o palco deste *Grand Guignol* de títeres não identificados. O fado faz grandes travessias sem comer feno futuroológico e o nômade Kronos, que mora em uma das rodas dentadas

do Big Ben, tem o costume de utilizar menos as rotas de fuga que as rotas de colisão. A noção de que determinado destino é uma blague corrobora com a urgência de findar uma roleta-russa com tambor cheio.

No momento em que os dois patetas galileus apagam a luz da verdade com o interruptor do desmentimento, ouvem o barulho inconfundível de passos trotando as escadas da frente.

A PINGA DA DANÇA DO FOGO E O PAIO DO TIO SAM RECEBEM A  
HERANÇA HEPÁTICA DOS INVENTORES DO ENCILHAMENTO \*  
MERTIOLATE DE WINCHESTER E WORCESTERSHIRE NO BLOODY  
MARY DE BLACK MARIA \* REVISIONISMO REVISITA CONTRARIEDA-  
DES DO ICHINGE O REFÚGIO DE KHAN NO TAI CHI \* KRISHNA MATA  
UMA MAHABARATHA E COME PÃO COM DURYODHANA \* TARZÃ  
SUPORTA CUT-UP DE CIPÓ E ALMOÇA NU UM BOLO DE FLORESTA  
NEGRA \* ESTRATÉGIA DO MACARTHISMO É CAÇAR ROSA VERME-  
LHA E BORDUNA DE ZHDANOV \* KAMA SUTRA INDICA KONOMI  
SHINJU NO INTERFEMORAL E UNHAS APARADAS POR EURITMIA \*  
ESTREBARIA DE JANÍZAROS É SINÔNIMO DE CHANCELARIA PARA  
OS HUSSARDOS PREGADORES DA EUGENIA E PUNCH DE PUTSCH  
\* FLOR DE CEREJEIRA DE HAI-KAI É TETRATKYS NO PORO DE  
MICRÔMEGAS \* POLIFONIA USA COMPASSO PARA BUSCAR TOM  
PERDIDO ENTRE AS QUIÁLTERAS EM FUGA \* VIXNU MAMA LEITE  
DE CABRA DA VIA-LÁCTEA EM ANGKOR \* SIMBAD PINTA OVOS  
PENTECOSTAIS DE ROK NO FAROL DO FIM DO MUNDO \* APOLO  
E ÁRTEMIS NO LEM EM POSIÇÃO DE PERIÉLIO COM A NOITE DE  
URANO \* EL GRECO COM TINTA DE PISTACHE FAZ PASTICHE DO  
CULTERANISMO DE STIJL \* VIMANA MOVIDO A ALVORADA  
POUSA NA NAVE DA PAMPULHA \* ESCATOLOGIA É MALEBRANCHE  
E HOOLIGAN EMPORCALHANDO ENCÍCLICA QUE RECICLA ERA  
DE AQUÁRIO \* GLOBO DA MORTE É ESFERA ARMILAR DE  
TUNGSTÊNIO E EINSTÊINIO \* ANDOR DE LA PASSIONARIA PASSA  
EM TANDEM COM A FRANQUIA DO ETA \* TZAR ATIRA ERSATZ DE  
QUARTZO NA PERESTROIKA \* DODECAFONIA É A CACOFONIA DA  
SINFONIA DESPROVIDA DE AUDIOMETRIA \*



*LAGRANTE DELICTO.* TERÊNCIO VALE E ZÉ Seixas são flagrados pela dona da casa e por um homem que a acompanha. Os dois com a mão em botija fingem demonstrar uma surpresa deslavada inscrita em duas feições passadas com um ferro que foi esquecido ligado na tábua de passar roupas. A surpresa do casal *exteunt* é um diagrama. O tacho é o primeiro elemento a ser levantado para servir de analogia àquelas feições. Rictos pachorrentos e sorrisos compenetrados de pêssames formam pátnas de *rouge* feito em Stratford-on-Avon.

A mulher atende pelo nome de Maria Gonçalves e é uma mestiça que arreperia o inocente estupor bossa. Uma descrição dessa mulher demanda uma introdução, um prolegômeno, para que o ouvinte não ofusque sua imaginação

auricular. INTRODUÇÃO: se o projeto de criação descrito nos Upanishads, durante sua fase de singularidade pré-inflacionária, permitisse o entrecruzamento entre um Stradivarius perfeitamente torneado e o coração de nácar de Baal Tanit, o resultado não seria tão satisfatório quanto a pessoa de Maria Gonçalves.

Uma topiaria capilar suavemente encarapinhada aflora de um mar queratinado. A cabeleira está subdividida em tranças da cor do piche redivivo e se fundem em um laborioso coque senegalês. O coque está coberto por uma touca de poliéster amarelo que lembra uma calceolária. A margem da testa forma um arco esquadrado em cima dos olhos de lápis-lazúli. Minúsculas cerdinhas loiras pontilham a pele de pêssego em pontos estratégicos, tais como o recôncavo do buço e a têmpera de Bataclã. Seu rosto de miss Arcádia não apresenta nenhuma trilha de pé-de-galinha e é mosqueado por uma sensualíssima pinta a estibordo da boca de caju, uma boca com reentrâncias edênicas. Os seios são fartos e balanceados telecineticamente por um querubim do sétimo céu. Os pés estão alinhados em um contraponto *allegro*.

O corpo parece ter sido esculpido a quatro mãos de Fídias e Rodin diplomados em cirurgia plástica. Os quadris enxutos desse resumo do *Novum Organum* foram aquilatados quadro a quadro a partir de um *jogging* calistênico. A relação dos quadris e do cóis foi calculada por Mary Quant. Uma passadeira destacada do Bifrost deveria ser colocada em todos os lugares por que a beldade passasse.

Maria Gonçalves veste um vestido de alcinha de chintz que termina no tendão de Aquiles. A mulher é uma hamadriade de árvore frondosa que arrima a sesta de Iracema; uma Calíope de fonte luminosa. Seus olhos refletem uma radiação nuclear, mas delatam uma índole

nebulosa de virago. Terêncio Vale tem à sua frente uma Parsifae dentro de uma vaca de vidro.

O homem que a acompanha encarado *vis-à-vis* é de difícil classificação, mas possui uma leve semelhança com o astronauta morto. Pode ser comparado tanto a um mogul encaniçado quanto a um caipora que faz brincadeiras de mau gosto. Sua pele negra é composta por inúmeras placas de carne grudadas por horrendas cicatrizes. Um xifópago que foi separado do Universal do Homem platônico com uma serra elétrica. O sujeito está vestindo uma espécie de guarda-pó de neoprene preto com a insígnia do Jolly Roger estampada nas costas. Sua imobilidade lhe confere um aspecto de montanha de ebonite. Os óculos escuros que usa provavelmente protegeriam seus olhos da explosão de uma supernova em folha. Pelas laterais destas aterradoras lentes de turmalina negra são entrevistados dois obscuros espelhos pânticos. Seus gestos parciais de dublê são bruscos e impensados; sua atmosfera é de bismuto. O homem transpira ambição, alta ansiedade e conação de vilania. O homem inspira o Behemoth.

Terêncio Vale e Zé Seixas criam tiques de retraimento. No ínterim da pasmeira, Maria Gonçalves inicia um intróito:

— Vejo que não perdeu seu tempo, Terêncio Vale. Nunca pensei que pudesse se comportar como um menino levado. Não se vai entrando na casa dos outros sem um guia, pois como você iria entender as peças do museu?

Terêncio Vale enfatiza epidemicamente sua parataxe:

— Eu pen... foi o horário, o horário... da estação... acabei perdendo o caminho... proc... ajuda de uma cliente... sem malda... sinto... última vez que acontece... percalço da vida... nada...

Maria Gonçalves desatola as justificativas retalhadas com o poder de sua compleição de *pin-up*:

— Tsc, tsc. Seu tolinho... Não precisa dar explicações. Tudo está esclarecido. Alguém na multidão passou, agradou e deixou um vidrinho de colírio. Posso dizer que você também me agradou. Achei você gostoso, bom de pinta e natural. Ah, mas que falta de educação a minha! Ainda não apresentei este conceituado cientista americano. Por favor, Berzelius, venha até aqui, sim? Berzelius Baldwin, Terêncio Vale.

Terêncio Vale, com cara de cavalo dado de presente de grego, acena a cabeça em um ademane de estilo *Tory*.

— Olha, moça. O meu armarinho está em promoção e eu estou dando um brinde em cada compra. Você esqueceu o seu, e eu vim entregar. A porta estava aberta, estávamos sendo seguidos e...

— Tudo bem, o perigo já passou, não passou? Sua loja tem uma boa quantidade de produtos para costura, mas posso confessar que eu mal consigo fazer um camelo passar pelo buraco da agulha. Eu pensava até que moletom com capuz era casaco para corcunda! Mas posso garantir que não entrego os pontos. O que vem a ser o seu brinde? Onde está?

A abordagem da circunstância omitida faz Terêncio Vale cair do Cavilinho.

— Na verdade, moça, eu... esqueci.

— Não tem importância. O que importa é o começo de nossa amizade. De outra forma, seríamos apenas duas gotas no oceano, não é? Ainda bem que minha presença chamou sua atenção...

— Chamar atenção? Quantas vezes o populacho de homens bolina você por dia, moça? Você é uma granada explosiva! Mas vejo que você é bem transigente. Vai nos denunciar para a Gendarmaria?

— Denunciar? De modo algum. Acontece o seguinte, meu amigo, minha... paixão. Eu fico molhadinha quando gosto de alguém e vou até a última instância para conquistar e ser conquistada. Existem homens que deixam as fêmeas em pandarecos! Eu relutei para sair do armarinho sem mais satisfações. Eu sempre tive aquela imagem do soldado bom de cama que foi para a guerra deixando apenas uma xícara de café frio. Assim, me senti mutilada. Sua lembrança persistente fez um grande estrago na minha memória. Machucou a fundo. O seu "Volte sempre!" se transformou em uma recordação que não simplifica o papel do esquecimento. De uma certa forma, fiquei gamada em você. Tive o sonho de revê-lo no papel de cortejador. Tive o sonho de fazer amor com você na Fonte de Trevi, no poço dos desejos...

As palavras da Salomé flanam pelos poros de Terêncio Vale.

— Mas...

— Sem mas, meu caro, minha metade. Eu sinto pelas vibrações que você foi designado pela morada dos deuses para enfrentar o cotidiano junto a mim. Acordar de manhãzinha ao lado do amorzinho. A espuma das cascatas seriam nosso colchão... Beijar eternamente sobre tobogãs de feltro usando peças de seda... Que sonho!

— Você está falando em casamen...

— Fiquei louca por ti.

— Mas...

— Juro.

— Mas...

— Delícia!

Maria Gonçalves fecha os olhos e verte um suspiro anatematizado. Terêncio Vale deixa-se levar pelo fluxo do *bic et nunc*. As algemas de cristal são ululantes. A pérfida Aracne tece uma teia de *art brut*.

Zé Seixas faz caretas na Casa dos Espelhos de um parque de diversões patafísico, ou seja, em um recinto com eficácias do *Yonder*. A estranheza não tarda a se reverter em lugar-comum autóctone, pois há um arrebatamento e uma revitalização de antigas sagas esclerosadas. Os monólogos repetem as linhas de um *script* rasgado por um ator que tomou uma *overdose* de notopril.

A corporação aeroespacial NASA, em épocas de vacas magras, andou contratando batalhões de *nerds* desocupados para garantir sua existência. Essas pessoas eram criadores de rotinas, astrofísicos heurísticos, mecânicos de Buck Rogers, acrobatas de hidroavião, assistentes técnicos de *game gear* e auxiliares de cartório de patentes. Berzelius Baldwin estava entre eles.

No princípio, muita verborragia. Sua facilidade em se comunicar em várias línguas e sua tendência para as ciências resultaram em uma breve carreira de professor de ciências. Mas tinha uma idiossincrasia impulsiva e perversa. Nas aulas que ministrava, maquinava piadas sujas a respeito dos “ésteres na retorta” enquanto usava o ábaco como chocalho. Dizia que a Betelgueuse levava o Cão Maior para caçar a Lebre, e os alunos acreditavam, pois o orbe na urbe não é mais visível. Dizia também que havia conseguido uma lente polida por Spinoza que permitia ver as esferas transparentes de Ptolomeu e a *Sepbira prima* de calcinha. Em um dia, ao apresentar à classe um antigo sextante árabe chamado *kamal*, feito com um pedaço de barbante e um espelho, abaixou a calça, amarrou o barbante no escroto e se masturbou diante de todos, enquanto puxava com muita força o barbante com a mão livre. Foi despedido da escola e esse pontapé inicial de cinqüenta newtons no traseiro foi seu primeiro grande estímulo.

Em seu trabalho seguinte, como eletricitista, cometeu erros banais como medir um curto-circuito com um voltímetro. Depois, vieram as atividades ecléticas. Chegou a abrir uma firma de reparos de higrômetros singulares. Vendeu calcificantes macrobióticos feitos em sítios de sambaquis. Conseguiu uma bolsa de estudos na Universidade de Princeton e doutorou-se com uma tese sobre topografia azimutal oceânica — que tinha por *topos* os quadrantes do mar do Silêncio. Após se cansar da vida acadêmica, voltou a campo e inventou um sonar para golfinhos alfabetizados. A NASA se entusiasmou com seu gênio e o contratou. Mas a insanidade estava à espreita. Tornou-se frequentador de uma seita chamada Chaos Magic, onde reviveu antigas experiências de transmutação praticadas pelos nestorianos. Tinha uma estranha obsessão pelo elemento ouro. Chegou a tentar transformar papel *sboeller* em ouro folheado dentro de um ciclotron desativado. Traficou pastilhas de céσιο 137 disfarçadas com aroma de *faisandée* para despistar os cães do aeroporto e as vendia a peso de ouro. Organizou uma expedição frustrada à cidade de Eldorado com fundos levantados à custa de contos-do-vigário, como a venda de kryptonita vermelha e relógios que se recarregavam com pulsares. A canção de gesta deste homem que abusou do *mirabile visu* é a gemedeira. Foi preso por vagabundagem e passou anos em San Quentin. Saiu do presídio com um grave problema afásico. As línguas que havia aprendido se misturaram em um novo e macabro vocabulário.

Neste frigidar de ovos chocos Berzelius Baldwin sai de seu mutismo e começa a vender seu peixe argumentativo. O linguajar que usa proporciona um verdadeiro busflis interpretativo, pois possui uma gama de fonemas dissonantes, parecendo um portunhol com sotaque de benimluanda, grego linear-B, dravídico e indo-europeu. Uma interlíngua mis-

turada com o *volapuk* de Puck. O cientista mede Zé Seixas da cabeça aos pés e diz com inflexão de Hanuman circense:

— *Baita prazere! Exulto-mo casualmiente in terras di Vera Cruz. Beilo paíse! Tudino repartidino segundo u plano Amerika, u plano símile du Marshall, di reconstrucción pós-guerra. U esforço di vós congresso, i du negociador, apagou imagen di mau agradecidos di vós. U Itamarati con poderes di patamar... bona idéia. Congratulacion pel entrada di vós naci6n semimultitek en CMI! Grande Nassau! Condoído en conecer i fixar laços co us nativos. Lo branco Terêncio já coneci, mas u negrino du pastoreio, arrebatado nu canto, nã mo fue apresentado. Nã sintasi burlado, meo nego. Nã liga par meo comentas di família real! Japs tambien san todinos iguaes.*

Zé Seixas começa a pensar se a verdade do *dbarma* não é um drama.

— Ele fala através de um buraco de traqueotomia? Quase não entendi nada! Que palavreado cheio de rotacismo! Pelo pouco que entendi, ele quer que eu me apresente. Então eu me apresento. Eu sou o Zé Ninguém e já estou de saída. Até logo a todos.

— *Tomai un café antesb.*

O receio pelo desconhecido é dissipado pela cortesãnice:

— Escuta aqui, seu cientista. Não fui com os seus cornos e tenho mais o que fazer do que praticar conversinha. Você quer me incluir na sua raiz ou no seu ramo e eu digo que minha raiz é forte e meu ramo é a corretagem de aç6es. Não estou no seu caldeirão.

— *Eb, vitcbú! Nã, nã. Nada dito. Nã compare poeira di estrela co poeira di terra batida. Nota zero par u sabixião. Mia fenotipia nã*

*larga co seo tipo. Meo acabamentoo ten un brillo melhor. Monsieur nadina nã ten chance. Vã par seo buraco, subnutrido!*

Zé Seixas reacende sua coragem com o detrimento de sua honra:

— Mesquinho! Cientista aloprado! Você foi formado com uma educação baixa, proveniente do Necronomion. Você é uma raposa que toma conta deste galinheiro com galos de fardão. Dobra em quatro o seu fenótipo! No começo, queria me bajular, e depois demonstrou a verdadeira face. Hipócrita!

— *Ãnbi! Control meos impulsos di pipocar u carião dete mirreco! Material cinzento kê teno di monte serve par control mia paciência par con inferiores. Botar tudino a perder neta altura? Nã. Meos miolos vão levar-mo al frontispício di Lancel!*

— Capa de revista científica? Você? Como descobridor da flor de girassol que desbancou a teoria do Copérnico?

— *Fílio di puta! Vós repuxa una topada nu carião! Vós kër provocar-mo co zomba! Nã és nadi dito kê vós falou! Etava falando di Nobel...*

— Nobel? Terrorismo com o uso de dinamite?

Berzelius Baldwin reprime uma purga.

Por estas e por outras apresentações, o bando dos quatro do quadrilátero ferrífero desesperadamente tenta fazer uma aliança de mistura homogênea para obter a maioria. Mas, enquanto duas extremidades entram no carro de Jagrená, as duas restantes trocam imprecações em quadrigas de batalha. Dois quartos e quatro por dois. Uma obtusidade de losango. Uma intervenção de Pollock em um mosaico bizantino. Se a felicidade é uma arma quente, a felicidade da perplexidade é uma bomba de napalm.

Terêncio Vale enceta seu repertório de *ars amatoria* e quer ver o escrutínio da urna do clã Levi dar vitória ao oba-oba. Maria Gonçalves tremula um matriarcal lascivo em estandarte de porta-bandeira e, educadamente, quer amainar os ânimos mais exaltados oferecendo uma bebida. Terêncio Vale, que está com o pomo-de-adão mais seco que uma pedra-pomes, empola o supremo e se adianta:

— A moça tem cachaça?

— Claro!

Zé Seixas, o acólito em sua corte solitária, vê nesta pergunta um evidente sinal de apostasia vira-casaca.

— Vai manso, Terêncio! Nunca aprendeu a não aceitar coisas de estranhos? Eu não dou um mindinho para essa gente! Veja a decoração desta casa. A mulher não regula, sem falar neste deficiente da fala. Se você tomar alguma coisa que não seja a decisão de sair daqui, chame um *officier-de-bouche*, ou então chame um advogado, caso eles denunciem nossa invasão. Se você quiser, posso ser seu rábula. Eu tenho alguma prática. Quer ver? *Animo virum pudicae, non oculo eligunt*. Está terminada a sessão.

— Deixa a pressa de lado, Zé. Eles são de paz. Não fica provocando o cientista, pois assim a coisa pode piorar. Eles estão com a faca e o queijo na mão e ainda nos convidam para o *fondue*. Temos que reconhecer a hospitalidade.

— Hospitalidade me lembra hospital.

Maria Gonçalves vai até a cozinha e retorna com um garrafão empalhado. O líquido alcalino é entornado em três copos que são trazidos em uma bandeja de poliuretana com um motivo *art nouveau* de Caruaru. Só o vapor da cachaça já é suficiente para ocasionar uma presepada.

Berzelius Baldwin, que está em um agourento pé de guerra, se esquia da beberagem:

— *Nã, brigado. Nã bebo nen en social.*

Zé Seixas enigmatiza como uma esfinge fingida:

— Um lobo fantasiado de ovelha ou uma ovelha fantasiada de lobo de Perrault?

Berzelius Baldwin arregania os maxilares. Terêncio Vale, um elo perdido de ramapiteco, detém os mistérios dolorosos:

— Calma, pessoal. Bebamos pelo travamento de nossa amizade. Vamos relaxar de um só gole! Saúde!

Exceto o glutão, todos ignoram o drinque. Berzelius Baldwin pergunta com a voz lanhada:

— *Maria, kadê meo chip?*

— Calma, Berzelius. Está tudo sob controle. As coisas valiosas são trancadas a sete chaves.

Zé Seixas quebra o sigilo com uma inocência estúpida:

— Vocês estão falando da pecinha que está no cofre atrás do Pinto Calçudo?

— *U kê? Ete encardido já sabeí du chip? Ito és un acinte!*

Berzelius Baldwin corre ágil até o cofre e constata que este está se consultando em um dentista.

— *Elá berto? U kê significa ito, Maria? Kualkér gaiato podria tocar nu chip! I tu sabeí kuão importante ito és!*

Zé Seixas diz com sua já tradicional ironia fora de hora II:

— O cofre boca-de-lobo bate boca na boca do lixo.

A *Commedia dell'Arte* vai lentamente adquirindo uma desconfortável coloração de tragédia grega.

Terêncio Vale inquire:

— Qual a relação do mestre das algaravias com aquela pecinha que causou tanta celeuma quanto a sua utilidade? E de quem é aquele teste de docimasia positiva?

Maria Gonçalves, percebendo um certo ceticismo da parte da dupla quanto à envergadura do cientista, insere o *curriculum vitae* do renomado mortal de currículos mortais:

— Terêncio, meu querido. Este homem é um astrofísico da NASA. Sua agenda para simpósios está lotada. A pecinha que você citou é um *chip* que levou anos para ser elaborado. Berzelius agora está trabalhando com os dados de um planeta recém-descoberto...

Zé Seixas interrompe:

— Ah! Este ser humano tacanho é um astrofísico? Quando você falou que ele era um cientista, eu pensei que fosse um chiste. Eu visualizo este jumento no canto de uma sala de aula com um farricoco de aluno burro. O sujeito é no máximo um amador do infantilismo.

— Pensou errado. Este homem fez uma importante descoberta e, pela correspondência que estivemos trocando durante as últimas semanas, o negócio é sério.

— E o que você tem a ver com isso?

— Eu? Bem... eu sou sua admiradora e a única a lhe enviar cartas de incentivo. Mas voltando ao assunto da descoberta...

Zé Seixas insiste em suas *gags* invocativas de Anteus fundibulários:

— Descobriu o quê? Descobriu com quantos paus se espanca um charlatão?

Berzelius Baldwin explode virulento:

— *Eb, vitcbú! U matraca etá fazeindo intriga! Irei cauterizar etá bocarra di macaco! Ete negrino etá sobrano akim! Pico co tesourón etá bocarra maldiçoada!*

Zé Seixas põe o rabo entre as pernas.

— Calma! Desculpe! Não quis ofender!

— *Nagora kér confundir-mo?*

Maria Gonçalves dá um ultimato à liça com a força de uma egéria:

— Vamos acalmar! Não quero violência na minha casa, caso contrário, eu chamo a Gendarmaria. Por que os dois negros, em vez de fazer um samba do crioulo doido, não fazem um batuque de bateria? Vamos ficar todos quites. Eu estou tentando ser uma boa anfitriã. Vamos dar um pouco de crédito ao cientista. Eu não vou ficar me debatendo para pedir bons modos. Não quero desfazer uma amizade que mal começou.

Zé Seixas aceita a trégua:

— Está bem. Eu coopero. Mas que esse tal cientista é um lunático... Mas vamos esclarecer. Isto é alguma brincadeira? Eu não consigo acreditar que você tenha gostado do Terêncio "à primeira vista". Você ainda não respondeu de quem é aquele teste positivo de docimasia. Vamos virar a mesa com esse jogo sujo!

— Você é muito curioso e precipitado. Eu não admito intimidade e não costumo gostar muito de penetra. Mas, mudando de assunto, tudo acontece de interesse ao Pai Oxalá. Na verdade, o Berzelius me procurou, pois eu posso prestar a ele alguns serviços. Vocês são homens de negócio, não são? Então vamos falar de negócios. — Maria Gonçalves pede auxílio aos repentistas da maiêutica. — O Berzelius, de tanto olhar para o firmamento...

— ... acabou caindo em um bueiro aberto?

Zé Seixas corta uma bengala de pão recheada com rabo de leão.

— *Eb, vitcbú! Calado! Auto! Filio di puta! Safadião! Cala a bocarra, filio di puta con Sida!*

O cientista esbraveja e põe a mão em um dos bolsos de seu guarda-pó de neoprene. Sua complacência está na reserva, pois a ríspida mudança de panegírico a escracho é um choque anafilático para o brio. Terêncio Vale não quer que o circo elétrico pegue fogo e intenta abrandar a troca de gentilezas acesa:

— Cala de uma vez por todas sua boca, Zé Seixas. Se você continuar assim não vamos ter resposta para nada. Tenha calma.

— Calma? Como eu posso ter calma? Tudo indica que você foi calculadamente atraído para cá, com a frieza de um raciocínio matemático-funcional, e ainda quer que eu ache normal? A mulher partiu para cima de você da forma mais dissimulada possível e você acha normal? Eu sei que a carne é fraca, mas eu já li todos os disquetes! Quem é essa Maria Gonçalves afinal? O que ela faz da vida? E o teste de docimasia?

— Eu sou uma ialorixá e o teste é de um... é do...

— *És di un parente meo. Ito nã ven ao caso.*

— Uma ialorixá? Não vejo nexo. Por que essa admiração por este astrofísico? Você não deveria estar em trabalhos no terreiro fundamentalista?

— Tenho direito a uma vida autônoma.

— Então você pratica quimbanda? E quanto ao *cbip*? Pela reação do cientista, parece ter muita importância. É um mono carvoeiro ou um patrulheiro de Harley Davidson?

Berzelius Baldwin evola toxinas que formam a gota d'água na tempestade de um copo de bonança. Zé Seixas, o Giton tônico, nota que alguém com as mãos em riste de estrangulamento parte em sua direção.

— *Colocar-mo-ei vós en un polé!*

No momento em que o cientista se prepara para um hipnótico bote, um ronim barrigudo senta sobre o jorro do *Old Faithful*. Com este golpe, Terêncio Vale invejaria qualquer herculano que tivesse abatido o gir de Erimanto na terra de Marlboro.

— *Solta-mo! Solta-mo, maligno! Dou un boxer en seo carião! Vós lavai la mão en lava! Brincai mui co la vecinidad! Nã sabei u kê fazei!*

Maria Gonçalves assiste à brutalidade e tenta interpor frases de efeito:

— Mas que coisa feia! Os meninos assim vão parar no Instituto do Coração. Nunca ouviram falar em diplomacia? Ou melhor dizendo, em jeitinho?

Terêncio Vale faz um adendo:

— Você faz isso como ninguém.

— Sim, mas estes dois parecem que têm velhas contas a acertar, ou talvez estejam apenas se flertando. Quando um alter ego encontra um ego alterado, há reações imprevisíveis.

Terêncio Vale conversa com naturalidade e desiste de manter seu *low profile*. Berzelius Baldwin se contrai como uma minhoca seccionada, mas rapidamente desiste de se desvencilhar daqueles músculos portentos e tenta negociar um armistício, mesmo que sem um tratado de Genebra. Ele aceita o *sursis* do Sansão de peruca, mas os pedidos para que Zé Seixas controle a logorréia são veementes. O provocador, sob efeito suspensivo, aproveita o bom tempo para continuar na trilha de Oku dos esclarecimentos.

— Depois dessa apresentação forçada, eu gostaria de não perder a meada. Só uma perguntinha. Vocês tinham certeza de que Terêncio Vale viria, não?

— Sim e não.

— Não havia um lugar mais propício para resolver essas coisas, Maria Gonçalves?

— Veja bem. Vou ser direta. O Terêncio é a única pessoa na Terra que pode me ajudar a fazer um trabalho. Eu estou pedindo de coração que ele coopere comigo.

— Mas como?

— Ahhh...

Os eflúvios monossilábicos de Maria Gonçalves fazem Terêncio Vale perder as estribeiras, e, após uma breve interferência no entrevero das comadres da cosmogonia agônica, ele volta a se acostumar com a escuridão através da cegueira noturna. A ialorixá, com sua história para boi dormir mal contada, seduz um claudicante. E, inusitadamente, o claudicante não só se transforma em um *Heldentenor* de apojeturas portentosas como revê todos seus conceitos a respeito dos anais da Anaïs Nin.

— Em que posso servir? Estou à disposição.

Terêncio Vale assina um contrato de pecado original sem o ler. Seu comprometimento com esta decisão data de antes do *Big Bang*. Zé Seixas estrebucha palavras chamativas:

— Não pactue, Terêncio! Estas pessoas são loucas e perigosas. Vamos voltar para a nossa regional. A cidade é muito grande e o prefeito filho de Orunmilá faz o possível para conter a emigração. Nossa cidade tem loucos de todas as raças.

Terêncio Vale responde com um trejeito de resignação:

— Morrer na fronteira marítima? Jamais! Além do mais, quero saber em que posso ser útil.

Maria Gonçalves frisa a vantagem:

— Você pode até levar algum dinheiro.

Terêncio Vale organiza uma mixórdia luxuriante com o aporte dessa possibilidade quaternária. Dinheiro, mulheres, mulheres e dinheiro, a combinação quádrupla do binômio perfeito. Sua disponibilidade é renovada com um *glamour* acentuado, como se sua voz tivesse sido enxaguada com o creme rinse da Lady Godiva:

— Em que posso servir?

A ialorixá, uma espécie de *bookmaker* de Tirésias, entoava um prelúdio:

— Pode servir sendo um cabeça-de-ponte, um intermediário.

— Olha, moça. O Terêncio pertence ao clã dos materialistas, além de não ser um filho-de-santo praticante. Se vocês estão pensando em tirar uma colaboração de alguém que não faz força para interpretar o próprio hidrômetro, podem esperar sentados, pois isso seria o mesmo que bater na mesma tecla de um piano de cartão perfurado. Se vocês quisessem discutir receitas, falar sobre as sobremesas do Savarin, talvez...

Maria Gonçalves valora o objeto de valoração:

— O seu amigo pode ter todos os defeitos do mundo, mas de uma coisa ele pode se orgulhar: ele é um médium de raras qualidades.

Ao ouvir estas palavras Zé Seixas avança na interlocutora com os olhos saltando de suas órbitas elípticas.

— Pelo amor de Orixalá, o que significa isso? O que um astrofísico americano está fazendo aqui? E o que esse médium, que mal conhece nosso panteão, pode fazer por você? Que embrulhada é essa?

Maria Gonçalves explicita:

— O Berzelius Baldwin descobriu um novo planeta no sistema solar de Alpha Centauri. Ele o batizou de VB8B segundo o catálogo.

Zé Seixas sobrepõe:

— Um planeta? E daí? Hoje qualquer um pode descobrir um planeta.

Berzelius Baldwin lustra o troféu:

— *Ete planeta és deferente. Nã és un planetina kualkér. Us juegos di Albertville poden sere realizados en sus partes más frias. U planeta és equal la Terra, incluso divisas natura i mare. Teno-mo un protótipo di su carta cartographis. Etava pesquisande las stars binárias en Alpa Centauri co una nebula du tamano di un T. Rex en front di VB8B. Kuando la nebula si deslokou, VB8B apareceu.*

— E... — reticencia Zé Seixas.

— *I... etô-mo digitalizando u planeta. Vós sabeí? Raster un planeta par computer? Nã vale la pena explicar matéria científica par un ignoras.*

— Ignorante é seu progenitor. Esta cicatriz humana tem que ser levada urgentemente para uma Casa de Orates! Ele pensa que descobriu um planeta igual à Terra? Duvido. Todos esses planetas descobertos são a mesma coisa, a mesma desolação, os mesmos rios extintos. Se ele disser que encontrou aminoácidos nesse planeta, eu me retiro.

Berzelius Baldwin intercepta Zé Seixas com seu babaréu zoarento:

— *Ete planeta ten agá dois ó i subsolo con mineral... U computer és linkado con u telescópio eletronic. Agen en conjunto. U computer raster la superfície, las fascies i extratos. U raster és total. U écran presenta curva di calor, curva barométrica, curva magmática e muicho más.*

— Você está falando do planeta ou da Maria Gonçalves?

Terêncio Vale ouve a exposição humilíssimo. A sua atenção equivale a saldos nostálgicos, pois naquele momento é feita a sua

assunção à matéria inanimada da *cause célèbre*. Berzelius Baldwin percebe o poder de dervixe de suas palavras e continua aduzindo:

— *Tudino és una kestão di sistematizaci3n 3ptica programade. Us pacotinos di f3tons percorrerem en vacuum diat3rmano. U telesc3pio eletronic, con una lens thru-smog, captura los pacotinos. U computer, munido co meo chip double-charge, fika linkado au T.E. U chip ten k3 sere resfriado co hidrog3nio liquid en full-time basis. U chip sorve us f3tons komo el3trons en fotoc3todo i us filtra par u CPU. La data entonces 3s manipulada. U 3cran ten alta resoluci3n grapho en bili3es di cores. Tudino ten un efeito groovie, si v3s lembrai dus tempos di Abbie Hoffman en campi. Meo RAM recambia us data. 3s una beleza! Teno capacidade di fazere en computer estudo pedol3gico, orog3nico, u k3 kiser-mo.*

Um aluno rebelde da floresta de ard3sia berra petulante:

— Blefe! Isto 3s absolutamente para-antipsiqui3trico. Esta exposi33o 3 antiantimat3ria! Voc3 tem uma ladainha de saco de risada e s3ndrome de Daniken.

— *V3s 3s leigo.*

Z3 Seixas reluta em perceber a concomit3ncia d3spare entre teogonia e *joules*.

— E onde entra a ialorix3?

Maria Gon3alves profere o *cover* de uma melop3ia. Um estatuto 3 decretado com a veem3ncia de uma sufragista:

— Voc3 deveria saber que os santos visitam outros planetas. Muitos s3o esquecidos, pois os governantes que os representavam foram incompetentes e n3o souberam fazer valer a sagrada posi33o de mandantes interinos do grande Pai Oxal3. Os santos n3o se conformam com a incompet3ncia administrativa dos mortais.

Terêncio Vale vaga em hiperestesia. Zé Seixas vaga em espiritismo.

— Esse negócio de planeta com mar e palmeiras balouçando ao vento é desculpa para engrupir. Este astrofísico, que para mim mais parece o Lucius Amarus Ruphilus Appius, caiu em uma dobra espacial. Ele está pregando o evangelho segundo Lucas Skywalker. O homem é um louco. A mulher também. Imagine... Um planeta que serve de atração turística para espíritos. Vamos acender uma vela à Virgen de los Milagros de Caacupé à alma destes loucos. Eu já ouvi falar de teleférico em Triton, mas dizer a respeito do velho calção de banho em um planeta de outra galáxia é abuso de credibilidade.

— Você não está dizendo uma coisa inteiramente sem sentido...

— Que distração a minha! A aula agora é de metafísica quântica? Vai ser administrada por um exu vestido de bobo da corte?

Zé Seixas, em seguida, desprende uma gargalhada gorgulhante e cavalar. Um riso nervoso. As explosões de ânimo, em certos momentos de clímax, podem entornar o caldo da discórdia.

Terêncio Vale está torturando um pobre Camel nas masmorras de seu beijo inflamado pela deusa havaiana Pele. As baforadas imitam a esquadrilha da fumaça soltando chuva artificial.

— O que vocês querem que eu faça?

— Diga *vade retro*, Terêncio. Não caia na conversa. Se você é um médium, como ela disse, pode ter uma frequência modulada para encarnar. Pode ter um grave problema de rejeição a corpos estranhos. Você não foi “batizado”, isto é, não passou pelo ritual do abá-baxé-de-xangô. Quando eu te levei uma vez ao terreiro fundamentalista, você se lembra daquela mulher que foi cavalo? O desespero estava estampado nos gritos que dava. A experiência é muito forte!

Maria Gonçalves responde com um sibilo que deixaria até um *latin lover* enlacrado:

— Não se apavore, homem. Eu sei fazer a coisa com jeito. Eu já iniciei muita gente. Sei onde estou me metendo.

O palhaço *ad hoc* exclama:

— *Nonsense!* Estas pessoas absurdas afirmam absurdos que, mesmo antes de eu tê-los pronunciado por brincadeira, já os havia achado absurdos.

Maria Gonçalves prossegue com a dança do ventre livre:

— Por favor! Ele não tem nada a perder!

— Sim. Mas o *connaisseur* do céu parece que tem.

— *Un espírito kis kê mia descoberte fosse par cucuia! Sabotage di un energúmeno du outer space! Eu, particularman, nã aturo sabotage di mitbos. U orixá etáva travano la pedra di mó di meo computer. U orixá kis esconder u ás en manga! Tive-mo kê espremer u berne! U planeta ten dono. U santo kis desperdiçar meo tempo! Si eu podesse... pum di bacamarte naquel moleque!*

Maria Gonçalves entra em campo com explicações recheadas com adereços do “The Golden Bough”:

— O negócio é o seguinte. Um espírito não pode existir sem um referencial no plano material. O corpo de referência pode ser qualquer ser vivo, e um planeta, como sabemos, é um gigantesco organismo. Quanto mais a imagem correlata deste corpo esteja fora do alcance da percepção humana, mais poderes tem este espírito. Neste caso, o espírito que foi mencionado pelo Berzelius usou ao máximo este expediente. Ele ocultou a imagem do seu corpo material no computador. Mas, retomando... Enquanto a imagem do corpo estiver encoberta, o espírito nele

encarnado não fica exposto a convocações. O espírito fica, digamos, trancado. Ou seja, para haver uma troca de corpos, os dois corpos precisam existir como imagem, já que a imagem é a maior herança da matéria. O filho-de-santo, ao receber um espírito que estava trancado, pratica um comércio de descargas anímicas em congestão.

— Esta conversa me dá indigestão... — recorre Zé Seixas.

— Antes do *cbip* do Berzelius, o espírito conseguia apagar a imagem do planeta no monitor e colocava um rabisco no lugar. Um insulto! Quando tudo estava prontinho para o prosseguimento das pesquisas do planeta, quando o telescópio estava funcionando em plena harmonia com o computador, o que aparecia no monitor? Um desenho de um homenzinho que toda criança faz. Um daqueles homenzinhos de jogo da forca, sabe? Primeiro, a cabeça redondinha, o traçado do corpo em forma de palito, os membros pequeninhos e, embaixo, uma bola, como se o homenzinho estivesse andando em cima de uma bola de borracha de circo...

— Não foi falha humana?

— Não. O espírito estava querendo ocultar seu corpo e manter a exclusividade. O corpo, no caso, é o planeta inteiro.

— Um planeta proibido...

Um ponto de interrogação de concreto armado desaba sobre o assoalho. Zé Seixas resolve fazer uma ronda pela sala. Ele faz uma careta de deformidade gástrica ao passar pela carranca e é promovido a mandachuva dentro da hierarquia dos monstros hieráticos. Um deus temível e grunhidor.

Terêncio Vale admite desaforadamente as capacidades priápicas de Maria Gonçalves, que, ao notar o poderio de sua massa de manobra, reforça sua voz de estévia. A união entre os orixás do tempo — conheci-

dos como Irokôs — e os cronômetros é desfeita. Uma quimera devora a nau dos insensatos.

— Vamos deixar de meios-termos que o bom entendedor quer ser convencido. Um espírito fez uma brincadeira em um computador. O cientista ligava a máquina e o que aparecia no monitor era um desenho. Pela descrição, penso ser um daqueles homenzinhos de orelha de caderno, daqueles que se decupam para fazer um cineminha. Algum significado deve ter, ou não estou conotando bem.

— Sim. O intrometido queria pura e simplesmente ficar eternamente em outro planeta sem ser incomodado. Mas tem um detalhe. Este espírito é um espírito especial.

— Como assim? Desembucha logo! Somos trabalhadores e temos que madrugar amanhã!

— Ele é também um espírito da fartura que, quando é solicitado para encarnar em ser humano, só encarna em gente que tem muita “riqueza interior”, ou seja, pessoas que possuem uma memória corporal muito forte. Mas vou narrar como o Berzelius descobriu que espírito era aquele. Depois de matutar e observar por horas a fio aquele desenho, ele pensou que se a figura fosse revirada talvez pudesse ter uma outra configuração. Ele deitou a figura e a deixou na horizontal. A cabecinha formou a letra O; os braços e as pernas, a letra K; e a bola formou outra letra O. Berzelius tentou a técnica do anagrama. Um anagrama fácil, de três letras. K-O-O não tem sentido, muito menos O-K-K. Sim. A palavra cifrada é O-K-O.

— OKO? De bokomoko?

— Não. De orixá Okô.

Zé Seixas continua a usar a zomba como um método de calar Terêncio Vale. Um caso raro, pois a única vez que eclipsou com sucesso

seu compadre das ousadias foi quando o último pediu sua cobertura para irrigar alguns tapumes.

Maria Gonçalves prioriza desgalvanizar o humor sardônico do gaiato coadjuvante. O comediante ou se adapta às leis da Pasárgada ou terá de tirar umas férias forçadas com o pessoal da Cheka. A mosca do alvo está quase se convertendo, pela obra de um ósculo, em um príncipe galanteador. Mas o que aconteceria se um sapo se metamorfoseasse em príncipe encantado em cima de um nenúfar?

Berzelius Baldwin deseja desafogar um martírio de um cálice de água benta. Nada nega que seja um anão hierofante radicado de Eleusis que metralha os deuses baseado na cartilha do Ragnarok. Não que seja um anjo caído em pessoa, mas sua culpabilidade por não pertencer à ordem dos cavaleiros de São João financia seu ateísmo. Talvez sua maldade esteja computada no livro do guarda-selos de Loki. A maldade é a ambição pela aquisição de um miasma que faça cessar a marcescência de Argos com areia nos olhos. Zé Seixas diz:

— Posso imaginar no que estão pensando. Vocês vão brincar com fogo...

— *Fuego en gravetinos* — eufemiza Berzelius Baldwin.

— Fogo em gravetinhos ressequidos de uma floresta de suicidas — hiperboliza Zé Seixas.

Maria Gonçalves fabrica mandingas apócrifas para zarabatanar um alarme falso. As mandingas, vindas da boca de um sórdido, soam diletantismo; mas, vindas da boca da deliciosa ialorixá, soam escapismo para o império harmonioso de Cheng Ho. Uma Justine de saia justa que, com seus olhares adereçados, faz irmão odiar irmão, Fabiano odiar Feniano. A fisiologia da paixão está com uma túnica pintada de chamus

invertidas. Os ladrões românticos, como o Meneghetti, comem migalhas de pão que o diabo amassou só para se encontrarem com mulheres fatais em estações ferroviárias abandonadas. A bruxa com uma piaçava em estilo macramé comemora sua milhagem na *Walpurgisnacht*.

Berzelius Baldwin fita os lambris e brinca de *steamboat* com os dois polegares. Impaciência ou têmpera? Sua arenga é de um aficionado.

— *Tudino vae cabar ben si u Terêncio fizere u obséquio di encarnar u dito kê nã conece nadina di contracto sociale i di propriedade.*

— Quer brincar de trava-língua? Às vezes não entendo bugalhos do que o torpe fala. O doutor é *bonoris causa mortis*? Ele quer trocar o santo de vasilhame? Por que vocês querem fazer o Terêncio encarnar o espírito?

Maria Gonçalves explica:

— Pois as simpatias para ganhar dinheiro estão falhando de forma generalizada no Brasil. O lugar de Okô é na Terra. Além disso, vai ser difícil ele encontrar outras formas de impedir o estudo de VB8B aqui embaixo.

Zé Seixas se lembra de que os orixás se portam como robôs perante as três leis da robótica e faz um piquete nas portas da fábrica R.U.R.

— Isto me cheira a uma espécie de ação diversionária.

— O problema é que Okô é um espírito que gosta muito de falar com o seu cavalo. Ele nunca perde uma oportunidade para narrar suas façanhas. Nos primórdios, quando a Terra era apenas povoada por deuses e espíritos, a vida dele passou por uma grande guinada. Isso lhe deu muito orgulho e, claro, vontade de falar do seu motivo de orgulho.

— *Cbegae co éta papada! U orixá ten kê caer fora!*

— Por que o Terêncio?

— Porque o Terêncio é único.

— Pelo que eu me lembro, o caso de Okô foi abafado. Ele foi o único orixá a conquistar autonomia. Ele não suportou ser *slogan* de politiquinhos pelotiquinhos e corruptos. Não agüentou ver seu nome envolvido em sucessões e secessões. Foi o único orixá a não se compromissar com himeneu ou com hímen rompido. Um espírito que, sem maiores delongas, colocou o pé na estrada em busca de uma suposta liberdade. Agora, ir para outra biosfera é exagero! Realmente, um orixá que é *sui generis* só poderia encarnar em alguém que fosse de sua alçada.

— Sim. O Terêncio preenche todos os requisitos.

— Mas como vocês vão manter o espírito na Terra?

— A resposta é simples. Se o cavalo mantiver relações sexuais enquanto estiver recebendo o espírito, este entra em um processo irreversível de descenso, pois o pico do gozo abre um portal entre o mundo material e o mundo espiritual e, com o término do gozo, o portal se fecha.

Terêncio Vale pede para ser condenado à lei marcial. Zé Seixas continua na berlinda:

— Eu sinto que o cientista quer algo mais além de fama e fortuna.

A palavra que Maria Gonçalves pronuncia é mais fria que comida congelada:

— Sim. Vingança.

— Não é à toa que o Terêncio seja a caixa de ovos de Colombo. Quem diria, meu amigo tem vocação para ser *baby sitter* de orixá. Terêncio, ponha seu chapéu e vamos embora. A brincadeira deles já passou dos limites.

— Seu Ricardo coração de galinha mole! Eu não vejo nada de mais em ajudar estas pessoas em nome do progresso da ciência e da regularização religiosa. E, no mais, eu estou prestando um serviço e vou ter que ser remunerado. Em dinheiro ou... em espécie. Não é, Maria Gonçalves?

— Perfeitamente.

— O pão está difícil. Não tenho nada a perder.

Zé Seixas fica estupefato com tamanha submissão. A inclusão de um numeral insignificante no conjunto de variáveis irrevogáveis deixou de ser improvável. A missão dos homens é levar a mensagem de sua existência às constelações de universos. O caminho da verdade está sob a responsabilidade do Barão de Münchhausen, pois as efemérides estão enfermas.

— E o telescópio eletrônico? Pelo que eu sei, aqui na cidade não há nenhum observatório. Os observadores amadores usam telescópios pequenos, com lentes especiais que são importadas pela Northrop. Agora, podemos caçar as estrelas no planetário, caçar com puçá, mas não vale se perder.

— *Stars nã és barboleta, idiota! En Campinas de Logun-Edé ten un T.E. nu observatório dí Capricórnio. Nã és komo un MMT, mlas serve. La parte tek etá okay. Teno-mo u T.E., la lens thru-smog i, nagora, teno-mo u Terêncio.*

— Quando vai ser cometida a loucura?

— *Par kê nã nagora?*

— Agora? Mas já é tarde! Amanhã trabalho duro e à tarde tenho jogo de bocha!

— *Kem diste kê vós vae?*

O descartado inicia uma ofensiva pelos flancos. Os dados viciados estão lançados sobre um rabeção.

COUSTEAU FALA EM DISBULIA NO TALK SHOW DO NAUTILUS \*  
LAVOISIER TRANSFORMA CRAVO EM SINCLAVER NA FLORICUL-  
TURA DOS CORDELIERS \* VIEW MASTER É RETROPROJETOR  
COM SLIDES EM ANÁGLIFO \* TABOA E TÁBUA DE BAOBÁ PARA  
DECORAR TABOADA DE AL-KHWARISMI \* O KHMER VERMELHO  
COLOCA CAL BRANCA SOBRE GUERRILHEIROS AMARELOS \*  
O ARRAIS DE ESTHER WILLIAMS DOMA ARRAIA NA RAIA \*  
SEQUILHO DE POLVILHO AO BIVALVE E PAAN DE MARZIPÃ AO  
PREGUIÇA \* SCARAMOUCHE DORME NO MOSQUITEIRO DO  
PÉRE \* SHANE CRIA BUSHIDO JANSENISTA DO COLT \* BIMBO  
COMPILA CORPUS DA GO-GO NO CORPO CAVERNOSO \* POLIFEMO  
LIBA CEPA EM CRATERA DE LEPRECHAUN \* GAUDIUM ET SPES  
PREGA ALIMENTAÇÃO DIANÉTICA PARA TEÓLOGOS DA LIBERTA-  
ÇÃO \* MARDUK DE MEMPHIS FAZ BATUQUE HIPSTER \*  
READER'S DIGEST COMBATE A DISPEPSIA DA PEPSI E  
ALPHAVILLE DE TOCQUEVILLE \* MAGIRUS ALCANÇA XANADU  
NO CÉU VENUSIANO DAS EDELVAIS \* DO-IN NO DRIVE-IN E WU  
WEI NO KARAOKÊ \* HOMO FABER CASTELL CARAN D'ACHE  
D'ISLE SOCIUS \* CONGRESSO TEM RESSACA AD NAUSEAM DE  
POIRE COM MINERVA AD PARTIBUS \* HATOR DE PSHENT NO  
CANOPO DE PERNOD EM KARNAK \* TRAKL ESPANTA O GRO COM  
A ÜBER ALLES DE KUNSTSHWARZE \* FEUILLANT DE VICHY FUMA  
GALOISE NO FAUBOURG DE LA DEFÊNSE \* TROPICALISMO DE  
TABAJARA É BOCA DO INFERNO EM CARRO ALEGÓRICO  
TEMPORÃO \* GUERNICA É A PROFUSÃO DE BABY BOOM NO PAU-  
DE-SEBO DA OPERAÇÃO CONDOR \*

## EXPLICAÇÃO DO TRANSPORTE DA FORÇA-TAREFA

está escrita em cirílico. Zé Seixas pergunta:

— E como vocês vão a Campinas de Logun-Edé?

— *Eu rent un carro.*

— Você vai dirigindo?

— *Nã sei lidar co ito.*

— O Terêncio não sabe nem andar de bicicleta. A Maria sabe dirigir?

A cabeça da ialorixá balança como um bambuzal em viração.

— Acho que só eu sei dirigir aqui.

— *Mlas vós nã vais di jeto nengum!*

— Então ninguém vai.

O cientista é igual a anuir. O aperfeiçoamento dos transportes coletivos no século 21 findou com o reisado da locomoção individual.

Além dos taxistas, só os ricos promovem a façanha de dirigir automóveis que, devido ao sucateamento, mais parecem Panzers do que qualquer outra coisa. Zé Seixas também não sabe dirigir, mas jura em falso cognato para ser incluído na excursão. Maria Gonçalves diz:

— Esperem um pouco. Estou esquecendo minha galinha de estimação.

Uma ave abatida pelas espadeiradas da modorra é colocada dentro de uma mântica. Os quatro saem da casa e caem na rua com a calçada de astros e estrelas cimentadas. Uma perua Ford Rural *vintage* cor de jerimum está estacionada diante do sobrado da frente. O veículo é uma aparição e deveria estar em *impeachment*. A ponta do eixo lembra uma calha de Escher. A corrosão é tamanha que certas partes do carro parecem ter sido apagadas por uma solução de ácido muriático e maresia. O chassi está mais retorcido que uma fita de Moebius. Os pneus precisam de um tônico capilar. Os vidros estão cobertos por decalques que, se a anamnese não falha, pertencem a uma época em que o nacionalismo, comparado ao atual, era canhestro. Uma época em que milagre econômico significava multiplicar os pães-de-ló e os peixes pistolões. Amar ou deixar? Um Molly Maguire riria de tamanha ingenuidade.

Berzelius Baldwin bate no gongo propiciatório ao retirar de seu bolso um tilintante molho de chaves que, tudo indica, pertence àquele carro de bois com rodas de cadeira de rodas. Zé Seixas pergunta:

— Você não vai dizer que alugou aquela geringonça destrambelhada, vai?

— *Voul. I daí?*

— E daí? Aquela ossada está tombada!

— *Olbe akim, seo animália. Nã soul perdulário. Alen du mlas, la NASA gravatou u orçamento. Já s rebaixei-mo par comer sandwicch di mortadela i dormir en lenços carcomidos par rateros pestilentos. U frete nã etava nu orçamento.*

— Eu não sabia que a NASA estava à beira de uma quebradeira! Mas esse frete? Que frete? Um frete para um matadouro?

— *Nã reclame. Dirija ete bandwagon i calai u bocão. Nã kero ouvir latido! La lens thru-smog já s etá nu bandwagon, u chip já s etá en meo bolsijo i u Terêncio já s etá nu papo. Vamo-mos!*

— Mas isso é negligência!

— *Nagora vós vae nen kê eo precise espetar meo sai en su goela!*

— Goela? Bem... então vamos. Que Oxalá nos proteja.

Zé Seixas se avexa com a diligência. Terêncio Vale e Maria Gonçalves, acompanhada por uma estranha galinha caipira, entram primeiro e sentam no banco de trás. As coxas dela roçam o pernil dele. Safo reza um *viaticum*. Os dois negros híbridos sentam na frente. Uma baratinha sai do porta-luvas e começa a voar pela cabine com movimentos de polca. O motorista emenda a partida e, após uma longa tosse de cachorro, o motor arregado pega e ronrona como um gato dentro de uma máquina de lavar roupas. Um cheiro de baratinhas fritas aromatiza o ambiente. Berzelius Baldwin, que está sentado no lugar do co-piloto, manda:

— *Tocai.*

A desconfiança ultrapassa a Ford Rural. A seqüência de medidas para fazê-la movimentar entra em uma elipse. Um motorista resoluto de seu ordenamento lógico colocaria uma quarta marcha para o arranque? Se a resposta for sim, então que venha a assistência psicotécnica. Se a resposta for não, então a falta de persuasão do

engano se tornou uma exceção. Zé Seixas arrisca alto, mas seu espírito de Totó continua vivo:

— Desculpe o tranco, mas a caixa de câmbio está sem a parafuseta coaxial do defletor de octanagem.

A desculpa inventada afasta os corretivos. A Ford Rural finalmente embala. Normalmente, a paisagem vista através da janela de um veículo em movimento obedece a um cronograma de transitoriedade sinóptica; mas o que se vê da janela de um carro dirigido por Zé Seixas é a negação do princípio do *mutatis mutandis*.

Berzelius Baldwin não percebe estes pormenores, pois suas considerações são telemétricas. Dentro da comunidade científica, ele é considerado um fariseu, um execrável simoníaco que comercializa anjos de pau oco em nome da ciência. Qualquer deus pode povoar a psique deste homem, menos Amor. Ele pertence a uma classe de pseudocientistas, já que os cientistas amigos de Dédalo estão cada vez mais escassos. Os antigos cientistas discriminavam o *tímor mortis* do *memento mori*, mas os sublimadores de hoje, fustigados pelo peso da máquina mortífera, são levados a despejar agente laranja em seus sucos. O que existe a mão-cheia são remendos científicos, científicistas que fazem a leitura da verdade através de um *teleprompter* e rompantes de garotos prodígios que, depois de dizer a verdade, têm suas bocas lavadas com sabão. Os falsos cientistas se julgam chocadores de tudo o que a mãe natureza faz surgir *ab ovo*. As mansardas do saber são atualmente habitadas por *ghost writers*. Entretanto, só conseguirão reparar a natureza os homens que tenham entendido descompromissadamente seus palíndromos. O próprio Leonardo da Vinci, em seus momentos de lazer, deixava de lado o estudo dos *flaps* retráteis dos pombos em seu *labor oratorium* e ia se

esborrachar de rir com a aterrissagem do albatroz. Dentro em pouco, a própria insignificância reclamará direitos autorais. Somente um autêntico heliocéfalo e um fiel guardador de segredos podem adquirir uma modesta epistemologia.

Zé Seixas não respeita a sinalização, pois está sob os efeitos do efeito retardado de Stan Laurel. Ele se sente conduzindo uma diligência que foge do Jerônimo. *USS Constitution on a Gale*. Seus reflexos são vergastados pelo reflexivo. A obra faraônica de criação de um universo semiótico é sistematicamente ignorada pelo incauto.

A brusquidão dos solavancos faz o casal esmerilhar suas cartilagens. Terêncio Vale esquece os prazeres do *Appicus Culinarius* e fica convencido a locar os ferrões do cupido. A galinha assume o papel de proxeneta.

O dúbio é posto em xeque. As peripécias do volante instigam reclamações do cientista:

— *Eb, vitcbú! Vós dirige co u ânus! Creio-mo kê vós nã sabel dirigir! Etô par akim co pé-dí-cbumbo en ximbica!*

— O problema é com o carro. Minha carcaça não tem etiqueta de preço!

— *Vós és u peligro! Vós vais regular la marcha, senon eu chuto-to par fora!*

— Mas o seu tempo não é precioso?

— *Sin.*

— Precioso como uma bijuteria penhorada?

O pirrônico Zé Seixas insiste em sua condição de *persona non grata*, mas ele tem a guarida de São Tomé.

A galinha está entabulada entre dois corpos de desejo. Maria Gonçalves se empenha em cozinhar um *duo* em banho-maria. Os germes

da carne fazem um arremedo das pudendas. Ela molda seu lábio *carné* em um desentupidor e imiscui um muxoxo esplêndido dentro de uma pequena área. Sua boca de txucarramãe suga os suspiros e ricocheteia os breves resvalos. A ponta da língua apresenta amabilissimamente seu salvo-conduto e ignora o exército de tártaro. Uma enguia procura sua toca. O formigamento das bocas homólogas entra em fastígio.

Zé Seixas se inquieta com a mastigação dos objetos parciais e tenta interromper o desempenho despudorado:

— Os três macaquinhos estão dando com a língua nos dentes?

Uma maré de silêncio engolfa um engraçado em Saint Michel. O céu pode cair na cabeça do lúbrico, pois ele está protegido por um pálio de tremelicação.

Berzelius Baldwin não toma nenhum partido frente à cena. Para ele, a reprodução da espécie é apenas uma tautologia do preservativo; os fosfatos são testosteronas que servem de combustível ao voyeurismo; as incursões aos extratos velados são feitas à base de convocação compulsória das essências; o mirto e o sândalo servem para espantar borrachudos. Por trás das guirlandas de uma bela renhida, há sempre uma repulsa.

Zé Seixas continua ziguezagueando perigosamente com a Ford Rural. O carro se move por indução. Quando era menino, seu tio havia adquirido um carro do povo da Gurgel, mas o tempo de posse foi breve, pois o tio virou um *petroleuse* e o carro, uma bomba. O terrorismo político foi um dos fatores que contribuíram para a erradicação dos veículos automotores.

— *Eb, vitcbú! Vais colidir!*

Um verdugo seqüestra crianças desnaturadas e as transforma em gueli-gueli para a ceia de um Fährd famélico.

Berzelius Baldwin tem uma concepção de unidade e multiplicidade: a unidade é o ampère e a multiplicidade é uma miscigenação à base de *Anschluss*. A cor de sua raça é um monoscópio impressionista e seu lema de escoteiro provém da escola Baden-Baden Powell. A luz da razão deste célere é um holofote de espetáculo solo. Para ele, um mongolóide é um bárbaro e os dentes de dragão de Cadmo são dentes-de-leão que devem ser assoprados. Definitivamente, a maçã que caiu na cabeça de Newton continha cicuta.

Zé Seixas nuta para seu confrade — que está na pose de uma harpia despencando de uma torre —, mas não obtém retorno. Este tipo de resposta melindrosa compromete o gabarito de missionário das negações de Terêncio Vale. O silêncio sempre é comprometedor. Um beijo retira a cota de malha dos sentidos e deflagra a comichão. A sensação é de um agradável desespero. A Ford Rural prossegue seu *strip tease* em quatro tempos, pois indecentemente vai retirando suas peças.

As ruas de São Paulo de Orunmilá não são vias de tijolos dourados da carochinha. As ruas recapeadas lembram mais as rotas de terra de Zardoz. Os monumentos das praças não veneram tão-somente os meliantes atravessadores da História, mas, em igual medida, os farsantes da antevisão da pós-História: o suplente do “gesto de Walden”, o pesquisador de ventosidade e fabricante de ovéns, o empresário dos TriStars, o comodoro de Andrômeda. No jardim de um solar há uma estátua do padroeiro São Nicolau rodeado por anões de jardim. Provavelmente, o paisagista que edificou aquilo tem um enorme senso de humor.

A linha marginal é a via de fato para se chegar à *Autobahn* Bandeirantes. O monumento erigido em sua entrada parece o invólucro de um míssil terra-a-terra. A cavaleiro da serra da Mantiqueira há uma

profusão de gazebos e antenas. Mais ao alto, as luzes estroboscópicas das antenas recortam a névoa de *smog* apelidada, ironicamente, de *spray dos Morlocks*. O cabriolé de Texarcana transuda ilicitude. Zé Seixas assovia:

— Fiu! Que frio! Quero um forno de siderúrgica! Se ao menos tivesse uma bebidinha para esquentar!

— *Eh, vitcbú! Seo borracho! Seo marricas! Kêr edredonzino par calorar lo ânus? Seo flamingo pink-pink! Kêm ten kê beber, i mucho, és seo amigo.*

Zé Seixas olha pelo retrovisor e vê alguém em altos brados com uma linguagem.

— Vocês envenenaram ele para garantir o plano.

— *Vós falae demaes, ostário.*

— Você e aquela bruxa estão de má fé...

A pancada com as costas da mão faz a cabeça de Zé Seixas repicar. A violência extirpa — momentaneamente — qualquer predicado de consciência do suposto atilado. A Rural perde o leme e vai em direção a um muro. Berzelius Baldwin consegue consertar o rumo do carro, mas não consegue desviá-lo das vistas de um gendarme de plantão. Os policiais da Gendarmaria fazem vista grossa a tudo o que se relacione a um conciliábulo de xamãs, pois foram treinados pela força da Gasconha que, como é largamente sabido, são cristãos confessos.

O gendarme monta em sua Harley Davidson e vai atrás da Ford Rural 1966. Os gendarmes andam com um bernal contendo unguentos para primeiros socorros, pasta de astronauta e uma Uzi, além de usar dragonas e chapéu em forma de fez. As franjas das dragonas soltam fogo pelas ventas e emagrecem fazendo *ancien régime*. A sussuarana infalível sai no encaço de sua vítima.

O tempo é infinitesimalmente ínfimo para o gendarme alcançar a Ford Rural. A moto força o carro a encostar na frente de uma casa de banho turco. O policial recosta a moto, endireita a coluna e chega na janela do motorista.

— Boa noite. Os documentos do veículo e sua carteira.

— Eu não uso carteira. É perigoso. Podem roubá-la.

Uma expressão de crupiê ludibriado substitui a tradicional expressão de *savoir-faire* do gendarme.

— Você está me achando com cara de palhaço? Este veículo não é de coleção e está inapto! O carro vai ser rebocado e você vai ser autuado!

Berzelius Baldwin interfere:

— *Deixa-mos passar kê pago-to un café.*

— Um estrangeiro? Você tem passaporte?

O cientista estrangeiro retira de seu guarda-pó de neoprene um papel dobrado. Ao ler o conteúdo, o gendarme, nos conformes do insulto, substitui a expressão de crupiê ludibriado pela de um guerreiro discípulo de Sun Tzu.

— Isto não é um passaporte. É um atestado médico.

O papel tem impresso uma jibóia de Laoconte envolta em uma taça com o símbolo da cruz vermelha, o logotipo da NASA e a intitulação de um psiquiatra em *ex-libris*. O garrancho ininteligível prescreve uma receita à base de láudano a 2 mg.

— *Eb, vitcbú! Ete és u papel errata! Dá-mo akim ito!*

O gendarme vivencia uma notícia de *fait divers*:

— Deixem de truques, cafuzos! Estejam presos! Não ser enquadrados com agravo! E mais. Este carro não tem condições de uso. O pára-

lama dianteiro está dilacerando o pneu. Tem um estrangeiro ilegal. O caso é grave!

Terêncio Vale e Maria Gonçalves estão em uma empatia *nonchalant*. O horizontalismo no banco de trás de um carro é o mimetismo por excelência. O gendarme procura e acha.

— Ora, ora, ora! Tem mais duas pessoas no carro?

Zé Seixas emenda o soneto inconsútil:

— Eles acabaram de se casar através de uma agência matrimonial...

— E eles também vão mostrar atestados médicos como documento? Um atestado do Masters e Johnson, quem sabe? A situação está pretejando.

Zé Seixas cutuca o amigo, mas o sexuado parece estar exonerado deste mundo.

— Muito bem, marginais. O serviço de meteorologia prevê um tempo nublado com ocasionais pancadas. O presídio é um bom lugar para se morar.

Zé Seixas fala de si para si:

— O Gargântua iria adorar o serviço de limpeza...

— O que você disse? Pare de resmungar e passe a bolsa da mulher para cá!

O gendarme pega a bolsa de Maria Gonçalves e começa a vasculhá-la. Há dois porta-cachaças de materiais diferentes. A premissa maior é feita de porcelana e tem a estampa de um *viking* piscando um olho. A premissa menor é feita de um material impreciso, de uma tessitura escamosa que nem o teste de carbono 14 conseguiria determinar a idade do material. O buquê é o elemento concludente. O guarda destampa o primeiro e cafunga:

— Cachaça.

Destampa o segundo.

— Isso tem cheiro de... de...

Um gogó forrado de alcatifas regurgitaria aquela beberagem.

Aquilo era um caso para uma *prohibition* pessoal. Berzelius Baldwin tenta aplicar um suborno:

— *Bam, gendarme, kuanto vós kër par liberar?*

Para os combatentes do crime empestado pelos arautos de Edward G. Robinson, um suborno é o vilipêndio de um brio.

— Por favor, motorista Zé-Ninguém, queira me acompanhar com seu carro até a corregedoria.

— Você quase acertou meu nome.

A piada de Zé Seixas vem como um torta de filme pastelão na cara do policial, mas o que ele diz para o cientista é muito pior:

— A sua festinha terminou. Vou contactar a Central.

O guarda vira de costas para o crime e segue em direção a sua moto. Berzelius Baldwin vê nisso a brecha de um presságio de Prosérpina, a que também comeu frutos proibidos. O cientista abre sorrateiramente a porta, apóia-se no estribo e, encoberto pelo próprio movimento do carro, pega a trilha do gendarme. Ele tira de um dos bolsos de seu guardapó um *sai* e, segurando a empunhadura com firmeza, crava a arma letal na omoplata do autuador. Um desenho em *sfumato* surge no uniforme do estertorado. O gendarme expira um chouriço e cai sem trem de pouso no asfalto. Um de seus pulmões vira um sucrilho empapado com sangue. Exéquias. O serviço tem a precisão de um cirurgião do Hell's Angels. Os pingos de sangue são miolinhos de pão que edificam a criminologia. O algoz é estimulado pelo princípio da utilidade, mais para Bentham do que

para Bom-Bril. A noite caminha a tropel de sétima cavalaria, mas os quatro cavaleiros do apocalipse chegam antes para salvar a rainha da demência.

Terêncio Vale comporta-se como uma voluta em torno da coluna de Maria Gonçalves, que, por sua vez, é a voluta em torno do obelisco. A inconseqüência ladina atua em vários campos, e um deles é o da inseminação de sapinhos.

Berzelius Baldwin entra na Ford Rural e repete pela segunda vez:

— *Tocai.*

O motorista, não sabendo dizer exatamente não nesta hora, toca. Os pneus gastos saem queimando e fazem um remelexo de tornado. As luzes da cidade alta formam uma tatuagem de maori pela encosta cheia de ravinas.

Zé Seixas está acuado por um convencimento dolorido, pois a cumplicidade de um dolo é mais persuasiva que uma balada *tourch*. Uma balada de Reading, isto sim. Um insubordinado que passa a ser um grumete influenciável. A covardia é subserviente.

Um dos passageiros deste *derby* demoníaco trocaria um colapso financeiro por umas férias no *gauche*. O *gauche* pode ser qualquer lugar, desde que seja *outro* lugar. O receio de que o infante terrível tenha uma disparidade de ânsias abre alas para o exuberante medo. Senta a pua nos casais da *lover's lane* e viva a necrofilia.

Zé Seixas tem visões de termômetros enfiados no ânus e navalhas enfiadas em gelatina de cereja. Fernando Pessoa dizia que, quando via suas mãos, temia a Deus. Zé Seixas não teme a Deus, mas teme o que Suas mãos podem fazer.

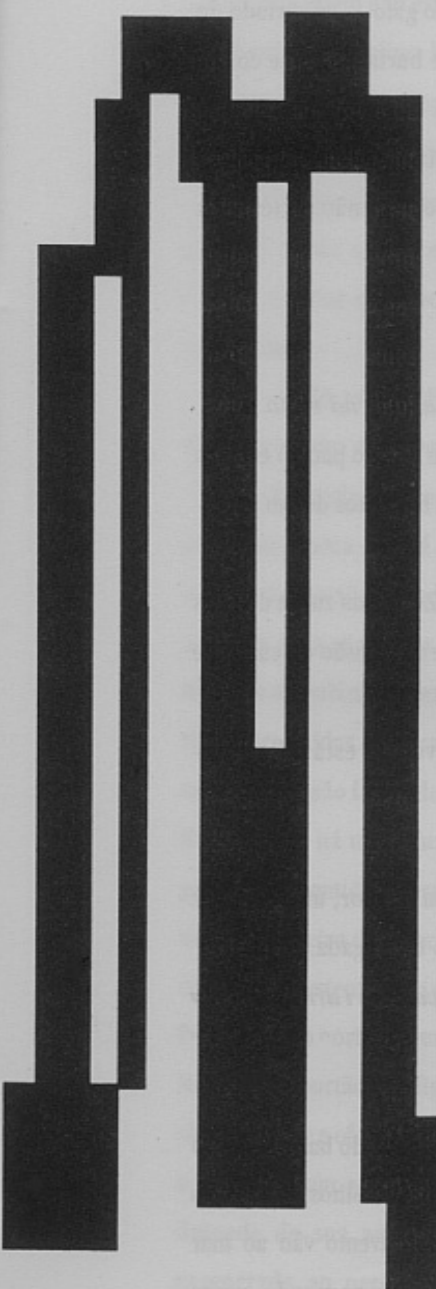
Por certo que a Gendarmaria é uma casta odiada pela maioria. O abuso de autoridade vai desde a prisão de embriagados retos até o assassinato de crianças. Mas como eliminar o gênero? O sem-par sempre

encontra um modo de revigoração. Mata-se um chato e todo o *atman* do Universo vem abaixo. Uma morte despropositada e toda a geração dos touros alados de Corbad é marcada com as iniciais INRI. O método crítico-paranóico do Avida Dólares é um eficiente formicida. O peru e o Comitê de Salvação Pública introduzem a dança das cabeças cortadas.

A melomania por um *scberzo* esquizóide cria condições para o assassinato serialista. Norman Rockwell pintaria a família Mason com ares de pacata família americana ao lado de uma *juke box* que gira os discos ao contrário.

Berzelius Baldwin é o médico estrangulador ou o monstro de bom coração? Assim caminha a humanidade dos procurados mortos ou mortos-vivos.

KALI COM ASTRACÃ NO RUSH DO HINDU KUSH \* BYTE DE PACK  
 MAN NO GODÊ DE POGO \* PERCEVEJOS SÃO EXPURGADOS PARA  
 UMA VIAGEM FANTÁSTICA NO SPUTNIK \* CLOACA DE CALLAS  
 CROCITA PARA BUSTO DE PALAS \* ALELLUIAH DE ARRELIA EM  
 HOSANA AOS LEÕES DE ORFEU \* SARARÁ DOLICOCÉFALO COM  
 GRAVATÁ COME TÂMARA DE LEMPICKA \* AMISH ASSOVIA COM  
 MOOD OS LIBRETOS DO TALMUD \* BIOGRAFIA MISTURA  
 MARCAPASSOS E TRANSISTORES DA NUOVA VITA \* MATISSE USA  
 MERCUCROMO CROMADO E IODO DE BETERRABA \* O  
 ACRÔNIMO É UMA ONOMÁSTICA COM PARADIGMAS DE  
 EPÔNIMOS \* QUIQUEG TROCA TRITÃO POR YANKEE DOODLE  
 NO KULA DO BRAVE NEW WORLD \* SANTA ACHIROPITA À  
 BOLONHESA E SÃO ESTÊVÃO AO BURRO E SÃO FRANCISCO À  
 PASSARINHO E SÃO SEBASTIÃO AO ALVO \* PAREGÓRICO DE  
 VENDETA CANGACEIRA É MALEITA NO MONUMENT VALLEY \*



ORRE QUEM FAZ CONSTATAÇÕES NO JOGO DA verdade de La Palisse. Berzelius Baldwin incuba o vírus da loucura, a doença que tanto ame-dronta os parentes dos bandar-logs. Não é co-mum o assassinato de membros da mesma es-pécie no grande jângal, mas uma espécie em especial — protegida por um Deus torcedor — mata em nome próprio um somatório de indiví-duos da mesma *famiglia*. Um gorila oriundo de Malta mata outro gorila apessoado com uma navalha. Os mais apessoados matam-se por es-pORTE. O aço inox combina com a carne.

Os últimos acontecimentos remetem à alegoria do conselho de ratos a respeito do gato implacável. Nenhum rato quer arriscar seu cou-ro para colocar o cinorro no gato. La Fontaine permitiria uma acresção? A da designação de

um rato com soluções para a operação? O acesso ao gato — já cariado de tanto comer ratos — seria reservado ao rato que burlar a morte com a primazia da falha. Uma primígena solução para a *moral play*. E, por extensão, uma raposa velha causando *frisson* ao inço com um rastelo; e o porco Napoleão ordenando a morte de Esopo por este não pertencer à sociedade protetora dos animais.

Zé Seixas soluça:

— Você está danado de doente, não é?

— *Eb, vitcbú! Nã és di seo alçada si mato ou nã mato.*

— Oxum, você me abandonou! Eu era um sujeito pacato e agora sou um fugitivo. Oxum, Oxum, por que me largou nas mãos de um protohumano com mentalidade pré-adamita...

O golpe na boca do estômago é rápido. Zé Seixas zurra de suas profundezas ctônicas. Após um dilatado tempo de suspensão do curso de ar, um gemido bufado sai da boca do judiado:

— Uuuuu... eu... estou na direção... e você... está dificultando as coisas...

— *Calado.*

— Eu queria ser um anacoreta agora. Ou melhor, um corredor que, após cruzar a linha de chegada, ouve o tiro de largada

— *Calado! Kér outro murro? Mlus una palavra i arrebeno seo cara co meo sai. Kér tomar sai né fuça?*

— Não, obrigado.

O cientista enfia uma azagaia racional no toque do barravento. O racionalismo retira a lança e o ferimento fecha-se aos olhos dos magos do barravento. Desmoralizados, os magos do barravento vão ao mar ubíquo. As facetas da imensidão ubíqua estão olhando para tudo e para

todos, mas quem não está em todos os lugares que estas facetas visam faz coisa-ruim. Berzelius Baldwin não condiz com o temerário, pois a impermeabilidade é dispensável para alguém que faz um piquenique no trilho de uma montanha-russa.

— *Kero cbegare en Campinas de Logun-Edé u mlus rápido poxível. U Okô etá en meas mãos.*

— Por que você não usou de seu renome para convencer o gendarme?

— *Eb, vitcbú! Vós revelaria una isla di tesouro par alguén? Vós és un asno di Oppenheimer?*

Terêncio Vale se porta como um halo, pois parece ter sido picado por uma mosca tsé-tsé entupida de valium. O amante entra na *selva oscura* das paixões criadas por passes de *bocus-pocus*. A atmosfera está propícia para os sonhos. O sonho começa com um gigantesco zimbório. No meio do palácio há um pátio interno com uma fonte que verte *moloko*. Há quatro saídas em forma de portões. Os portões são de ouro maciço e seus gonzos são feitos de carbúnculos. Há símbolos nos quatro portões. No primeiro há um pentáculo no qual, ao ser tocada cada uma de suas pontas, um sentido é despertado. O portão vai dar para um altiplano com uma cordilheira de ambrosia no horizonte, a maior cordilheira que Atlas conseguiu sustentar. No segundo portão há a figura de uma copa pítica. Por detrás do portão há um tigre que salta por um arco de fogo semovente. No terceiro portão há a figura de um cetro de Pentesilea. Atrás, uma sereia chora sangue e oferece tributos à encantadora Ofélia. O último portão tem a figura de um gládio. Por detrás deste portão há um amante que se despede de sua amada com um lençinho branco. O sonhador fica exasperado ao perceber que este ciclo de portões tem significados

insidiosos. Os filtros de amor provocam uma espécie de *delirium tremens* rico em derivados *spleen*. O trauma provocado por um filtro pode causar danos irreparáveis. A *ars magna* transforma a patuscada do amor em um teatro da crueldade.

A Rural finalmente deslinda em Campinas de Logun-Edé. A esta altura da noite a constelação de Alpha Centauri está em *vernissage*. Os cristãos aproveitam as horas *de profundis* da madrugada para traficar talismãs indexados. As muambas vão desde água de Lourdes até lascas da cruz do *filis*. Os sinos dos alcaides anunciam que à meia-noite corre tudo bem, mas *the British are coming!*

O neon de uma pousada surge na entrada da cidade, famosa por seus turfes de cervais. A retalhação dos distritos brasileiros dá a sensação de longinqüidade dentro de um *exotiquarium*.

— Chegamos. Finalmente você vai fazer valer o assassinato...

— *Calado. Põe u bandwagon em direção au observatório di Capricórnio.*

Maria Gonçalves promove uma osmose de êxtase trapista através do *pranayama*. Ela está sendo conduzida em uma liteira, à maneira de Xica da Silva; e quem carrega a liteira é a mula-sem-cabeça, um papel muito bem desempenhado por quem tem propensão a cair em mata-burros. As árvores amorosas rebentam em pomares de sítios erógenos. Uma fumaça azul começa a sair pelos ouvidos do enamorado que está sustentando as colunas de Bohas e Jakir como um Hércules de Cádiz.

Campinas de Logun-Edé é uma cidade de cassinos e sodomia. A cidade possui zelotes radicais e espartanos pansexuais em meio a festas de luzes vesgas. As tertúlias semanais do sindicato das prostitutas e travestis são conduzidas por uma mulher calva que lembra a fase final de

Ida Lupino. Os habitacionais de pombais cheiram a resedá. As entradas dos teatros vagabundos estão cheias de garotos pedintes e floristas cegas. Zé Seixas olha indiferente para o reflexo dos refletores da ribalta e convence-se definitivamente de seu desengano. Um negócio da China Branca.

O subúrbio de Campinas de Logun-Edé é recortado por anéis viários elevados. O viaduto que vai em direção ao observatório de Capricórnio é iluminado por candeeiros de magnésio. As janelas abertas dos prédios, por estarem próximas ao passeio da pista, são um prato cheio para os *zappers* da hediondez.

A Rural passa pelas últimas tripas dilatadoras do viaduto e desemboca em uma estrada de terra batida pintada por Antônio Parreiras. Há poeira de alto-mar nesta estrada, já que ela fica no sertão e o sertão vai virar mar e o mar vai virar um cemitério marinho. A região do observatório de Capricórnio é povoada por bandidos do Cariri, e estes elementos são saltimbancos salteadores. Os sobrados e prédios em forma de iglu cedem espaço para os casebres e bibocas de sapé. Devido às recentes chuvas, a estrada está abarrotada por pletoras de lama e sedimentos de limo. Nestas pradarias nascem beladonas que dobram badaladas de onda gama. O burburinho uniforme da cidade é abafado pelos chiados do *Poltergeist* provinciano. Os igarapés lacustres, a desolação dos capões, os pequenos arbustos de umbuzeiros e as penhas dos *canyons* substituem a mesotinta do concreto. A Rural chafurda na estrada de lama mole e assusta aves parecidas com carcará.

Zé Seixas acelera o máximo e o carro derrapa de rabeta. A Ford Rural entra por um túnel de mata virgem e espalha centenas de bífidos. O fim da selvinha culmina em uma *llana* dividida por minifúndios. Uma névoa púrpura recobre as casas-grandes e as congela em uma foto de

daguerreótipo descolorada por amoníaco. Os casarões possuem portas ogivais e os mourões possuem lanhos. Ao lado das casas, estendidos em grandes chuços, há couros curtidos de vaca malhada, com *frottage* e estampas dos mapas das aulas de geografia de Arp. Deus se cansou de receber como oferenda a rês assada e ficou com o bucho cheio de flora. Um antigo noviço chegou ao cúmulo de usar um *t-bone* como crucifixo. Decididamente os cristãos não são, nem nunca foram, vegetarianos convictos.

A Ford Rural balança como uma gangorra de maria-mole passada, mas seu selim tem uma alta gradação de dureza. Uma densa neblina sai da ducha de um campo de concentração de vapores. O intenso nevoeiro obriga o motorista a desviar-se das ameaças das ribanceiras. Os pneus carecas enfrentam pedras mais pontiagudas que obsidianas.

Um fenômeno de massas frias ocasiona a dispersão instantânea da neblina profunda. A noite endotérmica explode copiosas estrelinhas que dão um hausto na fuligem.

— Tenho receio de que o afrodisíaco que vocês deram ao Terêncio seja forte demais para haver um retorno.

— *Sole una potion kê és como un aperitif. Sabei... koisas di bruxas. Mlus calado i tocai par u observatório.*

As patas vulcanizadas da Ford Rural são espezinhas pelos fulcros barreados. Um espinho se encrava solene em uma daquelas patas. Um estalo estapafúrdio anuncia um pneu furado. Berzelius Baldwin se indispõe e entra em uma crise de nervos assolada por uma mistura de mal de Parkinson e síndrome de abstinência.

— *Maldição! Cavera, raios, suástica!*

Zé Seixas calcula sem *donné*:

— Acontece. Um embrulho do tempo. Do mau tempo. Faltam alguns quilômetros para chegarmos e vamos ter que arregaçar as manguinhas.

A localização do contratempo é algum lugar equidistante entre uma cantina italiana e a Magna Grécia. Um átrio primevo cercado por taludes e outeiros de pedras azuladas. O lugar é isolado e quieto, descontando o fungar da coriza do sereno e a saudação do coiote volantim. Zé Seixas não menciona as desinências de sua última retórica. As *lesmolisas* lépidas acompanham sensaboramente o flautista de Hamelin até o bagageiro. A Ford Rural, resultante de uma orgia de parafernálias pandemônicas, por sorte possui os adjuntos do sobressalente e do uga-uga. Berzelius Baldwin está impulsivo:

— *Vós desaparafusa i eu ergo u carro.*

Há um desaviso generalizado entre os brutamontes da ciência de que nos Campos Elísios se trabalha com um gibão encardido.

A não-evasão da urgência transforma-se em vesânia. O assomo de adversidades faz de um simples afazer um mover penedos.

Zé Seixas golpeia as porcas enferrujadas e este empenho mói o que resta de sua resistência. Ele força tanto os trejeitos que a tumescência de suas ventas assustariam conjuntamente o *bound* danado e o Hermógenes réprobo.

Terêncio Vale e Maria Gonçalves perpetuam o enlevo em alto-relevo. O beijo é rejubilado, pois as reservas de ar precisam ser resfolegadas. Para os dois amantes, o mundo pode resumir-se em rumores de alcoviteiros e carfícias apoteóticas.

Após a troca do pneu, um balido de dor do muro das lamentações quebra a fixação de Zé Seixas. O esquipático ai é instado por Berzelius Baldwin, que inspira uma certa deflação de indulgência.

— *Âmbi! Mia cefaléia! Fizei-mo muito esforço! Preciso-mo regenerar mias forças!*

O arquiinimigo retira languidamente de um dos bolsos do guarda-pó um ovo cozido e um saleiro embrulhados em um pano. Ele acoberta o ovo com borbotões do que é aparentemente sal.

— Nossa! Que exagero! Para que tanto sal?

— *Ito nã és sal. És oro en pó.*

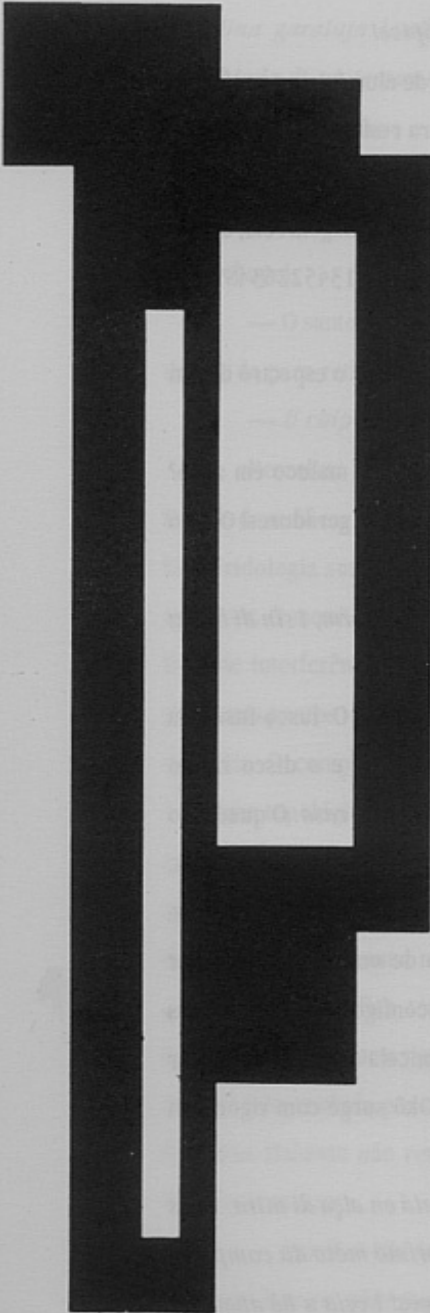
Um receio metafísico toma conta de Zé Seixas, que passa a considerar o cientista um forâneo do *tableaux vivants* dos terráqueos. Sem loas nem broas, os dois entram no carro e rodam umas sete léguas até darem em um dorso elevado. Berzelius Baldwin esquadrinha um círculo de piras em volta de um capitólio branco. O estudo das magnetosferas de corpos recém-descobertos é possível no observatório de Capricórnio.

O observatório está deserto. O Urriel ansioso mal espera o carro parar e desce sôfrego. Ele tira de um dos bolsos de seu guarda-pó uma chave mestra e abre a porta. Há várias cantoneiras e tranqueiras de pechisbeque esparramadas no interior da cúpula.

— *Vá jogar n'água nakeles dois.*

Zé Seixas enche um balde de água enquanto o cientista faz os primeiros preparativos. O urso Smokey vai apagar uma queimada em uma *plantation*. A água fria chapinha nos beijoqueiros e os dois amantes se desvencilham. Terêncio Vale, saindo parcialmente de sua hibernação em Hiperbória, olha para seu amigo com olhos de ostracismo. O leão da MGM é rebaixado a leão do Lions Club.

O GNOMO ASCÉTICO ENCONTRA O VENERÁVEL INSPETOR NO HORTO DAS OLIVEIRAS \* CASCA DE LICHIA É DERME DE RINOCERONTE DA POL POT \* STUKA DE OESTERREICH CAI NO MATABORRÃO DO HOFKRIEGSRAT \* MARTIN FIERRO TOCA GUAMPA DE GUEVARA EM SIERRA MADRE \* AS CALENDAS VINDIMAM PARA AS FEIRAS DO DIA DE THOR \* A GNOSE DETURPADA DE SPOCK FAZ UM TRATADO DE PAGODES COM A HELIOTROPIA DE SOLARIS \* O WHIG COM FULL HAND GANHA UMA MANILHA NO WHIST \* OS PÍCAROS DE LIBRÉ SOBEM AOS PÍNCAROS DO DEO GRATIAS \* ORLANDO FURIOSO ADESTRA O BUCÉFALO CONTRA O SOL MAGNÍFICO DA BRAVATA \* JÂNIO QUADROS VETA O DESAFIO AO GALO E INSTAURA O CORREIO ELEGANTE \* SAPOTI SÉPIA FAZ A SESTA DA SAPIÊNCIA \* MINUTE MAN E G-MAN INSEREM DARJEELING DE CHEROKEE NO BILL OF RIGHTS \* CTHULU FRITA PASTÉIS DE YELLOW CAKE EM DIESEL PARA QUETZALCOATL \* OS JESUÍTAS JEJUAM NO SPA DAS SETE MISSÕES EXPERIMENTALIS \* CONTADOR GÊISER ACUSA CONVECÇÃO DE KARMA NAS CLAVÍCULAS DE SALOMÃO \* AS PESSOAS FÍSICAS SÃO LEGAIS EM PERSONALIDADE E AS PESSOAS QUÍMICAS SÃO PRECIPITADAS POR KEKULÉ \* MOCTEZUMA CONGELA PEIXES BIOLUMINESCENTES DO MAR NEGRO EM ABAETÉ \* SPACE INVADER CONFUNDE RANHURA COM ARRANHIA-CÉUS E PULVERIZA COMPACT DISC COM RAIOS LASER \*



ÔR A MÃO NO FOGO POR UMA PARVATI ADÚLTERA.  
Berzelius Baldwin, o invasor e apropriador, prega  
a violência como um seresteiro de Stratocaster.  
Quando acuado por tamanha *seditto*, Zé Seixas  
é um eficiente ajudante-de-ordens.

— Pegai u caixote.

A ave de rapina com garras de Haia pega  
os acessórios da lente e a câmara de hidrogênio  
para o *chip* CCD. Para Zé Seixas, este material é  
um *koan*. A cama para quem tem fama, mas quem  
fica na cama é difamado. O campônio procura o  
ruído da implosão nas fundações da cidade.

O primeiro passo é acoplar a lente *thru-*  
*smog* nas cantoneiras do primeiro foco do teles-  
cópio. O cientista apóia perigosamente uma  
escada no beiral do mezanino que sustenta o  
eixo de declinação.

— *Eb, vitcbú! U prime focus etá en ápice!*

O passo seguinte é ajustar uma câmara de alumínio na ocular do telescópio. O *cbip* funciona dentro desta câmara resfriada por hidrogênio líquido. A função do CCD é reprocessar a imagem captada pelo telescópio e enviesá-la do *after dark* do orixá Okô. A imagem real, então, vai ser digitalizada no computador, um LXTVBYJK-2134522634SYHPY *upgrade*.

Zé Seixas se acomoda no picadeiro e diz como o espectro de um espectador:

— Então vou ter a honra de ver um cientista maluco em ação? Tomara que tenhamos uma tempestade elétrica para os geradores! O arco voltaico gruda um, gruda dois, gruda...

— *Eb, vitcbú! Barbaridade! Nã preciso di storm, i sin di brain storm!*

Berzelius Baldwin liga a máquina com apatia. O lusco-fusco da tela se aclara no furta-cor do fósforo fosforescente e o disco rígido recombina dados sintagmáticos a partir de uma *tabula rasa*. O quadrívio dos decimais e o escambo de *pixels* feéricos escoam na extensão da tela. O ângulo de inclinação do micrômetro é emparelhado ao eixo do setor de Alpha Centauri. A amplitude do comprimento de ondas é medida por deferência, mas a comedida para captar a configuração dos fótons eleuteromanfacos de VB8B é impedida pela chancela do orixá. No limiar da digitalização do planeta, o *imprinting* de Okô surge com vigor. Um obaluaê joga uma peste na experiência. Atotô!

— *La constelação di Alpha Centauri etá en alça di mira, mlus clara kê la Cassiopéia di Tycho. U cbip i lo primo moto du computer etá centena di per cento. Tudino en conformes! I veja u kê aparece-*

*mo! Uma garatuja lambisgóia! Nã é problema co u sistema, é malakiada di un testamenteiro escroque!*

Zé Seixas ouve a homilia e olha para o pictórico embutido no nome do orixá. O boneco de Okô tem uma forma aterroradamente pedagógica. Um boneco de linhas plenilunares sobre um fundo negro de Whitechapel.

— O santo mimético quer camuflar sua *Hinterland*. Vai precisar de ajuda para retirar a touceira do seu caminho.

— *U chip é par ito.*

Berzelius Baldwin abre um guichê da câmara e instala o CCD. Depois de verificar os ductos, ele tecla os dados iniciais nas tartaruguinhas. Uma iridologia surge no monitor colorido. O planeta VB8B não tarda a aparecer. O monitor agora possui a aparência de um écran veraz. A tela livre de interferência tem no mínimo uma Estética Transcendental. Os pequenos pontos tetraédricos formam linhas de calor revolutas da cor do miosótis. O computador transforma o planeta VB8B em uma bola de borracha topológica. O planeta é visto sob uma ótica endoscópica com uma dinâmica de curvas plasmáticas. As estrias das camadas são marcadas por nuances de tonalidades multicolores. O monitor parece o caos desverticalizado de uma massa geodésica em cinemascope.

Zé Seixas fica temporariamente admirado com o refogar de cores, mas, ao forçar a vista, percebe que o interior da representação do planeta é preenchido por curvas de cor amarelo-gema e *grenache* grená. Berzelius Baldwin não reveste seu contentamento e firma o *quod erat demonstrandum*.

— *Eureka! Ulá lá! Deo certo! Levei-mo años par desenvolver ête chip! Pau en Okô! Nagora, chamai u Terêncio!*

— Você já usou de meios imperativos para atrair o Terêncio, colocou estircinina no pólen e ainda quer mais? Não vou mover uma palha daqui para a frente!

— *Vais ou...* — O cientista passa o dedo no arroio sangüíneo da garganta.

A ingenuidade do *aide-de-camp* se dissipa ao perceber que a contingência é lei. A decorrência da falsa soberba é a queda de ânimo para a vivissecação. Zé Seixas vai até a Ford Rural e conduz o miúra ao paço do telescópio. Maria Gonçalves acompanha-os levando a mântica com a galinha. Lucrecia Bórgia não se mata por Tarquínio ou Roma; se mata pela sagração da primavera.

— Ainda não descoóri o papel desta galinha.

Maria Gonçalves faz uma breve fisioterapia com os lábios e diz:

— Não subestime a Leda.

Berzelius Baldwin ri contido ao ver a disposição de zumbi de sua cobaia humana. Um médium em ponto *optimum*.

— Maria, podei começar.

Maria Gonçalves reata seu trato com o tratante, acende um *puro* defumador e dá três passadas de um jongo primitivo. A proposição do espírito imaterial que come *mulukun* e mexe com oxê nega a proposição do *mors omnia solvit*. Uma substância imanente mal resolvida tende para o temporal. Assim, os orixás podem se alojar desde em neutrinos do occipital até em materiais que não possuem padrões fractais. Os espíritos independentes não seguram oxês, mas fascas.

— *Nagora u Okô vae pagar-mo!*

Maria Gonçalves entona um ritmo de pajelança no Erebus:

— Oxê! Oxê! Oxê!

Terêncio Vale bruxuleia os olhos e entra em uma espécie de sono paradoxal em um *container* onírico. Uma risada de claquete é ouvida ressoando pela abóbada do observatório. Uma claridade ofuscante ilumina uma recente escuridão de plantão. Uma bola de luz atravessada por uma flecha desliza até a derivada do domo e permanece neste ponto por alguns segundos. Após este intervalo, a bola incognoscível desce verticalmente suspensa até empacar um pouco acima da cabeça do filho-de-santo de primeira viagem. Uma radiação índigo começa a ressumbrar dos contornos do catatônico. O recebimento presta. A aura tem um acaso de ocaso.

Zé Seixas vê seu companheiro em um mundéu imundo. Um pigmeu ordenado fica aprisionado nas catacumbas de um corpo teutônico. As estrelas fazem suas apostas através do obturador do telescópio. O contentamento de Berzelius Baldwin está inscrito em suas feições de pierrô uxoricida. O despistamento é jogado na privada de um buraco negro com o ressentimento de alguém que *écraser l'infames*. O intrrometido bonachão está fora de questão junto com sua marca patente.

— *Nagora és iniciar la parte dois. Maria, pegai la galina.*

Maria Gonçalves retira sua galinha de estimação do bornal e a coloca no colo de Terêncio Vale. A galinha, para o enamorado filtrado, se torna uma verdadeira *avis rara*. Ele algaravia algumas palavras de desordem e sai a toda a brida pela estrada de acesso levando consigo o galináceo. Maria Gonçalves diz:

— Que ele a ame como a mim.

Zé Seixas se lembra dos detalhes das façanhas instrutórias de Terêncio Vale. As façanhas da *jus prima nocti* da bestialidade. Os homens, em matéria de iniciação sexual, são mestres na *art d'oser*.

A irmandade idflica passa correndo pelo *foyer* do observatório e sai para o espaço *sub Jove*, para a noite que acoberta o sono da Sagrada

Família. Ao longo da estrada varrida por um alísio contraído, há um matagal de Arcimboldo, com frutas-do-conde formando painéis de Kashmir. O *cashmere* da deusa Tara, da deusa Teda Bara. Além deste matagal há um prado com uma falha abrupta. A falha, na verdade, é um incomensurável secadouro de café no formato de uma piscina de pedra. A quadratura do círculo do secadouro abandonado é revestida por enormes blocos petroglíficos encaixados com técnica meso-americana. As folhas secas acumuladas formam uma alfombra natural. O secadouro, se estivesse cheio de rócio, serviria para um banho ecumênico de todos os esmoleres do mundo. Terêncio Vale, com um impulso preternatural, salta para o fundo. Os dois depositam o terminal de seus corações volitivos no pavimento acolchoado. Uma volição catalisada por uma *prakriti* de natureza sexy. Os gritos de excitação do macho quebram a barreira do som, limitada ao norte pelo contralto e ao sul pelo meio-soprano de Yma Sumak. Uma lua de queijo suíço perfura uma fileira de nuvens com um foguete tirolês e surge magistral.

A pirraça da feitura do amor convertido em confeitaria. O estendal de leite de cabra e uvas passa são expostos ao sol roubado de Factonte. A ave endossa a prosopopéia e cacareja uma canção de acasalamento. Terêncio Vale endurece seu cajado e entra devagar na girândola de banana-maçã. Os movimentos de vaivém são sinceros na colocação e saudosos na retirada. As marés de suor orgíaco devastam uma floresta de plumachos de *papier-mâché*. A penetração massageia o ponto G da caverna dos sonhos.

Leda é uma cabrocha que rebola nos portos. Ela é versada em ser o receptáculo do néctar de garanhões registrados nos melhores *stud books*. O ilhós de sua cloaca se adapta bem a pintinhos e

pintões. O *red rooster* monta e demora no consórcio ao prorrogar o estilicídio do sêmen.

Terminada a repleção na furna de oito de hortelã, o casal zooerasta sai da comarca de angiosperma de jacinto e surge subitamente no paço do telescópio. A expressão no rosto de Terêncio Vale indica visões de carros de fogo movidos a controle remoto.

Berzelius Baldwin se sente um vitorioso Kaurava sobre um Pandava, ou um vitorioso Pandava sobre um Kaurava.

— *U oro nagora vae dare en meo quintal!*

Zé Seixas reúne elementos distintos em um mesmo saco de farinha e repuxa por uma vaga lembrança. A renda e o folclore político da gente de Ifé. O lembrar de coisas esquecidas por invalidamento da reputação exige uma paciência de helanca. O sapo Caruru coaxa na beira do rio para a fêmea buscar os duplos girinos. O esforço homérico para se lembrar de todos os peixes, caxangás e mariscos que estão espalhados pela memória, o batiscafo imperscrutável.

O orixá Okô não teve participação direta na formação do Estado teocrático brasileiro. Okô não foi bandeira dos labregos escravos do Partido Rural que, em uma histórica *jacquerie*, formaram os departamentos que hoje são governados pelos senhores do minifúndio. Okô também não foi bandeira na formação dos departamentos talássicos governados pela Indústria Pesqueira Imperial, a mesma que tentou instaurar uma talassocracia pré-socrática. Okô talvez tenha tido alguma participação no golpe do triunvirato de tenentes alemães que queriam impor uma federação trina e que deram causa à versão brasileira da Noite dos Cristais, o que despertou um grande furor dos deputados comedores de *kosber*. Mas é improvável. Okô pode ter sido solicitado na questão da

sucessão política do departamento hoje assumido por Odudua, após a derrota do referendo de seus seguidores. O prêmio dos derrotados é ser relevado impiedosamente a um distrito secundário. O *roi-faineant* foi obrigado a abandonar o panteão e viver à custa de parcas oferendas.

Zé Seixas repuxa por sua memória glótica, já que as cantigas com versos rimados percorrem milênios. A lenda ioruba e a saga dos orixás. Okô, o orixá infelizmente que, graças às graças do Poderoso, imbuíu o *amor fati*. Toda *soap opera* que se preze possui uma comovente reviravolta ou o compadecimento como modo. Uns ganham, outros perdem. Uns simplesmente ganham e perdem, ganham e perdem, 333...

A história de Okô começa com o acanhado caçador dos campos do continente negro de Nayabingh. O caçador honesto de Olagbirin. A humildade levada às últimas conseqüências desfamiliariza seu acionista com a insistência dos bons agouros ambiciosos. As caçadas do orixá eram, na maioria das vezes, falaciosas. As flechas pareciam se desviar da presa como chute de folha seca. A parentela da tribo bocejava quando ele retornava de suas caçadas, um retorno sem lauréis nem condecorações do tipo *légion d'honneur*. As mãos de Okô estavam sempre cheias de material eólico, limpas de ceia.

Certo dia, o grande Pai Oxalá, sentado em seu temeno africano, se apieda do pobre de marré e resolve promover Okô. Ele quer ser um caçador de verdade? Então que seja um cadete de Oxóssi, o orixá que conheceu o *sartori* do arco e flecha. O alvo concêntrico é um modelo das camadas de *ousia*. Atinja-se. As dicas de Oxóssi e um estágio nas florestas do Congo tornaram Okô um exímio e um certeiro. O arrojado atira de costas em codorna no ato do *breaking point*. Uma ripa são duas ripas. Nenhum gráfico consegue acompanhar seu desempenho. A criação de Oxóssi sobrepunhou o criador de olhos fechados.

Mas o onisciente Oxalá não se limitou à mera ação de bonificação e resolveu aumentar a ventura do favorecido com o regalo de um poder de toque. E foi então que Okô se viu, quase que da noite para o dia, transformado em uma espécie de rei Midas com prerrogativas de marechal de West Point. O regalo funcionaria da seguinte maneira: de cada presa abatida, a riqueza das nações por entre as vísceras. O protegido do ingente Poderoso, além de levar alimento em demasia para seus patrícios, leva de brinde colares de pérolas, braceletes criselefantinos e corais das Seychelles. Zé Seixas, com muito esforço, se lembra do epíteto do sortudo: Lordinho dos Campos. A segunda parte da tese está prestes a aparecer junto com uma autopunição no pretérito.

— Estou começando a concatenar! A cor dourada no monitor... um amarelo-canarinho! A exatidão das funções e aplicações que você usou eu não amarrei bem, mas, sabe como é, já interpretei coisas bem piores nas hipergazetas. Meu olho não iria saltar com sua falsa modéstia de neutralidade. A única obra capaz de salvá-lo é a “Ética à Manicômio”. Okô quis esconder o mapa da mina. O planeta é, para ser direto, muito sólido. Um subsolo com muito *auri 79*. O espírito foi mal-acostumado a ter riqueza fácil, retirando objetos de valor do meio dos miúdos. Você já ouviu falar dos elefantes brancos? Então, foram extintos, e hoje só aparecem no sonho de mulheres grávidas. Obra de Okô. O Lordinho foi derrotado em uma votação, eu lembro vagamente. Mudou de casa e planeta. Ele não iria para um planeta árido, muito gasoso. No mínimo o planeta deveria ter caça; a riqueza interior da caça era coisa secundária. A vontade de matar vem primeiro. Mas voltemos ao monitor. Vejo curvas brancas envolvendo as curvas douradas. Seria sal? Mar nosso, talvez? Biodiversidade? Atmosfera? Nuvens de algodão? Platina? Prata? Ouro...

— *Eb, vitcbú! Seos palpites nã interessa-mo. Sin, u VB8B ten oro en batelada. Tons di oro! Wampum nu wigwan! Sin. Mia country nã saiu du buraco circa 1929! Fort Knox? Kê oro, kê nada! Lo extrato interno di VB8B etá equal co vil metal en magma! Eu, Vespúcio du ciel, descobri! Apelidei seo mare di Hébridas II. Royalties par-mo! U espírito nã tina chance! Par kê encobrir? Era una kêstão di tempo. U oro di Terra jaz era! Mia diet és oro i aqua régia. Co ito, mia matéria ficæ coesa. U demo nã tina otra saída par u meo caso!*

— Então você é um pactuado! Aquele ouro em pó contido naquele saleiro não era mais uma mera mania, mas uma necessidade fisiológica!

Maria Gonçalves ajuda o entendimento:

— O diabo trabalhou muito no mapeamento genético dele. Pior que um quebra-cabeça de infinitas peças! O acidente foi para valer! O corpo original foi restituído com muito custo. Mas é preciso haver condutividade entre as partes grandes e pequenas, para deixá-las grudadas. Porém, o esforço físico dele consome o triplo de energia de uma pessoa normal. A Leda, que é a encarnação viva do mito asteca de *guacamayos*, a mulher-pássaro, vai providenciar, daqui para a frente, todo o ouro de que ele precisa, para todo o sempre! Ela agora bota ovos de ouro como nas fábulas infantis.

— Mas como o ouro veio... através de um espírito?

— Okô, apesar de ter encarnado em um corpo humano, acabou entrando com a densidade de um planeta. Imagine o afunilamento de um planeta inteiro nos moldes de um homem! Isso acabou solidificando seus meridianos, transformando suas veias em veios...

— ...o sêmen de Okô na uretra do Terêncio?

— Positivamente.

— Não havia um jeito mais fácil para o Baldwin continuar com a vida eterna do pacto?

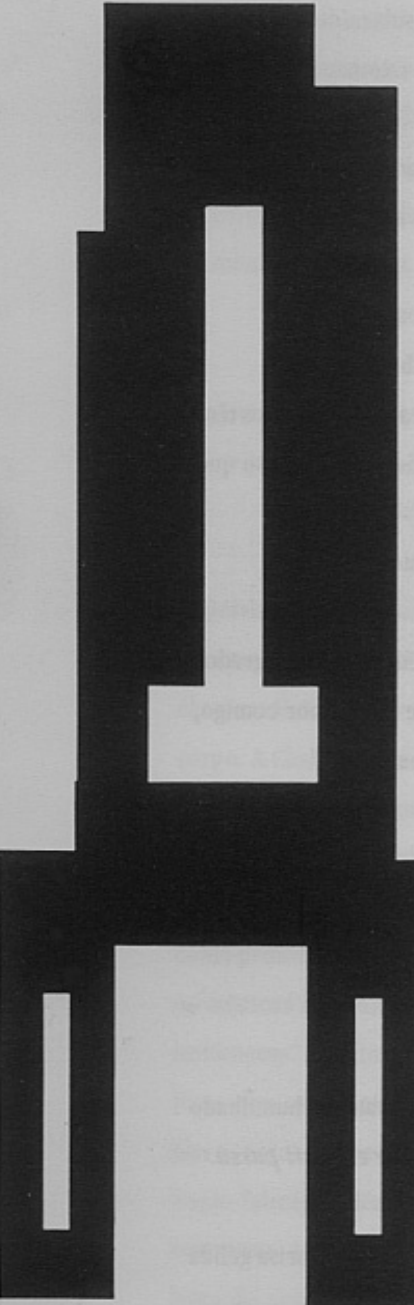
— Sim. Mas...

Berzelius Baldwin interrompe:

— *Cbegae di conversa i vamo-mo embora, Maria. Nã kero etá presente kuando u Terêncio voltaer a si.*

Berzelius Baldwin assume plenamente a chefia do Atokbi e da torre de *Kommando*.

O TRATADO DE LOCARNO ACABA NO CORREDOR POLONÊS E O  
AFRIKA KORPS CRIA UM CORPO DE BAILE \* SANTO SUDÁRIO É  
TECIDO EM POINT-DE-CROIX POR UM TARMELÃO DE ESTOLA \*  
ORELHA-DE-PAU É SHITAKE E ARBÚSCULO É BONSAI PARA GAJJIN  
\* MATA HARI GRAMPEIA TELEFONE DE LATA DE MOLHO DE  
TOMATE A MANDO DE PAPANICOLAO \* REALISMO FANTÁSTICO  
É QUICHUA IN SITU DE JUQUIRI \* ORIGAMI DE ONÇA-PINTADA  
COMETE SEPUKKU COM DAIMORU NA QUARENTENA \* FORCADO  
DE LABÃO É APARELHO DENTAL DO SHALOM \* CHACRETE  
DEMÉTER GIRA RODA DE IXION E HÉLIO GANHA O PRÊMIO DE  
RÁ \* CONJUNTOS INJETORES LIGAM NOMINALISTAS E  
CONCRETISTAS PARA RESOLVER O SEMANTEMA DO PROBLEMA  
\* SERRALHO FAZ SARRAFUSCA EM BLOOMINGDALE'S POR UM  
VISON DE QUATI \* BUFARINHEIRO É O MARRETEIRO DA BELLE  
ÉPOQUE \* O CARÁIBA JOGA ITAÚ NO TIBIRIÇÁ DE TIBIQÜERA \*  
O ABAPORU RECEBE UM DRYW DO BIG FOOT NO YETI \*  
TRIMEGISTRO REGISTRA SINERGIA DE NUVEM DE GAFANHOTOS  
NO LIVRO AZUL \* O AHIMSA DE BABUR ESTRAGA O DESJEJUM  
DO SAHIB \* O MONOGRAMA DO QUASÍMODO É A MARCA DA  
BESTA DO AVATAR DE ELOIM \* EM NOME DA PAPAÍNA NA VITELA  
E NO ESPETO DE ACÉM \* A ANTENA PARABÓLICA FAZ A PARÁBO-  
LA DO LEBENSRAUM DO TRANSPONDER \* A VÉSPER É A VESPA  
DA VÍSPERA DA VÍSPORA \* OS CIFRÕES PASSAM PELOS SIFÕES  
DO SAFENADO DA VITA BREVIS \*



TORRENTE HUMANA SOBE UMA ESCADA rolante que desce a ladeira da preguiça. Terêncio Vale esgota sua insuflação abúlica e conchava uma inconfidência. A dor de dormir sem sonhar é a dor de dormir em uma cama de pregos. O *Schmatz* no jardim das delícias é mais cruel que uma *Webrmacht*. O condenado de Dite começa a apagar a terra queimada de Vercingetórix. O corcel primevo sai de sua *multiple personality disorder* e dá um grito tonitruante:

— HHHHHHHUUUUAAAAA!

O pombo-correio do dilúvio traz a espada, e não o ramo. A espada das Termópilas e de Carlos XII. Quanto mais Terêncio Vale deixa de respirar o ar viciado das milongas, mais a influência do espírito entra em *fade-out*. O cordão umbilical que a imenta as seqüelas de Kardec é

rompido. O *doping* da ialorixá também começa a ser subtraído. Uma volta pelas trevas de Slumberland. Maria Gonçalves tenta retomar a cavilação de Biondetta:

— Terêncio, meu amor. Eu nunca vou me perdoar se eu fui a causadora desta mágoa. Você está muito nervoso! Venha, tome mais um golinho...

O porta-cachaça voa com um sopapo.

— Chega!

O marrom-glacê azeda. Terêncio Vale desabrocha:

— Chega de cachaça. Minha ressaca é das grandes. Os santos têm prioridade para proteger as crianças e os beberrões, mas tem caso que nem um milagre ajudaria.

— Como você ousa falar em nome dos santos?

— Eu tenho procuração.

— Mas, Terêncio, eu estou oferecendo meu amor consagrado!

— Olha, garota. Eu sei que você gostou de fazer amor comigo, mas eu preciso pensar na minha vida, no meu trabalho...

Zé Seixas anui:

— Você foi burlado, Terêncio.

O colágeno de Maria Gonçalves racha com essa evidência.

— Como assim, Zé?

— Você copulou com a galinha.

— Não! Não! Não!

Terêncio Vale sai correndo para fora do observatório, humilhado com a emulação. A galinha corre atrás de seu amante em *pari passu*.

— *Có, có, có, có!*

Berzelius Baldwin ainda tem suficiência rábica. Uma brisa gélida da Judeca expirada por um *gboul* enfornalha o cientista.

— *Vós vai morrer nagora.*

Maria Gonçalves impede:

— Não. Os filhos de Caim já erraram demais. Você não vai matar seu irmão.

Zé Seixas subentende a palavra “irmão” como um cumprimento de membros do *Black Panther*.

— Irmão? Como assim?

— Berzelius Baldwin é, no senso lato, seu irmão gêmeo.

Zé Seixas se esquiva:

— Espere. O Baldwin morreu e renasceu e eu só nasci.

Maria Gonçalves mais uma vez acode o entendimento:

— Toda essa confusão poderia ter sido evitada se não fosse um imprevisto do destino. O Berzelius Baldwin fez um pacto com o demônio para ter vida eterna. Mas, em 1984, o Berzelius, que naquela ocasião se chamava McNair, sofreu um acidente que desintegrou completamente seu corpo. A Challenger explodiu e seu corpo virou pó. O demônio pode ter todos os defeitos do mundo, mas ele leva bem a sério seus compromissos. A pessoa que vende a alma em troca de vida eterna tem garantias reais de vida eterna corporal. O Berzelius precisava ressurgir, e não renascer, como pensam os leigos. A primeira hipótese para que isto ocorra é o que os místicos chamam, em seu linguajar afetado, de “metempsicose por lineamento”. O primeiro gêmeo nasce, toma uma golfada de ar pela boca junto com os princípios tripartites e morre. O segundo gêmeo, ainda no útero, recebe, através do cordão umbilical, o princípio intelectual do irmão falecido, além do princípio divino e do princípio vital, que são universais. Acontece que há uma ordem de entrada destes princípios pela boca do nenê, uma ordem determinada pelo peso. Primeiro o divino,

segundo o vital e, por último, o intelectual, o princípio que diferencia os homens. O imprevisto foi que o primeiro nenê morreu antes de respirar o princípio intelectual de McNair. O Zé Seixas nasceu com seu princípio intelectual intacto e o Berzelius Baldwin ficou sem o almejado corpo. A prova disso está no teste de docimasia. A única saída do diabo era o mapeamento genético do corpo desintegrado.

— Mas por que o primeiro nenê tem que morrer?

— Você conhece a teoria de que não pode existir duas pessoas absolutamente iguais no mundo?

— Então, esse monstrengo era para ser eu? Ele queria reentrar no mundo à minha custa? E no meu corpo? Coitada da mamãe! Precisamos criar uma propedêutica para um novo *Diário do Bebê*.

— Sim, Zé Seixas. Sinto muito, o mundo é pequeno e o destino prega peças.

— E mamãe falava com dor no coração do meu irmão gêmeo que morreu no parto...

Berzelius Baldwin aproveita o momento do auto-de-fé para atacar. Ele arma um bote e anela perfurar uma jugular com a cunha de seu torpedo peçonhento. Oranian, o orixá criança, deseja parar uma bala no ar. Zé Seixas, mais rápido que o pensamento de uma notícia ruim, é contagiado por uma exaltação panglossiana. Ele abre a camisa, mostra o peito pixaim e diz:

— Vem, Baldwin! Me mata! Acaba logo com isso!

O cientista interrompe de chofre o ato de enxofre com uma genuflexão de frevo. A espontaneidade e a voluntariedade das vítimas revertem a axiologia dos assassinos. Atire a primeira pedra filosofal aquele que tiver mãos que afagam. As posições se invertem como um

hipérbato em uma paródia. Em terra de *clochard*, quem tiver dois cardigãs é rei.

— *Etá bem. Nã kero matar mlus ninguén. Kero sole la galina.*

*Leda está ausente. Maria Gonçalves chama:*

— Leda! Leeeeeda! Venha!

Bico calado.

— Estranho! Ela sempre vem quando chamo.

Um barulho de crepitar de gravetos vem de fora do observatório. Os três saem e vêem Terêncio Vale acendendo uma fogueira para grelhar um frango estrangulado. O frango é Leda. Maria Gonçalves berra:

— Tesconjuro!

Berzelius Baldwin zurra:

— *Mia galina dus ovos di oro!*

Terêncio Vale fala como se estivesse coordenando uma anomia:

— Eu estava com muita fome! Por aqui não tem restaurante, tem?

O narrador, um espírito estafeta de Tobias Barreto que ficou preso em um banco de dados, cala-se para sempre. *Terminus ad quem.*

WESTERN DE LEONE FAZ ROY ROGERS PEDIR QUEIJO RALADO  
 NO CHAPARRAL \* A ROSA CRUZ JOGA O PEQUENO POLEGAR NO  
 GRAAL PARA TESTAR UMA GRIMOIRE \* O POGROM DE DREYFUSS  
 É ACUSAR O MI-6 DE MR-8 \* SWASHBUCKLING É COPTA E  
 CAPULETO NA GONDÔLA DO NILO \* MINNESINGERS DE MÂNTUA  
 CANTAM CARÁTER ÜBERMENSCH DOS CONDOTTIERIS \* GASPAR  
 DA NUI FAZ HARVEY MANCHAR CANTERVILLE \* RAINHA DO  
 FRANGO ASSADO PÕE GREMLIN QUE COMEU SIMURG E SMURF E  
 A PÉROLA NEGRA NO MICROONDAS \* A COLHEITA DE BRÓCOLIS  
 EM ABROLHIOS PARA O CORAL DE COBRAS DO BRAILLE \*  
 MINOTAURO DE SPENCER E OS NOVELOS DE NOVILHOS NO  
 LABIRINTO DE ORGANDI \* DEUS EX MACHINA SUGAR RAY  
 JABELIA MARCIANO \* TRENZINHO CAIPIRA DE ORLANDO FURIO-  
 SO É METRÔNOMO PARA CORTADORES DE LINGÜIÇA \* BACO  
 CHEIO DE INFUSÕES AFRODISÍACAS COM TIRSO DE MATA-PAU  
 COMEMORA EPICURISMO DA EPCOT \* LINGUAGEM BINÁRIA DE  
 BOCAGE TROCA UMA BALA DE GOMA DE PAPAGAIO POR DUAS  
 LINGERIES \* CRÍTICA ESPECIALIZADA DA RAZÃO TOMA UMA  
 PURINHA EM KOENIGSBERG \* MENS SANA IN CORPORE CANA  
 NON ULTRA PLUS ALKA SELTZER \* O EMBAIXADOR COM SMOKING  
 FAZ TRIVELA DE RABO DE PORCO E CHALEIRA DE TRUFAS \*  
 GIBELINO DA GENERAL ELECTRIC AFUNDA NO ARNO A BATEDEI-  
 RA DO BALDAQUINO BRANCO \* JUNKER DEGOLA GOLEM PELO  
 FRACASSO DA WELTANSCHAUUNG \* TIMOTHY LEARY E GRAHAM  
 BELL ABREM PLANO DE EXPANSÃO DA CONSCIÊNCIA \* DECA-  
 DÊNCIA DO OCIDENTE É A COORDENADA CORROÍDA PELA CUL-  
 TURA DA NATUREZA QUE PRODUZ A TÉRMITE \*

## COLEÇÃO PEDRA DE TOQUE

A visão futuroológica de *PIRITAS SIDERAIS* é uma ironia dos grandes desastres ecológicos e revoluções políticas da literatura de ficção científica tradicional. A superpopulação provocou uma constrangedora crise de abastecimento dos apreciadores de churrasco e o Brasil assume oficialmente seu caráter pagão, incorporando o candomblé até no sistema de governo. A revolução da informática é vista como inevitável, estendendo seus tentáculos e causando dependência desde as formas de indústria cultural até as tecnologias de ponta. Uma galinha inca, um orixá com tendências a garimpeiro, um *gourmet* médium e uma mãe-de-santo que parece ter saído das capas de uma revista de

moda são os ingredientes necessários para que um satânico cientista americano, visando a sua própria sobrevivência, concretize uma antiga fábula infantil. A previsão sombria da literatura *cyberpunk* é satirizada com retoques barrocos.

*PIRITAS SIDERAIS* é o primeiro volume da "Coleção Pedra de Toque".

